

Memorias para a historia da medicina lusitana / [José Maria Soares].

Contributors

Soares, José Maria.

Publication/Creation

Lisboa : Academia [Real das Sciencias de Lisboa], 1821.

Persistent URL

<https://wellcomecollection.org/works/ayn5p493>

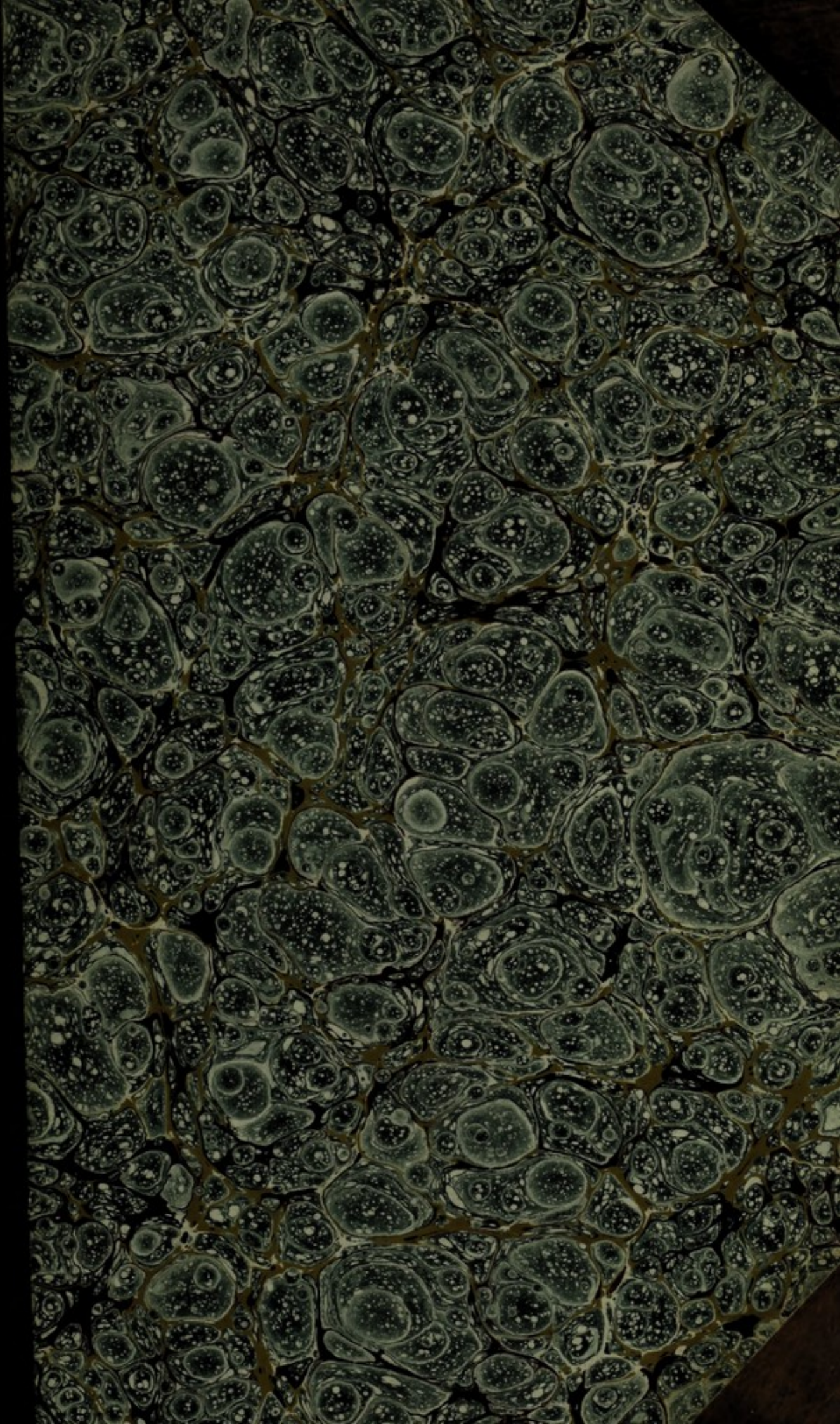
License and attribution

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.



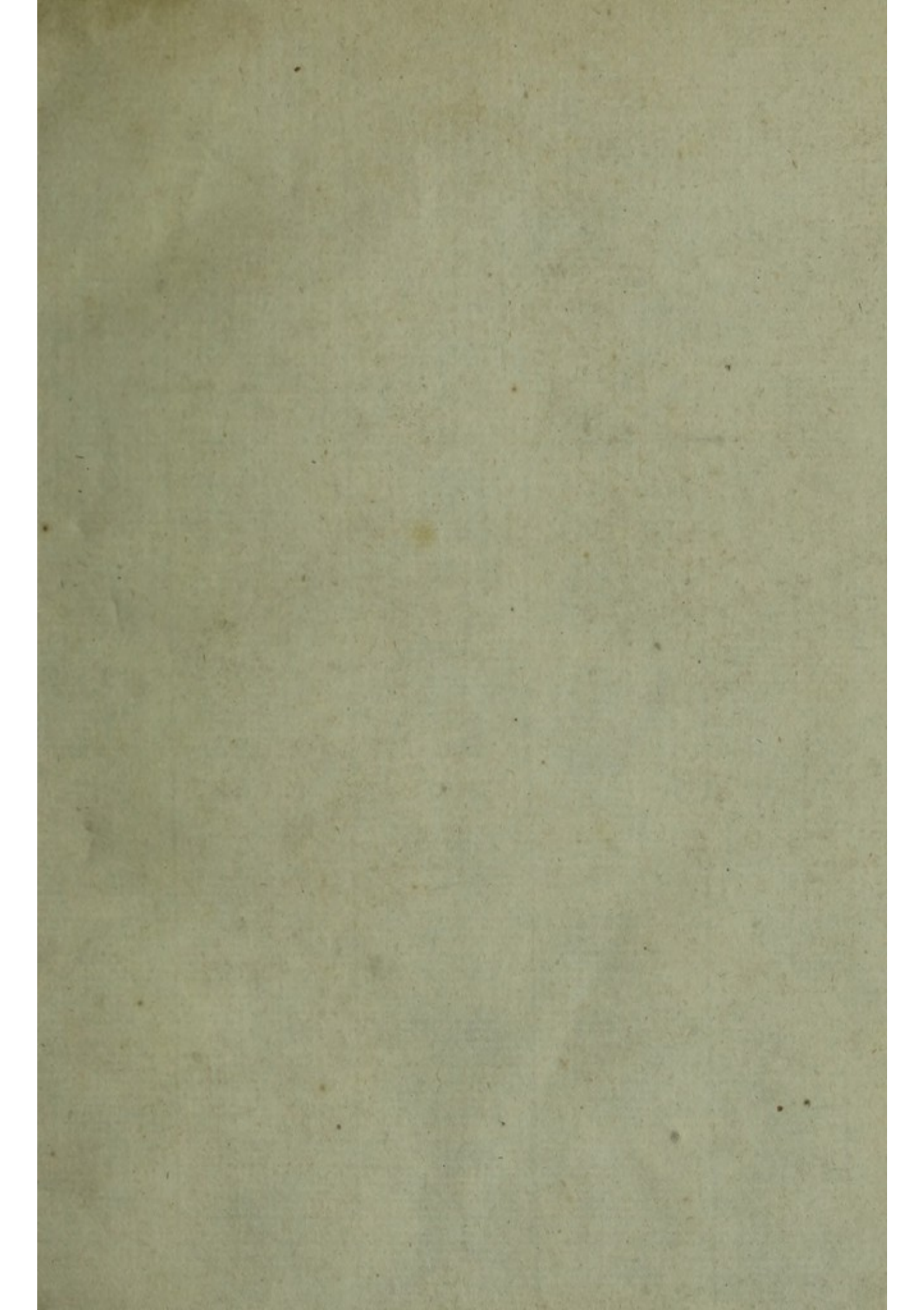
Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
<https://wellcomecollection.org>

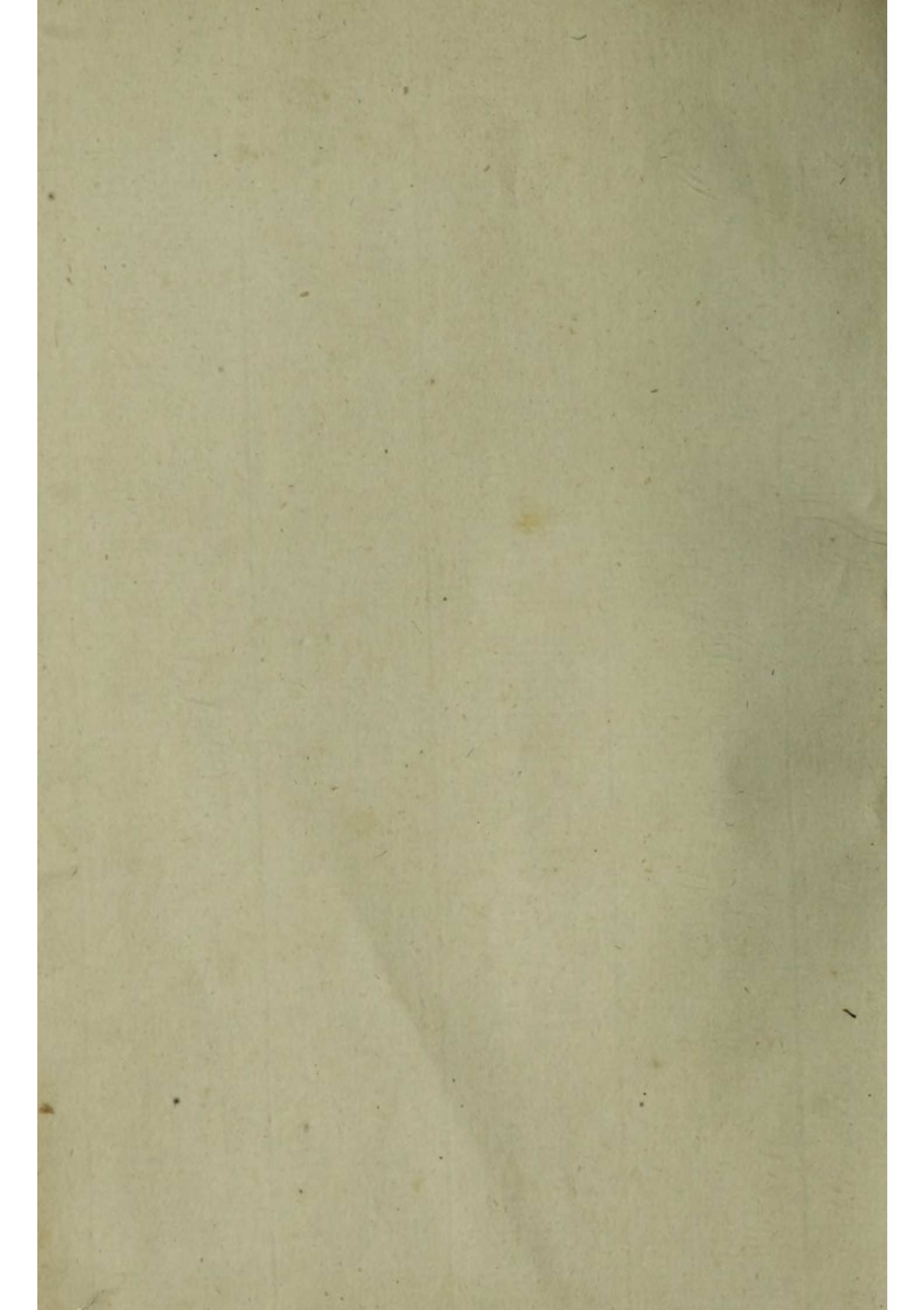


4885A/B

~~GALLERY~~

~~BW 35~~

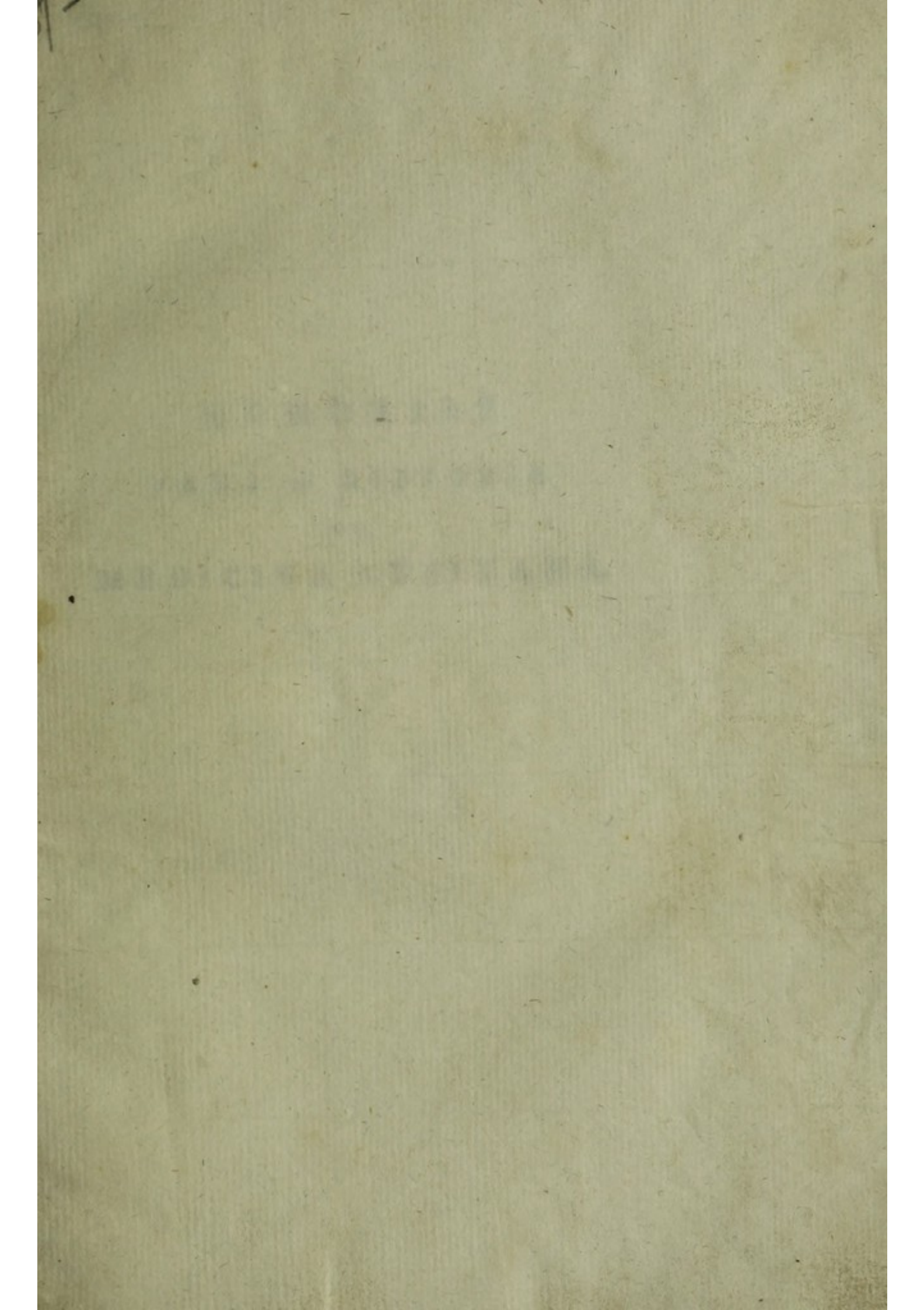


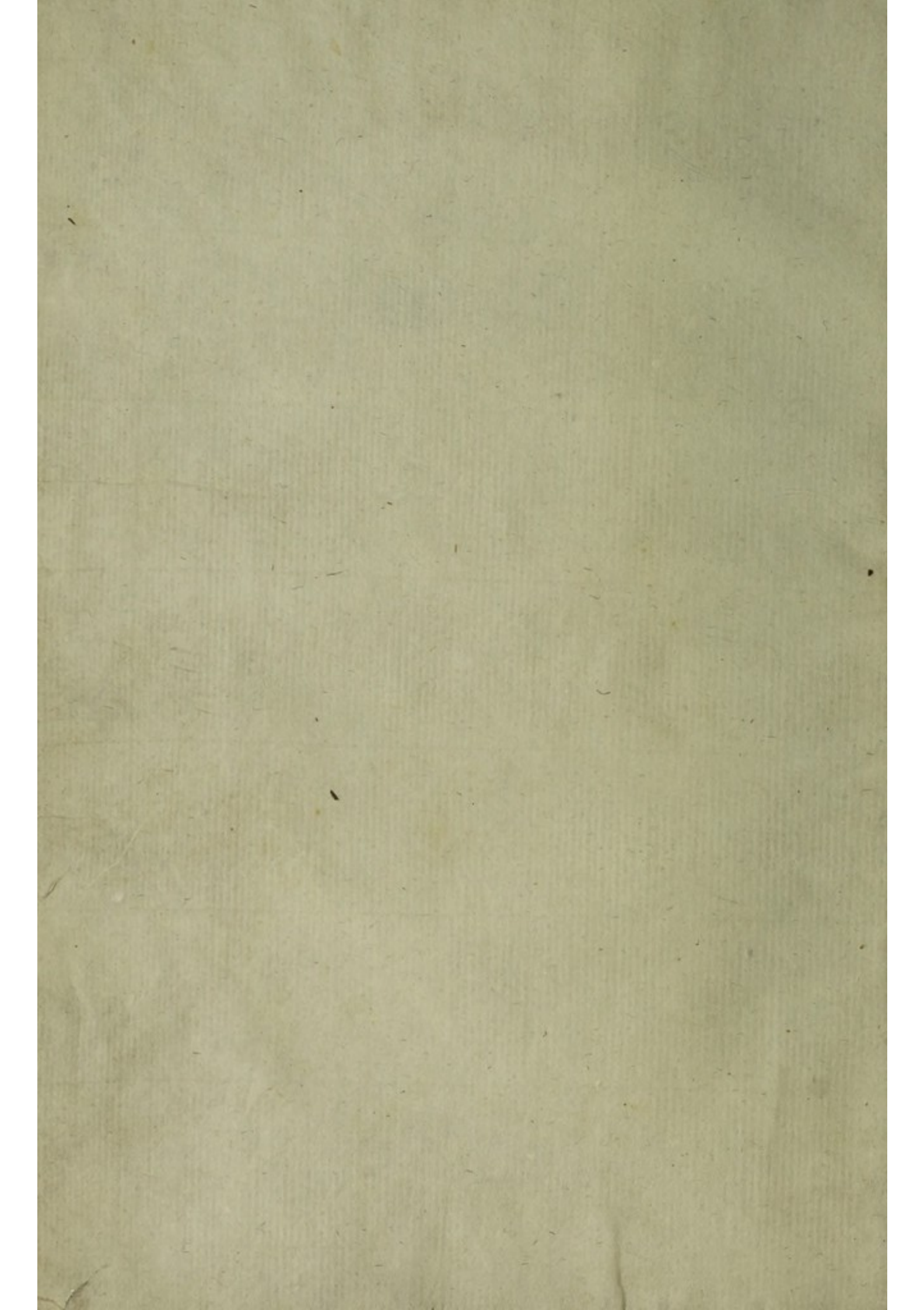




Galaxy

BW. 35





an

MEMORIAS
PARA A HISTORIA
DA
MEDICINA LUSITANA.

MEMORIAS
PARA A HISTORIA
DA
MEDICINA LUSITANA.

MEMORIAS
PARA A HISTORIA
DA
MEDICINA LUSITANA.

AUCTOR
JOSÉ MARIA SOARES,

S. G.

Cavalleiro da Ordem de Christo, Tenente Coronel Graduado, Primeiro Medico do Exercito, Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Membro da Instituição Vaccinica.

Altissimus creavit de terra Medicinam, et vir prudens non abhorrebit illam.

Ecclesiastico, Cap. XXXVIII.



LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1821.
Com Licença de SUA Magestade.

MEMORIAS
DA HISTORIA

MEDICINA LEGAL

AUTOR

JOSE MARIA SOARES

Medico da Ordem do Carmo, e da
Ordem do Hospital de Santa Maria da
Cidade de Lisboa, e da
Ordem do Hospital de Santa Maria da
Cidade de Coimbra.

Gallego

BW.35



LISBOA
NA TIPOGRAPHIA DA ARMA ACADEMICA
1827
COM LANCOS A 25 A REGRATADE.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

D A

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

D A

SESSÃO DE II DE MARÇO DE 1819.

*D*etermina a Academia Real das Sciencias, que as Memorias para a Historia da Medicina Lusitana, que lhe offereceo o seu Socio José Maria Soares, e que forão julgadas dignas da luz publica, se imprimão á custa da mesma Academia, e debaixo do seu Privilegio.

Sebastião Francisco de Mendo Trigozo,

Secretario da Academia.

ARTIGO

EXTRAVIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA

SESSÃO DE 11 DE MARÇO DE 1819.

Determina a Academia Real das Sciencias,
que as Memorias para a Historia da Medicina In-
diana, que lhe offerecer o seu Socio J. M. de
S. J. e que fôrão julgadas dignas de ser pu-
blicadas, se imprimam a custa da mesma Academia,
e de baixo do seu Privilegio.

Sebastião Francisco do Prado Trigozo,

Secretario da Academia.



PRIVILEGIO.

EU a RAINHA Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo-me representado a Academia das Sciencias estabelecida com Permissão Minha na Cidade de Lisboa, que comprehendendo entre os objectos, que formão o Plano da sua Instituição, o de trabalhar na composição de hum Diccionario da Lingoa Portugueza, o mais completo que se possa produzir; o de compilar em boa ordem, e com depurada escolha os Documentos, que podem illustrar a Historia Nacional, para os dar á luz; o de publicar em separadas Collecções as Obras de Litteratura, que ainda não forão publicadas; o de instaurar por meio de novas Edições as Obras de Auctores de merecimento, e cujos Exemplos forem muito antigos, ou se tiverem feito raros; o de trabalhar exacta e assiduamente sobre a Historia Litteraria destes Reinos; o de publicar as Memorias dos seus Socios, das quaes as que contiverem novos descobrimentos, ou perfeições importantes ás Sciencias, e boas Artes serão publicadas com o titulo de *Memorias da Academia*, ficando as outras para servirem de materia a separadas e distinctas Collecções, nas quaes se dê ao publico em Extractos e Traducções periodicamente tudo o que nas Obras das outras Academias, e nas de Auctores particulares houver mais proprio, e digno da Instrucção Nacional; e finalmente

mente o de fazer compôr, e publicar hum Mappa Civil e Litterario, que contenha as noticias do nascimento, empregos, e habitações das Pessoas principaes, de que se compoem os Estados destes Reinos, Tribunaes, ou Juntas de Administração da Justiça, Arrecadação de Fazenda, e outras particulares noticias, na conformidade do que se pratica em outras Cortes da Europa: E porque havendo de ser summamente despendiosas, tantas, e tão numerosas as Edições das sobreditas Obras, seria facil que a Academia se arriscasse a baldar a importante despeza, que determina fazer nellas; se Eu não Me dignasse de privilegiar as suas Edições, para que se lhe não contrafizessem, nem se lhe reimprimissem contra sua vontade, ou mandassem vir de fóra impressas, em detrimento irreparavel da reputação da mesma Academia, e das consideraveis sommas que nellas deverá gastar: Ao que tudo Tendo consideração, e ao mais que Me foi presente em Consulta da Real Meza Censoria, á qual Commetti o exame desta louvavel empreza; Querendo animar a sobredita Academia, para que reduza a effeito os referidos uteis objectos, que o estão sendo da sua applicação: Sou Servida Ordenar aos ditos respeitos o seguinte:

Hei por bem, e Ordeno, que por tempo de dez annos contados desde a publicação das Edições, sejam privilegiadas todas as Obras, que a sobredita Academia das Sciencias fizer imprimir e publicar; para que nenhuma Pessoa ou seja natural, ou existente, e moradora nestes Reinos as possa mandar reimprimir, nem introduzir nelles, sendo reimpressas em Paizes Estrangeiros: debaixo das penas de perdimento de todas as Edições que se fizerem, ou introduzirem em contravenção deste Privilegio, as quaes serão apprehendidas a favor da Academia; e de duzentos mil reis de condemnação, que se imporá irremissivelmente ao transgressor, e que será applicada em partes iguaes para o Denunciante, e para o Hospital Real de S. José.

Ex-

Exceptuo porém da generalidade deste Privilegio aquelles casos, em que as Materias, que fizerem o objecto das Obras que publicar a Academia, appareçam tratadas com variação substancial, e importante; ou pelo melhor methodo, novos descobrimentos, e perfeições scientificas se achar, que differem das que imprimio a Academia: sendo o exame e confrontação de humas e outras Obras feito na Real Meza Censoria, ao tempo de se conceder a licença para a impressão das que fazem o objecto desta Excepção: Encarregando muito á mesma Meza o referido exame, e confrontação; para consequentemente conceder, ou negar a licença nos casos occorrentes e circumstancias acima referidas. Nesta Excepção Incluo as Obras particulares de cada hum dos Socios; porque estas só poderão ser privilegiadas, ou quando forem impressas á custa da Academia, ou quando os seus proprios Auctores Me supplicarem o Privilegio para ellas.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que sejam igualmente privilegiadas pelo referido tempo todas as Edições, que a referida Academia fizer de Manuscriptos, que haja adquirido: com tanto porém que dellas não resulte prejuizo ás Pessoas, que primeiro os houverem adquirido, ou lhes pertença pelos titulos de Herança, ou de Compra, e tenham intenção de os imprimir por sua conta. E para que a este respeito haja alguma Regra, que attenda á utilidade publica, e á particular: Determino, que a Academia possa imprimir os referidos Manuscriptos; ou logo que mostrar que seus Donos não querem imprimillos; ou que havendo elles declarado quererem dallos á luz, o não fizerem no prefixo termo de cinco annos, que neste caso lhes serão assignados para os imprimirem.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que na generalidade do Privilegio, que a referida Academia Me supplica, e lhe Concedo na sobredita conformidade para a reimpressão das Obras ou antigas, ou raras, ou
de

de Auctores existentes, fiquem salvas as Obras, que a Universidade de Coimbra mandar imprimir; ou porque sejam concernentes aos Estudos das Faculdades, que se ensinão nella; ou porque sendo compostas por Professores della, as mande imprimir a mesma Universidade, como hum testemunho publico dos progressos, e da reputação litteraria dos referidos Professores: E fiquem igualmente salvas as outras Obras, que actualmente estão sendo ou impressas, ou vendidas por algumas Corporações, e por Familias particulares, e que nellas tem em certo modo constituido ha muitos annos huma boa parte da sua subsistencia, e patrimonio: e a cujo beneficio Poderei privilegiallas, ou prorogar-lhes os Privilegios que tiverem.

Hei por bem finalmente, e Ordeno, que na concessão do Privilegio, que igualmente Concedo na sobredita conformidade, para a referida Academia publicar o Mappa Civil e Litterario na fórma acima declarada, fiquem salvos os Privilegios seguintes, a saber: o Privilegio concedido aos Officiaes da Minha Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra para a impressão da *Gazeta de Lisboa*: O Privilegio perpetuo da Congregação do Oratorio para a impressão do Diario Ecclesiastico, vulgarmente chamado *Folhinha*: e o Privilegio que Fui servida conceder a Felix Antonio Castrioto para o *Jornal Encyclopedico*: Para que em vista dos referidos Privilegios, e das Edições, que fazem os objectos delles, se haja a Academia de regular por tal maneira na composição do referido Mappa Civil e Litterario, que de nenhum modo fiquem offendidos os mesmos Privilegios, que devem ficar illesos.

E este Alvará se cumprirá sem duvida, ou embargo algum, e tão inteiramente, como nelle se contém.

E pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço, Real Meza Censoria, Concelhos da Minha Real
Fa-

Fazenda, e Ultramar, Meza da Consciencia e Ordens, Regedor da Casa da Supplicação, Governador da Relação e Casa do Porto, Reformador Reitor da Universidade de Coimbra, Senado da Camara da Cidade de Lisboa, e a todos os Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, Magistrados, e mais Justiças, ás quaes o conhecimento e cumprimento deste Alvará por qualquer modo pertença, ou haja de pertencer; que o cumprão, guardem, fação cumprir, e guardar inviolavelmente, sem lhe ser posto embargo, impedimento, duvida, ou opposição alguma, qualquer que ella seja: para que a observancia delle seja inteira, e tão litteral, como nelle se contém. E Mando outro sim ao Doutor Antonio Freire de Andrade Enserrabodes, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór destes Reinos, que o faça publicar na Chancellaria, e que por ella passe: ordenando, que nella fique registado, e que se registre em todos os lugares, em que deva ficar registado, e conveniente for á sobredita Academia, para a conservação e guarda dos Privilegios, que neste Alvará lhe Tenho concedido. Dado no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos vinte e dois de Março de mil setecentos oitenta e hum.

RAINHA . . .

Visconde de Villanova da Cerveira.

Alvará pelo qual Vossa Magestade, pelos motivos nelle mencionados, Ha por bem conceder á Academia das Sciencias, estabelecida com a Sua Real Permissão na Cidade de Lisboa, o Privilegio por tempo de dez annos; para poder imprimir privativamente todas as Obras, de que faz menção: com excepções e modificações, que vão nelle expressas; e com as penas contra os transgressores do referido Privilegio: tudo na fôrma acima declarada.

Para Vossa Magestade ver.

Re-

Registado nesta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em o Liv. VI. das Cartas, Alvarás, e Patentes a fl. 93 y. Nossa Senhora da Ajuda 7 de Maio de 1781.

Joaquim José Borralho.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes. Gratis.

Foi publicado este Alvará na Chancellaria Mor da Corte e Reino, pela qual passou. Lisboa de Maio de 1781.

D. Sebastião Maldonado.

Publique-se, e registe-se nos Livros da Chancellaria Mor do Reino. Lisboa 18 de Maio de 1781.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. das Leis a fl. 34 y. Lisboa 19 de Maio de 1781.

Antonio José de Moura.

João Chrysostomo de Faria e Sousa de Vasconcellos de Sá o fez.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. de Officios e Mercês a fl. 68. Lisboa 21 de Maio de 1781.

Mattheus Rodrigues Vianna.

1

P R E F A Ç Ã O.

QUANTO importe a Historia de qualquer Sciencia, he tão evidente aos olhos de todos, que não deve submeter-se a discussão. Ninguém duvida de que só pelos esforços de muitos homens, observando em diversas epocas e circumstancias o mundo moral e fysico, repetindo e combinando tentativas e experiencias, he que se tem apurado finalmente verdades, formado corpos ou systhemas geraes de doutrina, e corrido hum pouco o escuro véo, que nos encobre as providentes leis, e o mysterioso mecanismo, com que a sábia Natureza opéra tantas maravilhas e prodigios. ¿E quem senão a Historia colhe, ajunta e enlaça as producções scientificas dos diferentes tempos; e assim com forças reunidas abre caminho a descobrimentos novos, e franquea passagem ao progresso das Sciencias? A Historia apresentando em hum quadro mais resumido os trabalhos do espirito humano por muitos seculos; collocando os factos nas devidas epocas, e indicando as relações ou pontos de contacto dos antigos com os modernos; e mais ainda se o Historiador interpõe judiciosas reflexões, que despertem a attenção do Leitor para melhor combinar noções, que posto diferentes em idade sejam analogas em natureza; finalmente a Historia apontando os nomes e merecimento dos Escriptores, que trabalharão sobre o seu objecto: por todas estas maneiras he huma copiosa fonte de luzes; e talvez a unica, onde o limitado talento humano póde achar vastidão de conhecimentos,

*

tos,

tos, que a curteza da vida não permite colher da leitura de Tractados particulares, immensos em numero, e grossos em volume.

Estas idéas geraes sobre a utilidade da Historia de qualquer Sciencia, mais do que a nenhuma outra, são applicaveis á da Medicina. *Ars longa vita brevis*, dizia o grande *Hippocrates*, quando pertendia exprimir, quão difficil seja formar hum Medico perfeito; e a tão grandes difficuldades só poderá fazer frente o auxilio da Historia, mostrando em breve ao Medico as revoluções, por que a Sciencia tem passado, os principaes descobrimentos, que tem feito, e os Escriptores, que pódem ser mais proveitosamente consultados.

Porém as vantagens da *Historia Medica* ainda são muito maiores, quando esta he a Nacional. Não falo da louvavel emulação, que desperta e anima engenhos fecundos, que aliás ficarião estereis, não sendo o seu amor proprio e talento picados pelo exemplo dos que no mesmo paiz ganharão celebridade e estima: não falo do muito que a Historia Medica Nacional concorre para o complemento da Historia geral da Nação; livrando do esquecimento factos, que esta de ordinario despreza em troca dos acontecimentos politicos e militares, seu particular objecto: não falo dos ultimos retoques, com que a Historia Medica Nacional aperfeiçoa o quadro dos costumes e civilização do paiz nas diversas epocas: finalmente não falo da gloria, a que toda a Nação aspira, de mostrar pela sua Historia Medica, que não he inferior ás outras, nem lhes cede em luzes e talentos dignos de huma Sciencia tão sublime como vasta, tão util como honrosa. Falo porém sómente, e he quanto basta, das grandes vantagens e infallivel melhoramento, que a Medicina Nacional
em

em todo o tempo póde ganhar; combinando as observações modernas com as que no mesmo terreno e clima se fizeram anteriormente; verificando as que antes forão apenas ensaiadas; examinando que molestias tem apparecido mais especialmente no paiz natal, quaes as suas causas, indole, marcha, remedios e exito; e em summa quaes os recursos e providencias medicas, que em diversas occasiões se julgáram adequadas ao temperamento dos doentes, e á natureza das molestias de hum mesmo Povo (a). He certo que a Historia por si só não póde ministrar sufficientes luzes sobre qualquer d'estes objectos em particular; he indispensavel consultar as obras, onde cada hum d'elles mais amplamente está desenvolvido: mas a Historia mostrará o mais breve e seguro caminho para que se chegue a acertar, quando o Medico precisa instruir-se sobre qualquer ponto da Medicina Antiga; porque, além de muitas noções compativeis com a rapidez, com que o Historiador deve passar de huma a outra epoca, a Historia por dever não póde omittir os nomes dos principaes Escriptores, e o objecto e merecimento dos seus escriptos; e d'este modo facilmente indicará os que melhor vérsão sobre o ponto desejado.

Quando porém se considera o espinhoso dever do Historiador Medico, em quanto deve interpôr o seu juizo sobre o merecimento alheio, céde a coragem aos impulsos da modestia e da justiça: a coragem, aliás tão precisa para explorar o vasto campo de tantos Escriptos, e para penetrar o escuro recinto do tempo, afim de conseguir as achêgas, com que se

* 2

(a) *Differe quoque pro natura locorum genera Medicinæ; et aliud opus esse Romæ, aliud in Ægypto, aliud in Gallia. Celso Pref. do Liv. I.*

levante o edificio da Historia. Este he talvez o motivo, por que a Litteratura *Portugueza* não possue até hoje huma Historia Medica Nacional. Não tem sido abandonada n'este Paiz a interessante Sciencia de conservar e restaurar a saude do homem; mui insignes talentos a tem cultivado com geral applauso; não faltão Escriptos, que mostrem não ser em muitas epocas a Medicina *Portugueza* nada inferior á das Nações então mais civilizadas e instruidas: mas tem faltado quem pela Historia perpetue memorias, que o tempo apaga, e recorde os nomes de mui sabios Medicos *Portuguezes*, cujos Escriptos ou não se publicárão, ou forão pouco conhecidos. N'estas circumstancias a gloria Nacional, a Litteratura Patria, e a Medicina *Portugueza* clamão, e tem direito a exigir da Faculdade hum serviço, que a constitue ao mesmo tempo honradora da Nação, boa filha das Letras, e fautora da Sciencia.

Persuadidos pois de que razões tão fortes não deixarão de tocar hum dia algum dos talentos, que ornão a Medicina *Portugueza*, e o animarão a emprender tão util Obra: já que em nossas forças não cabe desempenhála dignamente; nós lhe offerecemos n'estas Memorias algumas noções, que pouparão trabalho, e lhe deixarão mais aplanado hum caminho, que não foi trilhado ainda.

Não he pois do nosso intento, bem que serião os nossos desejos, fazer huma *Historia da Medicina Lusitana*; mas sim ajuntar n'estas Memorias os factos e apontamentos que pudémos recolher, e que servirão de materiaes para aquella Obra. He porém necessario, que elles sejam dispostos em certa ordem, e que guardem algum systema; não só para ficarem mais ao alcance do futuro Historiador, mas tambem para entre tanto supprirem de algum modo a fal-

falta de huma Historia completa , e poderem até certo ponto dar huma idéa do estado da Medicina do nosso Paiz nas diversas epocas.

Em quanto á ordem dos factos, a chronologica pareceo-nos ser a mais natural e propria em taes Escriptos. Será por isso este trabalho dividido em diversas Memorias, e cada Memoria abrangerá os factos de huma das epocas, por que a Medicina com mais ou menos fortuna tem passado no nosso Paiz. Como porêm os Povos, que habitárão o terreno de *Portugal* antes da fundação da Monarquia, tinham já certa civilização, será lisonjeiro á curiosidade de algumas pessoas ter noticia da Medicina d'esse tempo: para o que ajuntaremos na Memoria I.^a o que achámos, e se póde conjecturar a esse respeito; porque são mui escassas as noticias, que temos do tempo dos antigos Habitantes da *Lusitania*. Por tanto bem que a sorte da Medicina fosse mui diversa em tempo dos *Carthaginezes*, *Romanos*, *Godos*, e *Arabes*, e durando o dominio de qualquer d'elles formasse epocas assás distinctas; todavia pelo pouco que de então sabemos todas ellas se incluirão em huma só Memoria: e será forçoso muitas vezes deduzir a *Medicina Lusitana* das noções, que a Historia geral da Sciencia nos apresenta sobre a Medicina de qualquer d'aquelles Povos.

Mas em quanto á natureza e escolha das noticias julgámos conveniente não só apontar as que são puramente Medicas, mas tambem algumas relativas á civilização e circumstancias politicas, e ao estado da Filosofia e de outras Sciencias auxiliares da Medicina; pois os progressos d'esta dependem essencialmente d'aquelles acontecimentos e auxilios. A intima relação entre a Medicina e Cirurgia, o mutuo soccorro, que huma tem prestado á outra, a identi-

da

dade dos seus fins; tudo exige não a separar hum da outra, ou seja quando se apprende qualquer d'ellas, ou quando tem de referir-se os seus progressos: todavia porque já temos, e em *Portuguez*, hum *Historia da Cirurgia* (a), e para restringir mais o nosso objecto, assim mesmo bastante extenso, apenas tocaremos alguns factos relativos á *Historia Cirurgica*. Além d'isto não tendo havido entre nós hum *systema* particular e privativo de *Medicina*, que se possa chamar de *origem Portugueza*, não deixámos com tudo de prestar attenção, quanto nos foi possível, aos trabalhos e progressos da *Medicina Estrangeira*, accomodando-a ao nosso Paiz: por tanto a *Medicina Lusitana* teve de soffrer as mesmas revoluções, que a do resto da *Europa*, e a sua *Historia* está em immediata dependencia da *Historia Medica* particularmente da *Hespanha*, *França*, *Italia* e *Inglaterra*. N'estes termos pareceo-nos indispensavel apresentar em cada epoca hum breve quadro do estado da *Medicina* d'estes Paizes; o que dará grande luz ao nosso objecto, e habilitará o Leitor para, não só conhecer quando a *Medicina Lusitana* correio a par com a das outras Nações; mas tambem, ajudado pelas noticias acima promet-

ti.

(a) Falamos da *Bibliotheca Elementar Cirurgico-Anatomica* &c. por *Manuel de Sá Mattos*, que foi Cirurgião Mór do 2.º Regimento de Infantaria do *Porto* (actualmente N.º 18.): impressa no *Porto* em 1788. Esta obra faz honra ao seu A. pela critica e judiciousa escolha das noticias, que expõe; occupa-se porém mais da *Historia* geral da *Cirurgia*, do que da *Nacional*. A escacez d'este segundo objecto talvez dependesse; 1.º da grande decadencia, e aviltamento da *Cirurgia* na idade media, não offerecendo por tanto materia ao Historiador; 2.º do *systema*, que o A. adoptou, de omitir *Escriptos* frivolos, como naturalmente seria a maior parte dos que houvesse em *Portugal* nos primeiros seculos da *Monarquia*.

tidas, saber quando, e porque não fez algumas vezes iguaes progressos.

Não havendo porém, como já se disse, Historia alguma da *Medicina Lusitana* (a), he claro que não podemos aproveitar trabalho já feito por outrem; e por isso he forçoso recorrer á leitura das obras dos diversos Medicos Nacionaes, e por ellas ajuizar do estado da Sciencia: consultaremos tambem as Leis e Documentos diplomaticos, que pudermos obter, e que tenham relação com a Sciencia e Corporação Medica *Portuguesa*: não despresaremos o exame das diversas Bibliografias e particularmente da *Bibliotheca Lusitana* do nosso *Barbosa*: e aproveitaremos com a possivel critica o que des-

(a) Não temos até ao presente noticia de Historia alguma da *Medicina Portuguesa*; e muito desconhecida seria ella, para que escapasse ás indagações do nosso *Barbosa*, em cuja *Bibliotheca* apenas se notão as Obras de *Zacuto Lusitano*, *De Medicorum Principum historia*; a *Historia Medica* de *Gabriel da Fonseca*; e o *Portugal Medico*, ou *Monarquia Medico-Lusitana*, *Historica &c.* de *Braz Luiz de Abreu*; as quaes pelos seus titulos parecem tractar da Historia da Medicina. Porém examinadas ellas, vê-se, que nenhuma he destinada positivamente a este objecto, posto que para elle prestem algumas luzes. *Zacuto* chama Historia á exposição das opiniões de diversos Medicos sobre cada molestia, e portanto a sua he verdadeiramente hum tractado de Medecina: he certo que dá noticias historicas de muitos Medicos *Portuguezes*; mas citando-os, quando vem a proposito sobre as diversas molestias, e não para formar a sua Historia; e cita-os assim como a muitos Estrangeiros. A *Historia Medica* de *Gabriel de Fonseca* não he mencionada por *Nicolão Antonio*, nem por *Eloy* no seu Diccionario, e por isso duvido que existisse; pois a authoridade, em que se funda *Barbosa*, he mui fraca; e hum obra n'este genero, a unica de nossos Escriptores, não he provavel, que ficasse em total esquecimento. O *Portugal Medico* considerando os objectos, de que trata, por differentes faces, como indica no titulo, he mais hum Tractado de Historia Natural, do que Historia de Medicina.

descobrirmos em nossas Chronicas. Trabalho he este assás longo e penoso a quem, sujeito a outras obrigações, de poucas horas pode dispôr para tão ardua empreza: porêm o muito, que por falta de engenho e tempo nos escapar n'estas Memorias, será mais bem investigado depois por quem emprender a Historia da *Medicina Lusitana*.

MEMORIA I.

Noticias do estado da Medicina Lusitana antes da fundação da Monarquia Portuguesa.

CAPITULO I.

Da Medicina Lusitana antes da invasão dos Romanos.

§. I. **M**ui longa epoca foi, a que decorreo desde a criação do Mundo até que a *Lusitania* fosse invadida pelos *Romanos* (1): nenhuma porém he mais curta e escassa em noticias historicas bem averiguadas; e tem offerecido mais vasto campo á fantasia dos que por capricho tem pertendido formar huma Historia seguida de tão remotos seculos. Não se sabe ao certo em que tempo, e por que povos a *Lusitania* começara a ser habitada; he porém humá das opiniões que os *Gomeritas* ou *Celtas* forão os primeiros, que povoarão a *Europa*, e que pelo correr dos tempos chegarião a pisar o terreno *Lusita-*
A no

(1) He com effeito assás longa esta epoca, pois comprehende 38 Seculos; porque termina com a invasão dos *Romanos* na *Hespanha*, commandados pelos *Scipiões*, e expulsão dos *Carthaginezes*, o que aconteceu pelos annos 200 antes de *Jesus Christo* (*Brito, Mon. Lusit. Liv. 11. Cap. XXII. — Arte de verificar as datas.*

no (2). Deixando porém de averiguar tão difficil questão ; he certo que de tempo immemorial o nosso paiz foi habitado por diversos povos agrestes, que vivião independentes huns dos outros, sendo entre todos mais nomeados na Historia os *Turdulos* ou *Turdetanos*, que tambem forão os mais cultos (3).

§. II. A situação topografica da *Lusitania* pelos muitos portos, ameno clima e natural riqueza, offereceo facil accesso, amorosa hospedagem e abundantes lucros a Nações, ainda as mais remotas, desde que se atrevêrão a passar as *Columnas de Hercules*, e a entrar no *Oceano*; depois d'isso apparecêrão logo no terreno hoje *Portugal* colonias de *Fenices*, *Gregos* e *Carthaginezes* (4), que se estabelecerão ordinariamente nas costas, vivendo sobre si, e apossando-se de pouco terreno; á excepção dos ultimos, que sendo mais numerosos e guerreiros penetrarão o certão, e se extendêrão a maior dominio. Não temos com tudo noticias claras e exactas da Historia geografica *Lusitana* d'esses tempos: o que sabemos foi-nos transmittido pelos *Romanos* muitos se-

(2) *Hist. Univer. d'une société de gens de lettres* Tom. IV. pag. 107 nota, e 109. — O Padre *Jeronymo Contador de Argote* fundado na auctoridade de *Pomponio Mella* segue que os *Celtas* forão os Povos mais antigos, que consta terem habitado entre o Rio *Douro*, e o Cabo de *Finisterra* (*Antiguidades de Braga* pag. 40).

(3) Quando os *Fenices* vierão á *Hespanha* já aqui acharão os *Turdetanos*, com os quaes communicarão, e tiverão amizade (*Masdeu*, *Hist. Crit. da Hesp.* Tom. III. pag. 51).

(4) Posto que haja noticias mais claras da vinda de colonias *fenicias e gregas* á *Costa hespanhola do Mediterraneo*, e d'aquellas a *Cadiz* (*Masdeu* Tom. cit.), com tudo passa por bem averiguado, que os *Fenices* chegarão ao *Algarve*, e os *Gregos* occuparão a *Costa da Provincia do Minho* (*Argote*, *Obra cit.* pag. 12,

seculos depois da chegada d'aquelles Povos (5). N'estes termos he facil de crer, que os costumes, leis e instrucção da *Lusitania* n'esses tempos seriam diversos nos differentes logares, e proporcionados ao gráo de civilização dos seus Habitantes. Limitando-nos porém ao nosso objecto, vejamos qual seria a sua Medicina.

§. III. He opinião geralmente seguida que achando-se os primeiros homens sujeitos a molestias, a natureza os obrigaria a buscar por hum particular instincto meios de remediar seus males. Pequena reflexão basta para acreditar esta verdade. Nascêrão os homens condemnados a terminar com a morte a carreira de seus dias: e de tal arte se achou construida a

A 2

or-

e 38). Que o motivo, que trouxera os *Gregos* a este sitio, fôra o Commercio, he bem de suppôr (ainda que *Argote* se não atreva a dizelo); porque com o mesmo fim tinham já antes estabelecido feitorias na Costa Oriental da *Hespanha* (*Masdeu* Tom. III).

(5) Pelas noticias mais antigas, que temos consta, que a *Lusitania* era comprehendida entre a fôz do *Téjo*, e o Cabo de *Finisterra*; e que o espaço entre os dois rios *Téjo* e *Goadiana*, se chamava *Celtica*; como fundado em *Strabão* affirma *Argote* (obr. cit. pag. 38). Porém depois em tempo dos *Romanos* a *Lusitania* era limitada do Norte pelo rio *Douro*; do Meio dia pelo *Goadiana*; do Nascente por huma linha tirada do lugar, onde o rio *Pisuerga* se mette no *Douro* entre *Valhadolid*, e *Tordisilhas*, até *Villa Nova de Serena* sobre o *Goadiana*; e do Poente pelo *Oceano*. Comprehendia por tanto a *Lusitania* parte do que hoje he *Estremadura Hespanhola*, e excluia as nossas Provincias de *Entre Douro e Minho*, e *Traz dos Montes*. N'estes termos, como a nossa Memoria deve expôr noticias relativas a todo o paiz hoje *Portugal*, não excluiremos as duas Provincias do Norte, as quaes por brevidade, e sem grave erro geografico (pelo que dizemos no principio d'esta nota) comprehenderemos debaixo do termo geral *Lusitania*. Sobre esta divisão geografica, e quaes fossem os Povos, que antigamente habitáram as nossas Provincias, podem ser consultados entre outros *Brito* (*Monarquia Lusitana Geografia* Cap. IV.), e *Masdeu* (Obr. cit. Tom. VIII. pag. 17.)

organização humana, que, dependendo essencialmente dos corpos externos para a sua existencia, n'elles mesmos achasse as causas da morte: e para que esta pezada lei fosse infallivel, ainda quando não houvesse causas externas, foi decretado, que na mesma vida existisse o germe da morte gastando-se com o viver a maquina animal; e sendo por isso forçoso, que huma vez acabassem seus movimentos. A progressiva decadencia, que por estes motivos os órgãos vão soffrendo, successivamente murcha o viço dos primeiros annos, altera os movimentos e sensações, produz a dôr, e ao mesmo tempo excita o natural instincto e convida a razão a procurar hum remedio. Eis como as molestias formão os degrãos, por onde a vida desce para a morte: eis como os homens forão sempre e por natureza sujeitos a enfermidades: eis porque em todo o tempo buscarião instruir-se nos meios de curálas, e formar certa Medicina.

§. IV. Não he de tão pouco apreço a saude do homem, que elle deixasse de conservar em lembrança, os males, que soffreo ou vio nos outros; e os remedios, que o instincto (então mais fino) ou o acaso mostrou uteis, nocivos, ou indifferentes: e a descripção d'estes factos seria a mais preciosa herança, que os pais deixavão a seus filhos. He por tanto bem crível ter sido a tradição o primeiro livro da Medicina; livro que o tempo faria mais correcto e volumoso.

§. V. Estas conjecturas, a que a razão nos leva, são comprovadas pelos poucos factos, que sobre esta materia se encontrão nas Historias dos antigos Povos. Foi costume talvez geral entre estes expôr os doentes nas ruas e estradas, para consultarem quem passava, e pedirem-lhe remedio para suas molestias; e o passageiro incorria em crime grave, se
re-

recusava ensinar o que soubesse em beneficio do desgraçado enfermo. Não foi talvez outro por muitos seculos o modo de practicar a Medicina; assim fazião os antigos *Egyptios*, os *Assyrios* e ainda os *Persas* (6): e foi esta igualmente a practica mais antiga na *Lusitania*, pois consta que os naturaes d'este paiz, ainda antes de communicarem com os estrangeiros, tinham o mesmo costume (7).

§. VI. A gratidão e os remorsos, sentimentos que nascêrão com o homem, naturalmente o encaminharão a recorrer á Divindade para agradecer os beneficios, e implorar perdão dos crimes: as molestias, sendo hum mal, forão logo attribuidas a castigo; e o homem obrigado por estas idéas procurou os templos para applacar com offertas a Divindade, e consultar os Sacerdotes interpretes da vontade divina. D'esta maneira a Medicina, que a natureza ao principio confiara á caridade de qualquer homem,

(6) *Strabão* Liv. III. *Mahon*, *Hist. da Med. Clinica* pag. 8. *Sprengel*, *Historia da Med.* Tom. I. pag. 58. A duvida que *Sprengel* no l. c. tem a respeito dos *Egyptios*, dizendo que n'esta passagem de *Strabão* se deve lêr *Assyrios* em logar de *Egyptios*, não me parece bem fundada, porque por haver muito quem affirme ter sido este costume dos *Babylonios*, e *Assyrios*, não se segue, que os antigos *Egyptios* não practicassem o mesmo; pois esta practica parece ter sido adoptada por todos os Povos no principio da sua reunião em sociedades. He verdade que, segundo podemos alcançar pela Historia, os *Egyptios* forão dos que primeiro começárão a cultivar as Sciencias, e a Medicina; porém como *Strabão* fala dos antigos *Egyptios* (ο Αἰγύπτιοι τοπαλαίων *Aegyptii antiquitús*) não admira, que então por falta de outros meios recorressem áquelle nas enfermidades.

(7) *Strabão* (Liv. III.) assim o affirma a respeito dos *Turdetanos*: e posto que estes não fossem os unicos povos da *Lusitania*, he de crer que todos os naturaes desta tivessem o mesmo costume, como se collige de *Masdeu*, *Hist. Crit. de Hespanha*. Tom. III.

mem, passou depois a ser entregue quasi exclusivamente aos Sacerdotes. Foi a Medicina Sacerdotal tão geralmente adoptada, e lançou raizes tão profundas, que não só entre todos os mais antigos Povos até ao tempo das Escolas da *Grecia*, mas tambem em tempo d'estas e muito depois mereceo particular estima e veneração (8).

§. VII.

pag. 145, e 149), o qual falando em geral de todos os Povos da *Hespanha*, lhes attribue este mesmo costume. Veja-se tambem *Britto*, *Monarq. Lusit.* Liv. II. Cap. III.

(8) A Historia dos mais antigos Povos mostra, que entre elles era de antiquissima tradição respeitar como deoses certas personagens, que acreditavão terem sido insignes na Medicina, e levantar-lhes templos, cujos sacerdotes consultando os deoses ensinavão os remedios. De todos foi *Esculapio* o mais famoso deos da Medicina. *Le Clerc* o julga nascido na *Fenicia* (*Hist. de la Méd.* Livr. I. Cap. VIII.) O *Hermes* mui antiga devindade medica dos *Egypcios*, teve templos no *Egypto*, onde se conservavão guardados os Livros, que elle deixára, seis dos quaes erão relativos á Medicina (*Hist. Univ. d'une Société de gens de lettres* Tom. I. pag. 398. — *Sprengel*, *Hist. da Med.* Tom. I. p. 41). Os *Gregos* apprendêrão dos *Fenices*, e *Egypcios* a Mythologia; formárão a seu modo a origem do seu *Esculapio*, cujos mais notaveis templos forão os de *Titane*, *Tricca*, *Tithoreo*, *Epidauro*, *Coo*, *Megalopolis*, *Cyllene*, e *Pergamo* (*Sprengel*. Tom. I. p. 141). O de *Epidauro* he mui conhecido pela embaixada, que ali mandárão os *Romanos* para o trazer para *Roma* (*Hist. Univ.* Tom. VIII. p. 311. — *Sprengel* Tom. I. p. 182). Dos descendentes de *Esculapio*, chamados *Asclepiades*, nascêrão tres familias, que mais se distinguirão em conhecimentos medicos, e que fundárão as tres Escolas de *Rhodes*, *Cnido*, e *Coo* (*Mahon*, *Hist. da Med. Clin.* p. 14); e estes *Asclepiades* erão os Sacerdotes d'aquelles templos. Continuava por tanto na *Grecia* a Medicina sacerdotal; ainda depois de haverem já escolas de Filosofos, como forão as de *Pythagoras*, e seus discipulos. Da *Grecia* passou a Medicina sacerdotal para *Roma*, e seus dominios, onde persistio até ao tempo dos *Christãos*, cujos Sacerdotes por muitos seculos se derão tambem ao estudo, e practica da Medicina, como depois se verá. A perseverança da Medicina em poder do sacerdocio se mostra igualmente pela Historia Sagrada, na qual se

§. VII. As Colonias, que da *Fenicia*, *Grecia* e *Carthago* vierão á *Lusitania*, aqui trouxerão suas leis, costumes, artes e sciencias; e sendo a Medicina huma das que a Historia nos affirma, que merecêra mais attenção principalmente aos *Fenices* (9), os *Lusitanos* ao passo que communicavão mais com aquelles Estrangeiros, assim como se instruirão no commercio, navegação etc. (10), tambem apprenderião a sua Medicina, e o seu modo de a practicar (11).

§. VIII.

vê, que os *Levitas*, sacerdotes do Povo *Hebreo*, e depois os *Profetas*, por aquelles terem degenerado da antiga perfeição, forão os que ensinarão a Ley, e practicarão a Medicina (*Levitico* Cap. XIII., e XIV. Liv. III. dos Reis Cap. XVII; Liv. IV. Cap. V, e XX. *Paralipomenon*. Liv. II. Cap. XVI.).

(9) Assim o affirma *Masdeu* (Obr. c. Tom. III. pag. 22) corroborando a sua opinião com a auctoridade de *Gouguet*: e este historiador na sua obra *De l'origine des lois, des arts, et des sciences chez les anciens peuples* Tom. I. pag. 403.

(10) Os Povos indigenos da *Hespanha*, que a Historia nos apresenta como mais antigos, e apurados em civilização e industria são os *Turdulos* ou *Turdetanos*; e tudo deverão á estreita amizade, que tiverão com os *Fenices*, então os mais instruidos. D'estes apprendêrão a navegação, e commercio (*Masdeu* Tom. III. pag. 65); d'elles receberão o alfabeto, e certa instrucção litteraria, que se prova pelos Poemas, e Leis, que a Historia affirma que elles tiverão muito antes de communicarem com os *Romanos* (*Idem* pag. 67 — *Strabão* o Liv. III.), e por isso forão os primeiros, que se accommodarão aos costumes *Romanos* (*Masdeu* *ibid.*). He porém de notar, que não erão só os *Turdetanos*, que occupavão a *Lusitania*; porém como a Historia quasi se cala a respeito dos costumes, e instrucção dos outros, o que certamente procede de não terem n'aquelle tempo communicação com os Estrangeiros, he de crer, que elles se conservarião na primitiva rudeza (*Ibid.* pag. 145.) até ao tempo em que forão incommodados em seus lares pelos conquistadores *Carthaginezes* e *Romanos*, e por isso a sua Medicina não passaria então da que dissemos na Nota 7.

(11) Julga-se que os *Fenices* forão os povos mais antigos em civilização, e de quem os *Egyptios* apprenderão a Mythologia: se-

§. VIII. A idolatria, que tinha já sido introduzida na *Hespanha* pelos *Fenices* (12), muito mais se arraigou continuando a ser praticada pelos *Gregos*; os quaes não deixariam de inculcar aos *Hespanhoes* e *Lusitanos* as curas maravilhosas do seu *Esculapio*, a esse tempo já mui respeitado na *Grecia* (13). Era porém a Medicina de *Esculapio* muito imperfeita, e a poucas molestias extendia a sua alçada, e n'essas mesmas a fraqueza dos remedios era disfarçada e soccorrida com encantos, ceremonias e gesticulações supersticiosas (14): pouco mais avançarão em conhecimentos medicos os seus descendentes, chamados *Asclepiades*, que moravão junto aos templos de *Esculapio*, e lhe promovião o culto (15).

§. IX. Foi mais tarde que os *Carthaginezes* chegarão á *Hespanha*, e muito mais quando com mão armada se entranharão na *Lusitania* penetrando

rião portanto os primeiros, que confiassem aos sacerdotes a practica da Medicina.

(12) *Musdeu* Tom. III. pag. 99.

(13) *Esculapio*, segundo diz *Bernier* (*Hist. Chronol. da Med.* pag. 38) pelo testemunho de *Wolph*. Justo existio no Seculo XVIII antes de Chr.; porém ainda que seja fabulosa esta antiguidade, pois segundo diz *Masdeu* (obr. c. Tom. III. pag. 76) só no Seculo XV. os *Gregos* começaram a civilizar-se, he certo, que *Homero*, que viveo no Seculo X. (*Dicc. hist.*) já fala de *Esculapio*, e da sua sciencia medica. Portanto sendo n'este Seculo a primeira viagem dos *Gregos* á *Hespanha* (*Masdeu* Tom. III pag. 78); tendo passado o Estreito de *Gibraltar* no VIII. (*Ibid.* pag. 82), e no V. estando já estabelecidos no *Minho* (*Brito*, *Mon. Lus.* Liv. II. Cap. IV.), não he para admirar, que n'estes pontos da costa de *Hespanha*, houvessem templos, e sacerdotes de *Esculapio*; bem que não restem documentos, que provem telos havido n'esse tempo, nem os achassemos mencionados nas *Historias* que lemos.

(14) *Mahon* *Hist. da Med. Clin.* pag. 11.

(15) *Vej.* Nota 8.

do até ao paiz dos *Vettões*: e passados nove annos em guerra continuada e renhidas pelejas travarão amizade com os *Lusitanos*, durando a qual ganhariam estes muitas luzes (16), e receberião as noções e prática dos *Carthaginezes* na arte de curar: não he porém de presumir, que estes excedessem em conhecimentos aos *Gregos*; e a Medicina seria pouco mais ou menos a dos Sacerdotes de *Esculapio* fundada em cego empirismo e em ridiculas superstições (17).

§. X. Taes são as succintas noticias, que sobre a natureza da Medicina *Lusitana* podemos descobrir no vasto pelago de incertezas e fabulas, em que fluctua a Historia de tão remota epoca.

B

CA-

(16) A primeira Colonia *Carthagineza* veio á *Hespanha* no Seculo VIII. antes de *Christo*, e estabeleceo-se na Ilha de *Iviça*, ou *Ebusus* no *Mediterraneo*: vierão depois os *Carthaginezes* á costa de *Valencia*, e *Murcia*, onde fundarão posteriormente *Carthage-na* (*Masdeu* Tom. III. pag. 104 e 105): porém tendo afracado algum tempo as suas relações, e influencias na *Hespanha*, voltáram no Seculo III. com força armada, capitaniados por *Hamilcar*, o qual sustentou a guerra nove annos, e morreo na que fez aos *Vettões* (*Brito* Monarq. Lus. Liv. II. Cap. XVI. *Masdeu*, obr. c. pag. 123 e seg. *Amaral*, *Memorias de Litteratura da Academia R. das Sciencias de Lisboa* Tom. I. pag. 20.): por fim já os *Carthaginezes* estavam em melhor intelligencia com os *Lusitanos*, pois estes os ajudarão nas guerras contra os *Romanos*, como conta *Tito Livio*; e portanto aquelles povos da *Lusitania*, que dissemos (Nota 10) estarem ainda boques em tempo que os *Turdetanos* já tinham civilização, agora a começação a ganhar pela communicação com os *Carthaginezes*.

(17) A Historia dos *Carthaginezes* consta-nos pelos *Historiadores Romanos* seus capitães inimigos, e por isso estes não se descuidarão de encobrir, o que podia fazer gloria aos *Carthaginezes*, tratando-os de ignorantes. Porém apesar d'isto não deixamos de saber, que em *Carthago* houve Bibliotecas, houve Sábios (*Historia Universal* Tom. XI. pag. 662), e foi respeitado *Esculapio* (*Ibid.* pag. 637).

CAPITULO II.

Da Medicina Lusitana, depois da invasão dos Romanos.

§. XI. **E**NTRAMOS em huma epoca bem que mais curta em tempo (18), muito mais fertil e exacta em noticias historicas; porque achando-se então o espirito humano mais desenvolvido, e a instrucção mais apurada, não faltou quem por meio de escriptos, e de outros monumentos cuidasse de transmitir á posteridade as luzes e fastos d'aquelles Seculos. Porêr assim mesmo não podemos julgar-nos assás felizes e illustrados sobre o presente assumpto; porque são poucos e insufficientes os documentos, que nos restão para formar historia exacta da Medicina *Lusitana* d'esta epoca: esperamos com tudo que o objecto fique mais esclarecido do que na antecedente. Para o conseguir será forçoso combinar esses poucos factos da Medicina *Lusitana* com a Historia da Medicina de *Roma*, e com os principaes acontecimentos politicos d'aquelle tempo, tendo sempre em vista que a *Lusitania* foi então huma Provincia *Romana*, e que a sorte das Sciencias está sempre dependente da protecção e luzes dos Soberanos, e da tranquillidade e esplendor dos Estados. Seguindo este plano, mais poderemos avançar: porque sabemos que a politica de *Roma* introduzia nas

Pro-

(18) Esta epoca comprehende perto de 600 annos, que tantos decorrerão desde que a *Hespanha* foi invadida pelos *Scipiões* 200 annos antes de *Jesus Christo*, até á entrada dos Povos do Norte no anno 409 da Era *Christã*.

Provincias os seus costumes, sciencias, leis, fórma de governo, e classes de empregados publicos; sabemos o estado da Medicina em Roma n'esta epoca; sabemos que na *Hespanha*, e na mesma *Lusitania*, em tempo dos *Romanos* houve Medicos tão celebres, que seus nomes merecêrão ser gravados em lapidas e recommendados á posteridade; sabemos que houve estabelecimentos relativos á Medicina e semelhantes aos de *Roma*; sabemos que a Materia Medica dos *Romanos* se enriqueceo com medicamentos ministrados pela *Hespanha* e *Lusitania*; e com todos estes dados poderá pelo menos ajuizar-se, qual seria então a Medicina *Lusitana*. Não se estranhe, que nos sirvamos de factos e documentos tirados da Historia das outras provincias da *Hespanha* para comprovar as nossas asserções sobre a Medicina da *Lusitania*: a necessidade exige, que para dar mais força reunamos os poucos factos, que a Historia de humas e outra nos subministra, certos de que o estado das Sciencias e Artes em qualquer d'ellas era o mesmo, bem como a legislação, fórma de governo, e influencia da Côrte era igual para todas; houve só a differença de começarem as letras a florescer mais tarde na *Lusitania* por ser a ultima subjugada. N'esta parte imitaremos o plano das outras Histórias da Peninsula.

§. XII. A irreconciliavel inimizade, que tantos annos persistio entre *Carthaginezes* e *Romanos*, lembrou a estes a conquista da *Hespanha*, d'onde seus inimigos tiravão poderosos soccorros. Entrárão portanto na Peninsula, 200 annos antes da era Christã, os exercitos da Republica; e bem que soffressem graves perdas, a final sujeitárão a maior parte do Paiz, a que derão Magistrados e Leis, e communicárão suas luzes e costumes: os *Lusitanos* po-

rêm ainda resistem, só mais tarde cedem, e por isso são os ultimos em receber as leis, costumes, artes, e sciencias dos *Romanos*. N'estes termos a Medicina *Lusitana* não podia melhorar do estado, em que existira durando o dominio pacifico dos *Carthaginezes* (§. IX.)

§. XIII. Nos ultimos tempos d'esta sanguinosa guerra, ou 80 annos antes de *Christo*, a *Lusitania* disputando ainda a sua independencia, e negando-se ao jugo da Republica, já começava a tirar partido da Litteratura dos seus inimigos: porque tomando por General a *Sertorio*, Capitão *Romano*, este, a quem não erão estranhos os progressos da civilização, e luzes do seu Paiz, ou por lance de politica, ou rasgo de afeição, principiou a polir os *Lusitanos* mandando-lhes ensinar as linguas *grega* e *latina* (19). Porêr esta porta das Sciencias franqueava então mais o gosto das bellas letras, que florescia em *Roma* (20); do que o estudo da Medicina, que emi-

(19) He facto comprovado na Historia, que o Capitão *Sertorio*, ou por amor ás Letras, ou por afeição aos *Hespanhoes*, e *Lusitanos*, e de cujo valor esperava melhorar de fortuna, ou finalmente por ardil politico, estabeleceu em *Huesca* Escolas, onde se ensinassem as Linguas, *grega* e *latina*; a estas Escolas mandarão seus filhos os *Lusitanos* mais respeitaveis, e com particularidade o farião os habitantes de *Evora*, Cidade que *Sertorio* escolheu para seu principal domicilio, que beneficiou com aqueductos e muralhas, e que parecia destinada para sua futura Côrte. (*Brito Monarquia Lusitana* Liv. III. Cap. XVIII. *Masdeu* Tom. VIII. pag. 148). Começando desde este tempo os *Lusitanos* a conhecer as Linguas *grega*, e *latina*, estavam ao alcance de se instruir nos diversos ramos de Sciencias, e Artes, consultando os muitos escriptos, que então erão já familiares entre os *Romanos*.

(20) No ultimo Seculo antes da Era *Christã* sendo *Roma* governada ainda pela Republica, chegarão ali as Bellas Letras ao seu maior esplendor, cultivadas por *Lucrecio*, *Catullo*, *Cicero*, *Horac*

emigrada de outros Paizes ainda ali não estava naturalizada, como passamos a ver.

§. XIV. Erão já passados alguns Seculos depois que na *Grecia* a Medicina, arrancada do recinto dos templos, e da sujeição ao empirismo sacerdotal, tinha sido nas Escolas dos Filósofos elevada ao grão de Sciencia, fazendo huma parte da Filosofia Natural (21). Já o immortal *Hippocrates*, nascido na infancia da Sciencia Medica, tinha sobre ella escri-

cio &c.; porém a Filosofia Natural, e em particular a Medicina não fazião iguaes progressos. Por isso tambem os *Hespanhoes*, começando a estudar as Linguas *grega*, e *latina* na Escola de *Osca*, ou *Huesca* estabelecida por *Sertorio* pelos annos 80 antes de *Jesus Christo*, o que melhor podião apprender de seus mestres os Romanos erão as Bellas Letras; effectivamente assim aconteeo, porque não constando haver por esse tempo Sabios *Hespanhoes*, que se fizessem célebres em outros ramos, todavia já no anno 62 antes da Era *Christã* *Cicero* (*Pro Arch. Poeta*) fallava nos Poetas de *Cordova*; e pouco depois floreceo em *Roma* *Marco*, *Porcio Latrão Hespanhol*, e insigne Professor de Eloquencia. (*Plinio* Liv. XX. Cap. 14. *Quintiliano*, *Orat. Instit.* Liv. X. Cap. 5. *Seneca*, *De Controvertiis* Liv. I.).

(21) O primeiro Filosofo célebre da *Grecia* foi *Pythagoras*. Ha questão entre os Historiadores sobre o anno em que nascêra. Os AA. do *Nouveau Dictionnaire Historique* seguem que fôra 592 annos antes de *Jesu-Christo*; porém *Brucker* (*Hist. Crit. Philosophie* Tom. I. pag. 998) apenas se atreve a affirmar, que nem fôra antes do anno 4.^o da Olympiada XL., nem depois do 4.^o da Olympiada LII., que vem a ser entre 604, e 488 annos antes de *Jesus Christo*. *Meiners* (*Hist. da origem &c. das Sciencias na Grecia*, versão franceza Tom. II.) julga que elle nascêra alguns annos antes da Olymp. L. Deixando porém esta questão he certo, que *Pythagoras* depois de instruido pelas suas viagens ao *Egypto*, *Chaldéa*, e *Asia Menor* voltou á *Grecia*, estabeleceo a célebre Escola de *Crotona* na *Magna Grecia*, comprehendec na sua Filosofia a Medicina, e propoz-se a explicar os phenomenos fisiologicos e pathologicos, que os Sacerdotes de *Cnido* e *Cóo* se contentavão simplesmente de observar (*Mahon* *Historia da Medicina* pag. 16). A doutrina de

cripto hum corpo de doutrina regular, thesouro então e até hoje sempre estimado (22). Já da *Grecia* tinha a Medicina scientifica passado para *Alexandria*, e com tal enthusiasmo era ali cultivada, que a imaginação escandecida desviava os Medicos do caminho seguido por *Hippocrates*, inventava opiniões e *systhemas* diversos, e formava partidos ou seitas, que entre si sustentavão a mais profiada rivalidade (23). E ainda a esse tempo a Medicina em *Roma* estava limitada ás practicas empiricias e supersti-

Pythagoras metafisica mysteriosa e obscura foi seguida por mais de 500 discipulos, alguns dos quaes a modificação, e dêrão principio a novas seitas filosoficas. Entre os Filósofos, que succederão a *Pythagoras*, e que forão célebres em objectos Medicos contão-se *Alcmeon*, *Empedocles*, *Democedes*, *Democrito*, *Acron* e outros. De todos os ramos de Medicina, o que foi mais cultivado por estes Filósofos foi a Hygiene particularmente nos artigos *alimento*, e *exercicio*.

(22) *Hipocrates* nasceo 460 annos antes de *Jesus Christo* (Dicionario Historico). Seria exceder os limites de huma nota, se nos propozessemos descrever a sua vida e character, e analysar o merecimento dos seus escriptos. São estas idéas mui sabidas, e o merecem ser por todos os Medicos. Basta dizer que n'elle brilhavão todas as virtudes moraes, que ornão o homem de bem, e realção o merecimento do Medico; pois os seus escriptos são fiel documento da sua humanidade, desinteresse, segredo, modestia, e gravidade: e sua doutrina, tendo sido a pedra de tocar para se conhecer o valor das que tem havido no decurso de 20 Seculos, he ainda hoje consultada como oraculo, presando-se de bom Medico, o que imita *Hippocrates*.

(23) As primeiras Seitas forão as duas de *Dogmaticos*, e de *Empiricos*. Aquelles, filhos primogenitos da Escola *Hippocratica*, admittião theorias, e com hypotheses e subtilezas filosoficas pretendião explicar os phenomenos: excessivos porém nas theorias afastavão-se do caminho indicado e seguido por *Hippocrates*: estes que tambem respeitavão o Medico de *Cóo* nada querião explicar; contentando-se com observar os factos, sem raciocinar sobre elles. Porém a diversidade d'estes dois *systhemas* na Clinica era apparente; porque nem os *Dogmaticos* guiados pelo raciocinio deixavão de

sticiosas dos Sacerdotes (24), e de alguns charlatães aventureiros (25).

§. XV. A politica e excessivo patriotismo do Censor *Catão*, desejando inspirar ao Povo *Romano* odio e desprezo contra os *Gregos*, arguia de suspeição

comprovar a virtude dos remedios com a experiencia, nem os *Empiricos* podião servir-se dos factos e observações para novos casos sem empregar o raciocinio: por tanto as *Analogias* dos primeiros não differião das *Substituições* dos segundos senão em nome (*Mahon* Obs. Cit. pag. 82). Todavia estas frivolas discussões não favorecião os progressos da Sciencia. Forão *Herophilo* e *Erasistrato* os fundadores da Escola *Dogmatica*, e *Serapião* da *Empirica*.

(24) Os *Etruscos* (hoje *Toscanos*) forão os que derão aos *Romanos* as primeiras idéas sobre Artes, e Sciencias; porém a sua Medicina tinha unicamente por base os principios religiosos do Polytheismo, e a arte de adivinhar, ou dos Agouros, a que os *Romanos* muito se applicarão (*Sprengel* Tom. I. pag. 179 e seg. Hist. Univers. Tom. XIV. pag. 237 e 252). Foi por tanto sacerdotal a primeira Medicina *Romana*; e os deoses, a que recorrião nas enfermidades, erão *Apollo*, *Esculapio*, *Silvano*, *Hygêa*, *Isis* e *Serapis*, *Lucina*, *Pallas*, *Hercules*, *Mercurio*, *Febris*, *Tessonia*, *Prosa*, e *Meditrina* (*Sprengel* Tom. I. pag. 181 e seg.). Pela comunicação com os *Gregos* forão-se os *Romanos* civilizando mais, e aperfeiçoando a sua Mythologia, que não differio por isso essencialmente, porque os *Gregos* assim como os *Etruscos* a tinham apprendido dos *Fenices*. Era porém esta Medicina sacerdotal mui imperfeita e fundada apenas na observação de alguns factos, que os Sacerdotes mal podião avaliar, e comparar, não tendo conhecimentos alguns filosoficos: por tanto a experiencia de algumas hervas, e a influencia das muitas superstições, que não deixarião de obrar sobre o espirito dos doentes, fazião a essencia dos seus remedios: muito aproveitaria a escolha de logares amenos e saudaveis, onde edificavão estes templos, o que junto com a viagem, que os doentes fazião para ali chegarem, muito ou talvez só concorreria para a cura de muitas doenças chronicas.

(25) *Sprengel* Tom. I. pag. 189 e seg. *Mahon* pag. 90. Hum dos primeiros Charlatães que veio a *Roma*, foi *Archagathos* (220 annos antes de *Jesus Christo*); porém a barbaridade do seu methodo curativo o fez cahir em desprezo.

peitosa, e tratava de inutil a Medicina grega (26). Ao mesmo tempo a vida sobria e exercitada dos *Romanos* sendo a mais apta para a guerra, seu ordinario e mimoso emprego, lhes fazia mais raras as molestias; e a cultura das Sciencias, fructos da paz, não podia lisonjear a quem anhelava só a guerra.

§. XVI. Porêr esta mesma attrahio as Sciencias a *Roma*. As riquezas da *Asia* e o esplendor da *Grecia* picando a ambição e orgulho dos *Romanos* forão o alvo das suas lanças, e os sabios inquietados em seus lares pelo estrepito das armas buscarão asylo em *Roma* e protecção nos vencedores (27). Por outro lado os *Romanos*, observando que a resistencia de seus inimigos era sustentada em grande parte pela influencia das Letras, em quanto lhes ministrava providentes Leis, sabios Magistrados, e eloquentes Oradores, que reunião as forças do Estado e animavão o espirito publico, conhecêrão que sem iguaes meios e só á força de armas pouca firmeza teria o vasto Imperio, que começavão a estabelecer. Forão por tanto as Bellas Letras e a Politica os primeiros estudos dos *Romanos*, e nos ultimos annos da Republica pelo tempo da guerra de *Sertorio* tinhão chegado a grande perfeição.

§. XVII. As Sciencias aparentão-se tanto entre si que mutuamente se attrahem e protegem: a Medicina por tanto achou n'aquelle momento apoio na instrucção *Romana*. Este foi o motivo, por que *Asclepiades* de *Prusa* chegando a *Roma* pelo meio do Seculo I. antes da Era *Christã* foi o primeiro Medico, que pôde conseguir ali fama e sequito (28). Este Me-

(26) *Mahon*, pag. 91, e seg.

(27) *Sprengel*, Tom. II. pag. 3. *Mahon*, pag. 89.

(28) *Eloy*, *Diccion. de Medicina*. *Sprengel* Tom. II. pag. 4.

Medico porê m sacrificando a honra da Profissão e o bem da humanidade ao seu interesse e ambição, só cuidou em lisonjear a imaginação dos *Romanos*, que por estarem mais instruidos despresavão já a Magia e superstições dos seus antigos Medicos (29); e porque era o gosto do tempo formar systhemas novos (Nota 23), inventou hum, tomando por base a theoria de *Democrito* e *Epicuro*, e explicando as funcções do corpo vivo pela disposição dos atomos e dos poros. Este engenhoso systhema junto com a felicidade de *Asclepiades* na practica (a qual mais se deve attribuir aos preceitos de *Hippocrates*, que elle não ignorava posto que affectasse despresalos (30)) lhe grangeárão a estima dos Grandes, e o concurso de numerosos Discipulos, que sustentárão a gloria do Mestre, propagárão e aperfeiçoárão suas doutrinas (31).

§. XVIII. Tinha porê m ainda mui pouco vigor este novo systhema para que a passos largos e em breve tempo podesse chegar ás Provincias distantes;

C

nem

(29) *Sprengel* L. c. pag. 5. *Plinio*, Liv. XXVI. Cap. 3.

(30) *Mahon* pag. 94 e 95.

(31) *Sprengel* e *Mahon*, L. c. — *Democrito* inventou o systhema fysico dos atomos, e dos poros, o qual foi mais ampliado, e explicado por *Epicuro*. Não admittia este Filosofo mais de dois Entes, ambos necessarios, eternos, e infinitos, os quaes erão o Vacuo, e os Atomos: estes mergulhados no Vacuo, cahindo huns sobre outros, em rasão das suas diversas figuras formávão os diversos corpos da natureza: era por tanto tudo obra do acaso, e posto que fosse destructivel cada hum dos corpos, a materia prima, que os compunha, era eterna. Por consequencia o systhema de *Epicuro* differia essencialmente dos outros Filosophos, porque não admittia espiritos, nem a sua influencia sobre os corpos. *Asclepiades* servio-se d'estas idéas para a explicação das funcções do corpo vivo; e n'esta parte foi original. Não interessa muito expôr com miudeza o modo como

nem a *Lusitania* offerencia a melhor oportunidade para o receber: porque supposto, depois da morte de *Sertorio*, tivessem as armas *Romanas* occupado este paiz, o fogo marcial ainda não estava apagado no coração dos *Lusitanos*; a cada passo havia rebelliões; e foi mais com distincções e dons do que por violencia e rigor, que *Julio Cesar* começou a entrar na posse tranquilla de algumas Cidades (32). N'estas circumstancias politicas convém sempre innovar pouco, e conservar quanto he possivel os costumes do paiz conquistado. Sendo por tanto a Medicina dos *Lusitanos* a sacerdotal (§. XII.), e semelhante á que os *Romanos* tiveram até então, tudo conspirava para que esta fosse protegida; e com effeito assim o provão os templos, que os *Lusitanos* tiveram n'esse tempo dedicados aos deoses protectores da Medicina. Em *Lisboa* perto da Igreja Parochial de *Santa Maria Magdalena*, se descobrirão as ruinas de hum templo de *Esculapio* fabricado cem annos antes da Era *Christã* (33): em *S. Thiago de Cacem* appareceo outro que julgamos quasi do mesmo tempo, porque já existia em vida de *C. Allio Januario*, Medico que *Masdeu* suppõe da epoca de *Octaviano*, como veremos (34). De outros semelhantes

Asclepiades explicava os diversos phenomenos animaes: basta dizer, que era *materialista*, e *mecanico*.

(32) Brito, *Monarq. Lusit.* Liv. IV. Cap. 10.

(33) A Inscricção, que prova a existencia d'este templo, vertida diz: *Memoria consagrada a Esculapio pelos veneradores dos deoses Lares, sendo Consules segunda vez Mario e Manlio Aquilio. Julio Macrino a deo.* (Tavares, *Instrucções sobre as Agoas mineiras*. Part. I. pag. 135.)

(34) *Masdeu* Tom. VIII. pag. 166. Esta Inscricção vem transcripta no Tom. VI. pag. 162, e traduzida diz o seguinte: *Ao deos Esculapio. Cayo Allio Januario Medico de Pax (hoje Beja) mandou em seu testamento fazer esta memoria em attenção aos mercei-*

tes (35) temos noticia, cuja era de construcção he duvidosa, e por isso não podemos asseverar que ja existissem todos durando o governo da Republica; ao contrario sabemos, que alguns forão mais modernos; porque a Medicina sacerdotal continuou sempre a ser prezada do Povo, e persistio nos seculos seguintes (36).

§. XIX. Deixemos porêm o empirismo sacerdotal, que alguns tempos ficou amortecido, e como assombrado pelo brilhante clarão das Sciencias, que de *Roma* allumiava a todas as Provincias. Havia mais de dois seculos, que os *Romanos* não largavão as armas; rebelliões dos povos conquistados, e sedições domesticas erão hum continuado incentivo de guerra; porêm huma batalha naval (37) pôe termo a tudo, e *Octaviano Augusto*, sabendo aproveitar-se da victoria, suffoca o partido adverso, ganha o

C 2

af-

mentos do esplendidissimo Magistrado, que dêr hum novo atrio ao deos. Adjusius herdeiro cuidou em fazela.

(35) A Igreja de *S. Fructuoso* junto a *Braga*, diz-se que, em tempo dos *Romanos* fôra templo de *Esculapio* (*Argote* pag. 84). Ha tambem na *Hespanha* memorias de templos dedicados a outros deoses protectores da Medicina (Nota 24): por exemplo a *Silvano* em *Tarragona*, e he do tempo do Imperador *Antonino Pio* (*Masdeu* Tom. V. pag. 76); e outro perto de *Braga* (*Argote* l. c.): a *Isis* em *Antiquera* e *Tarragona* (*Masdeu* ibid. pag. 15, e 17), e em *Braga* (*Argote* pag. 74). Posto que seja questão entre os Antiquarios, se *Endovellico* era ou não deos da Medicina, he certo, que foi muito venerado particularmente em *Villa-Viçosa* de *Portugal*, porque só *Masdeu* transcreve 13 Inscriptões achadas n'esta Villa, todas votivas, e algumas indicando ser por beneficio de saude. Esta divindade não era propria dos *Romanos*, acharão-na já na *Hespanha* introduzida, segundo a opinião mais provavel, pelos *Fenices*, ou pelos *Carthaginezes* (*Masdeu* Tom. VIII. pag. 368).

(36) Continuou até ser substituida pela Medicina dos Ecclesiasticos.

(37) A batalha de *Actio*, ganhada por *Octaviano Augusto* con-

affecto do Povo, converte a Republica em Monarquia, acclama-se o primeiro Imperador, e dá a paz ao Mundo. Tão notaveis acontecimentos succederão poucos annos antes da Era Christã, e desde então começou a *Lusitania* a ser Provincia pacifica d'aquelle vasto Imperio. N'estes termos a preliminar instrucção dos *Romanos*, a paz geral, e a protecção do Imperador, tudo conspirava para o progresso das Sciencias não só em *Roma*, mas tambem nas Provincias; e na verdade desde então a *Lusitania* se apresenta em estado de receber a Medicina scientifica dos Romanos. Vejamos pois, qual esta foi no seculo I. da Era Christã.

§. XX. D'entre os discipulos de *Asclepiades* de *Prusa* foi *Themison* (38) o mais celebre pela nova Escola, que fundou. Este Medico, desprezando as doutrinas de seu Mestre, julgava inutil o exame das causas remotas; e attendendo só ao estado dos solidos no corpo enfermo, reduzio todas as molestias a tres classes: de solido *stricto*, *laxo*, e *mixto*, dividindo-as tambem em *agudas* e *chronicas*: e porque a estas divisões chamava *methodo*, foi a Escola de *Themison* denominada dos *Methodicos* (39). A fama, e celebridade d'esta nova Escola lhe attrahio grande numero de sectarios, que modificarão e corrigirão as doutrinas do fundador; e lhe grangeou re-

tra as forças do *Oriente* e *Egypto*, commandadas por *Marco Antonio* no anno 31 antes da Era Christã.

(38) *Themison* floreceo em *Roma* no fim do Seculo I. antes da Era Christã, e nos primeiros annos d'esta (*Elay*. Diccionario hist. e outros).

(39) Por estas simples noções, que damos da doutrina dos *Methodicos* se conhece que este *systema* era deduzido do de *Asclepiades*, de quem se diz que *Themison* fora discipulo; e modificado

reputação em *Roma* por todo o seculo I. (40). Não era porém a seita dos *Methodicos* isenta de hypotheses arbitrarías, e de certo afferro a *systhema*, que sempre tolhe os passos das Sciencias Fysicas; carecia de quem consultasse mais a natureza, e sujeitasse as theorias á prova da experiencia e da observação. Assim pensarão *Cornelio Celso*, *Dioscorides* e *Plinio o velho*, e por isso a gloria, que n'este seculo adquirirão em *Roma*, ainda hoje lhes he sustentada pela particular estima de todos os Sábios.

§. XXI. *Celso* (41), vendo o precipicio, em que ia a despenhar-se a Medicina entregue aos desvarios das diversas seitas, não se declarou decidido sectario de nenhuma das Escolas; porém não deixou de adoptar idéas de algumas, e os criticos o julgão in-

com idéas tiradas dos *Dogmaticos* e dos *Empiricos* (*Spreng.* Tom. II. pag. 20).

(40) *Themison* morreu aos 25 annos da Era *Christã* (*Eloy. Dicc. de Med.*); porém seus discipulos, e com particularidade *Thesalo* sustentou e aperfeiçoou a sua doutrina nos annos seguintes (*Idem*). Modernamente *Brown* fez resuscitar o *systhema* de *Themison*, revestindo-o com differentes nomes; porém conservando a muitos respeitois homogeneidade nas idéas e preceitos, pois bem como os *Methodicos* (*Idem*: palavra *Méthodique*) não admittia especificos.

(41) Ha diversidade de opiniões sobre varios pontos da Historia de *Celso*. Em quanto á epoca, em que viveo, he quasi fóra de duvida, que elle existira em tempo dos Imperadores *Augusto*, *Tiberio*, e *Caligula*. Sobre a sua patria dizem huns que fora *Roma*, outros que *Verona* (*Dicc. hist.*). Tambem se tem duvidado de que elle fosse Medico, affirmando-se que fora Grammatico, e que fizera a redacção das obras de hum Medico desconhecido (*Mahon* pag. 107): porém a exactidão e clareza, com que *Celso* escreveo, parece não deixar duvida de que elle estudasse a Medicina, e observasse os factos que descreve; e quando não practicasse as Operações Cirurgicas, ao menos de que as tivesse visto practicar, e muitas vezes (*Ibid.* *Spreng.* Tom. II. pag. 25 e seg.).

inclinado á dos *Methodicos* (42): todavia a querer-mos classificalo em alguma das seitas, parece pertencer á dos *Eclecticos* (43), pois não só escolheo o que julgou melhor em cada huma das conhecidas então em *Roma*, mas tambem respeitou os preceitos de *Hippocrates*, e dêo pêzo á Medicina de Observação (44). Será desnecessario descrever e analysar n'este Escripto a Medicina de *Celso* assás conhecida: bastará dizer, que a pureza de linguagem e o merecimento da doutrina brilhavão tanto na obra de *Celso*, que tendo-lhe grangeado os honrosos titu-

(42) *Sprengel* o comprehende entre os *Methodicos*.

(43) Parece-nos mais exacta a opinião de *Eloy* (Diccion. de Med.), que julga *Celso* da Seita *Eclectica*. O *systema* dos *Eclecticos* era conciliar as diversas Seitas, aproveitando de cada huma o que julgavão provado pela experiencia, e observação: reunião portanto idéas dos *Dogmaticos*, *Empirios*, *Methodicos*, e *Pneumaticos*. *Celso*, posto que não fosse filho da Escola *Eclectica*, porque esta foi levada a *Roma* algum tempo depois, como veremos mais adiante, e porque na sua obra não fala dos *Pneumaticos*, de quem os *Eclecticos* tirarão parte da sua doutrina, parece ter adoptado o expediente, que os *Eclecticos* depois se propozerão; em prova do que basta lêr o Prefacio do Liv. I., onde *Celso* depois de expôr em resumo o *systema* dos *Dogmaticos*, *Empiricos* e *Methodicos*, em todos acha que louvar, e reprehender; e decide que são indispensaveis á Medicina o raciocinio, e a experiencia, propondo como melhor *systema* o da mediania. *Subjiciendum est, quæ proxima vero videri possint: ea neque addicta alterutri opinioni sunt, neque ab utraque nimium abhorrentia, sed media quodam modo inter diversas sententias* (*Celso* L. c.)

(44) Os oito Livros de *Celso* sobre Medicina, e Cirurgia são de merecimento extraordinario, e acreditão de tal modo o seu A.; que depois de *Hippocrates* até a seu tempo, e ainda muito depois, não conhecemos Escriptor Medico, que o excedesse em exactidão de preceitos, concisão de frases, clareza de idéas, methodo de as expôr, desaferro de partidos ou seitas, isenção de theorias hypotheticas, respeito á observação da natureza, e absoluto desprezo de practicas supersticiosas. A reunião de todas estas circumstancias não se acha em nenhum dos Medicos antigos, se he que em alguma

tulos de *Cicero dos Medicos* (45), e de *Hippocrates Latino* (46), ainda hoje dão prazer ao Filologo, e instrucção ao Medico.

§. XXII. Muito cooperarão n'este seculo para os progressos da Medicina os trabalhos de *Dioscorides* e *Plinio o velho* (47), sobre o estudo da Historia Natural. Estes Sábios Naturalistas, reanimando a Botanica, que desde *Theophrasto* estava amortecida, enriquecerão a *Materia Medica* descobrindo novas plantas, descrevendo-as, e recopilando em seus Escriptos os factos, que as recommendavão á Medicina. Foi desde então, que, sendo conhecido maior numero de plantas medicinaes, o espirito humano, propenso n'aquelle seculo para os excessos, rompeo na mania de fazer preparações pharmaceuticas mui compostas e carregadas de drogas; tal foi a célebre thriaga de *Andromaco Medico de Nero*, e o primeiro que se acha na Historia com o titulo de *Arquicastro*

d'ellas houve quem se avantajasse a *Celso*. O estylo aforistico da sua obra, e a uniformidade a muitos respeitos com os principios Clinicos de *Hippocrates*, mostram que *Celso* tinha muita lição dos Escriptos do Medico Grego, e que o tomára por modelo: porém aproveitando com critica os descobrimentos, e observações posteriores excedeo a *Hippocrates* particularmente na Anatomia, e Cirurgia. N'esta he o merecimento de *Celso* tão decedido, que *Mahon* (pag. 117) não duvida affirmar, que fôra o primeiro e mais excellente Auctor na Antiguidade; e *Sprengel* (Tom. II. pag. 27.) diz: que ainda hoje se pôdem seguir com vantagem os seus preceitos chirurgicos.

(45) *Diccion. des Scienc. med. Intrad.* pag. xxxviii. *Eloy Diccion. de Med.*

(46) *Diccion. hist.* palavra *Célse*. *Mahon* pag. 121.

(47) Não se sabe ao certo o tempo em que viveo *Dioscorides*, porém julga-se que no Seculo I. e antes de *Plinio o velho*: este morreu no anno 79 da Era Christã. Depois de *Theophrasto* forão estes, que dêrão impulso á Historia Natural, e os únicos por quem sabemos o estado d'esta Sciencia entre os Antigos. As obras de *Plinio* dão muita luz sobre a Historia Natural, e Medicina da Hespanha,

tro (48). Os progressos da Botanica fizeram tambem descobrir muitos venenos, de que a maldade soube tirar partido para sinistros fins: por isso a arte de preparar venenos foi assás cultivada em tempo de *Tiberio* e de *Nero*, (49).

§. XXIII. D'este pequeno bosquejo da Medicina *Romana* no Seculo I. voltemos os olhos para a *Lusitania*, onde a facil e frequente communicação com a Côrte, o soccego da paz, hum clima criador de talentos, e hum Imperador que os sabe avaliar e proteger, tudo concorre, bem como nas plantas os primeiros calores da primavera, para desenvolver os engenhos *Lusitanos*, longo tempo abafados pelas oppressões da guerra. Assim costuma a terra fertil agradecer os beneficios do agricultor desvelado; assim tambem a *Hespanha* em breve tempo retribuiu a *Octaviano* os beneficios da paz e da instrucção, brotando do seu seio numerosos Sábios, e habeis Artistas, cujos talentos a Historia apergoa, e nossos olhos reconhecem nos apreciaveis Escriptos e mages-tosos edificios, que no Seculo I. fizeram a gloria e esplendor d'esta Peninsula.

§. XXIV. D'entre todos os ramos de conhecimentos scientificos a Medicina parece ter sido o mais geralmente cultivado na *Hespanha*, pois os monumentos d'esse tempo nos accusão maior numero de Medicos do que de outras classes de Litteratos (50). Taes forão *Erotes* da *Andaluzia*, *Lucio Cordio*

onde este Naturalista foi Intendente (*Sprengel*, Tom. II. pag. 58, e 65. Dicc. historico palavras. *Dioscoride* e *Pline l'Ancien*)

(48) *Sprengel*, Tom. c. pag. 56. *Mahon*, 125. *Andromaco* foi Primeiro Medico de *Nero*.

(49) *Mahon*. l. c.

(50) *Masdeu*, Tom. VIII. pag. 166.

dio Sinforo da Extremadura, Cayo Allio Januario de Beja, Tiberio Claudio Apollinario de Tarragona, Marco Licinio Filomuso de Malborca. Tanto dominava o gosto por esta Sciencia, que nem ao sexo destinado para doce companhia do homem foi estranho o estudo da Medicina, pois consta que *Julia Saturnia* merecêra em *Merida* elogios e crédito de excellente Medica (51). Posto que a Historia nos conserve d'estes Medicos unicamente os nomes, deixando em silencio a natureza e particular merecimento da sua Medicina, as circumstancias já ponderadas não permitem duvidar de que não podia ser outra, senão a que lhes era trazida de *Roma*; e por tanto a doutrina dos Methodicos, e a Medicina de *Celso* devião ser a base da sua Sciencia.

§. XXV. Porém muito mais claramente mostram o estado da Medicina na *Hespanha*, os descobrimentos que ali se fizerão de Plantas Medicinaes, e que derão maior valor e riqueza á Medicina *Romana*, como vemos em *Dioscorides* e *Plinio o velho*: e este argumento ainda melhor nos illustrará sobre os conhecimentos dos Medicos da *Hespanha*, se compararmos a estima e uso, que se fazia d'aquelles remedios, com o crédito e merecimento, que ainda hoje se lhes concede. Das *dormideiras* (*papaver* de *Lin.*) da *Hespanha* se extrahia opio mui poderoso, com o qual consta que pôz termo á vida o pai de *Posthumo Cilnio Cecina*, Cavalleiro protegido por *Augusto*, e Sub-Thesoureiro na *Hespanha* (52). Aquelle mesmo fazia grande estima das

D bel-

(51) As Inscrições, que provão a existencia d'estes Medicos, são copiadas por *Masdeu* (Tom. VI. pag. 162 e 164, e pag. 429.).

(52) *Plinio*, Historia Natur. Liv. XX. Cap. 18. pag. 322, Edi-

beldroegas (*portulaca de Lin.*) para as inflamações da *uvula*, a que era sujeito (53); e o modo supersticioso, como elle usava d'esta planta trazendo a raiz pendente do pescoço para evitar novos ataques, mostra a decedida reputação, que ella tinha adquirido na *Hespanha* sendo applicada em fórma conveniente (54). O *funcho* (*anethum de Lin.*) tão conhecido e usado pela Medicina moderna, era empregado pelos *Romanos* quasi para os mesmos casos, em que hoje se aconselha; e o da *Hespanha* foi reputado o melhor (55). Era tambem aqui mui conhecido o lenho do *aspalatho* (*aspalathus spinosus?*) e as virtudes, que *Plinio* lhe attribuia, são quasi as mesmas, que *Murray* lhe concede (56). A *hydrophobia* julgou-se incuravel em *Roma*, até que da *Catalunha* foi inculcado como especifico o succo da raiz da *rosa de cão* ou *sylva macha*, (*rosa canina de*

ção de *Paris* de 1774. *Masdeu* chama a este Cavalleiro *Licinio*: o editor francez de *Plinio* julga que se deve ler *Cilnio*, e em hum nota dá as suas razões.

(53) Ibid. Liv. XX. Cap. 20 pag. 334.

(54) *Plinio* (Cap. cit.) diz que as *beldroegas* erão usadas já como alimento, já tomando-se o çumo, já applicando-as externamente: e aconselha esta planta como efficaç remedio na *dysenteria*, *tenesmo*, *dysuria*, *febre ardente* e outras molestias, nas quaes hoje mesmo não se duvidaria applicala, pois segundo os actuaes conhecimentos as *beldroegas* passam por subacidas, e refrigerantes.

(55) O *funcho* segundo *Plinio* (Liv. XX. Cap. 23 pag. 368) he estomacal, aplaca as náuseas, promove a urina, mitiga as dores intestinaes (*tormina*) &c. Estas qualidades erão attribuidas em maior gráo á semente do que á raiz.

(56) O lenho de *aspalatho* tem quasi as mesmas propriedades do lenho de *aloes*, e ambos são indigenos do *Oriente*. *Plinio* dá a entender, que elle se dava na *Hespanha*; porém he mais provavel, que ahi fosse trazido pelo Commercio, que se fazia pelo *Mediterraneo*.

de Lin.) chamada pelos Romanos *cynorrhodon* (57). O famoso licor das *cem ervas*, que os Romanos tanto elogiavam como proveitoso á saude e agradável ao paladar, foi inventado na *Hespanha* (58). Os *Cantabros* ou *Biscainhos* descobrirão em tempo de *Augusto* as virtudes da herba chamada *cantabrica* (59). Aos *Vettões* deverão os Romanos o conhecimento da *betonica* (*betonica officinalis?* de Lin.), de que fizeram tão largo uso, como se lê em *Plinio* (60).

D 2

Segundo *Murray* o aspalatho tem sabor amargo, e cheiro resinoso; convém para corrigir o máo halito da boca, fortificar o estomago, e figado &c. (*Apparatus Medicaminum* Tom. VI. pag. 94). *Plinio* diz quasi o mesmo (Liv. XXIV. Cap. 13 pag. 248).

(57) *Plinio*, Liv. XXV. Cap. 2 pag. 332 — O modo, como se fez este descobrimento por meio de hum sonho, he mysterioso e pouco acreditavel: todavia *Plinio* affirma, que esta propriedade *antihydrofobica* se verificou em muitos casos. *Murray* duvida de tal propriedade: (Obr. Cit. Tom. III. pag. 84); e *Swediaur* apenas lhe concede a virtude *eccoprotica*, *brando purgante* (*Mat. med.*). Será porém a mesma a planta de que falam *Plinio* e os Modernos? Terão estes repetido sufficientemente as experiencias, para se auctorisarem a contradizer aquelle? A incurabilidade, que se tem attribuido a esta molestia, e o receio de chegar a taes doentes, talvez não tenham concorrido pouco para se não repetirem as antigas observações, ensaiar novas, e assim descobrir o remedio de tão cruel enfermidade.

(58) *Plinio*, Liv. XXV. Cap. 8. pag. 396.

(59) *Ibid.* — O Sr. *Felix de Avellar Brotero* em huma erudita informação, que nos fez a honra de communicar á cerca da planta *cantabrica* de *Plinio*, referindo as variadas opiniões dos Botânicos sobre qual fosse esta planta, conclue que *Anguillara* e *Castor Durantes* forão os primeiros, que julgáram ser huma especie de *trepadçira* (*convolvulus*); aos quaes seguirão *João Bahuino* e *Clusio*; e que ultimamente *Linneo* pela auctoridade arbitraria d'estes dois ultimos Botânicos a fixára com o nome de *convolvulus cantabrica*. Em tal incerteza não he possivel decidir pelos actuaes conhecimentos medicos, se o uso d'esta planta entre os Romanos era justamente indicado.

(60). Todas estas idéas soltas bem deixão perceber, que a *Materia Medica* na *Hespanha* não era então inferior á de *Roma*; e que a *Medicina* se tinha desprendido já do cego empirismo sacerdotal.

§. XXVI. Não continuou porém a *Medicina* a progredir com fortuna igual á que experimentou no principio do Imperio. Morto *Octaviano Augusto*, o ocio e luxo corrompia os costumes *Romanos*, fomentava a licença, promovia a lisonja, e resfriava o brio da Sabedoria e da Virtude, em favor da baixeza, que adulava os Grandes. A *Medicina* portanto re-

(60) A *Betonica* he chamada. por *Plinio Vettonica*, derivando este nome de *Vettones*, que diz serem os primeiros, que a descobrirão. *Mr. Chaumeton* (*Flore Medicale* Tom. II. pag. 43) dá pouco credito a esta etymologia; mas nem declara o motivo, nem parece estar muito versado na *Historia Antiga da Hespanha*: pois diz que os *Vettões* habitavão ao pé dos *Pyrineos*; quando he opinião geralmente seguida, que elles erão da *Extremadura*, e de parte do Reino de *Leão*. *M. Theis* (*Flore Med. l. c.*) dêo á *betonica* huma etymologia *Celtica* dizendo, que o verdadeiro nome he *bentonic*, que vem de *ben* cabeça, e de *ton* bom: etymologia naturalmente fundada no uso, que se fazia d'esta planta para molestias da cabeça. Parece-nos porém ser mui forçada, não só porque foi necessario a *Mr. Theis* dár á planta o nome *bentonic*, que ella não teve, mas também porque as origens *Celticas* por elle indicadas assemelham-se mais ao termo moderno *betonica*, do que ao antigo *vettonica* usado por *Plinio*; o que devia succeder ao contrario, pois o mais natural he desviarem-se os termos da sua origem á proporção que pelo decurso dos tempos se vão corrompendo. Seguiremos por tanto a opinião de *Plinio*, como homem conhecedor das cousas de *Hespanha*, onde esteve, e fez muitas observações. — Passemos ás virtudes medicas da *betonica*. Poucas plantas tem gosado (diz *M. Chaumeton*) huma reputação mais brilhante, e menos merecida. Convimos em parte com *M. Chaumeton*, pois na verdade parece incrível, que a *betonica* tivesse virtudes tão poderosas contra tantas, e tão diversas molestias, como se lê em *Plinio* (Liv. XXIV e XXV.): he provavel, que houvesse defeito nas observações, e prevenção, ou fanatismo nos observadores: foi planta da moda,

resentio-se da immoralidade publica ; os Medicos perdêrão hum pouco seu antigo character e dignidade ; ambicionando representação e interesses procuravão-nos mais pelo valimento e lizonja , do que pela perfeição na Sciencia ; a Cirurgia Operatoria foi confiada a escravos ; e dava-se o nome de Medico até aos que ministravão os perfumes e banhos á molleza e voluptuosidade *Romana* (61).

§. XXVII. Taes forão os motivos , porque depois da morte de *Augusto* no decurso do seculo I. a Medicina afrouxou em *Roma* até que no fim do mesmo seculo e principio do II. chegarão ali *Arquigenes* da

e como tal aconselhada para tudo ; mania de que o nosso Seculo não tem escapado a respeito de outros remedios. Todavia concordando os Modernos , em que as folhas da *betonica* tem hum brando amargo sub-adstringente , e as raizes são amargas nauseantes (Murray Tom. II. pag. 84 — *Swediaur*, Mat. med. — *Chaumeton* Obr. cit.), não parece estranho , que a *betonica* á imitação da *ipecacuanha* , e das duas *polygalas* particularmente da *seneka* (Murray e *Swediaur*) fosse util para catarrhos pulmonares chronicos , que talvez sejam as molestias de peito , de que fala *Plinio* (Liv. XXVI pag. 490 , 496 , e 556) ; para cortar o frio nas sesões (Ibid. pag. 562) , o que actualmente se faz com outros emeticos ; para remediar vicios de estomago (Ibid. pag. 499 , 504 , e 558) ; para as hydropesias (Ibid. pag. 564) como nauseante : e se a *polygala seneka* pôde ser antidoto do veneno de alguns animaes (Murray , *Swediaur*) não admira que os *Romanos* assim julgassem da *betonica* (*Plinio* Liv. XXV pag. 426). Concluimos por tanto , que o descobrimento de novas plantas tem feito cahir em desuso as que antigamente forão estimadas ; que o actual desuso não deve servir de fundamento para duvidar das observações dos Antigos ; e particularmente , quando n'estes se descobre criterio , e certo desabuso no meio das superstições do Seculo : conceito de que he merecedor *Plinio* pelo conhecimento e desprezo , com que fala das abuzões do seu tempo (*Plinio* Liv. XXVI. Cap. 4 Livro XXVIII. Cap. 2. 3. e 4).

(61) *Mahon* pag. 103 e 106.

da *Syria* e *Sorano* de *Efeso* (62) ambos *Methodicos*, porém mais reformados e instruidos. *Sorano* posto que se afastasse pouco da theoria *methodica* mostrava ter avançado em conhecimentos anatomicos (63). *Arquigenes* colhendo idéas das diversas seitas fundou huma nova denominada dos *Eclecticos*, seita a mais sábia d'aquelle tempo pela erudição que exigia, e porque firmava as theorias em factos e observações (64). Parecia ser este o momento mais favoravel para chegar a Medicina á sua perfeição: porém os mesmos Sectarios da Escola *Eclectica*, seduzidos pelo gosto da Filosofia do tempo não desempenhárão exactamente o plano indicado;

(62) *Eloy*, Diccion. de Medic. e outros.

(63) *Sprengel* Tom. II. pag. 34.

(64) Já na nota 43 demos idéas da seita dos *Eclecticos*. A razão mostra, que no meio de innumeraveis opiniões, e caprichosos systemas não se poderia descobrir a verdade, senão examinando com imparcialidade huns e outros partidos, e escolhendo a experiencia, e observação como juizes competentes no estudo da Natureza: este foi o plano dos *Eclecticos*, que já tinha sido lembrado por hum *Leonides* de *Alexandria*, e que foi abraçado por *Arquigenes* fundador d'esta nova Seita.

Escolhêrão por tanto os *Eclecticos* noções não só dos *Dogmaticos*, *Empiricos*, e *Methodicos*, como fez *Celso* (nota 43), mas também dos *Pneumaticos*, de que o Medico *Latino* não fala, mas que pelo seu tempo já erão celebres fóra de *Roma*, e depois vierão a esta Cidade. A opposição, que havia entre os Medicos d'aquelle tempo particularmente contra os *Methodicos*, que estavam então no seu zenith, e que, como dissemos (notas 39 e 40), adoptárão as idéas do materialista *Asclepiades* de *Prusa*, esta opposição fez lembrar outro systema fundado em hum principio de natureza immaterial, a que chamarão *pneuma*, ou espirito, pelo qual explicavão as funcções da economia animal. Esta idéa de *pneuma* era já de *Platão*, e foi mais desenvolvida pelos *Estoicos*. A Medicina condemnada a ser victima das opiniões dos Filosofos, não escapou ás theorias pneumáticas. *Athenêo* de *Cilicia* servindo-se d'ellas fundou

do; e seus escriptos abundavão em sofismas, minucias, e enigmas (65).

§. XXVIII. Não foi por tanto a Escola *Eclectica* sufficiente obstaculo para encontrar os males, que não só tolhião os progressos da Sciencia, porêm até a leviação em breve á maior decadencia, se a longa serie de Imperadores ignorantes, indolentes, ou barbaros não fosse de quando em quando interrompida por alguns, que reanimarão os Estudos. Entre estes deve a *Hespanha* contar, como seus particulares protectores, *Vespasiano*, e mais ainda *Traiano* e *Adriano*, *Hespanhoes* de nação (66); em tempo dos quaes a Litteratura da *Hespanha* recebeu novo impulso (67): e bem que nos falem documentos, que directamente provem a sua Medicina n'este tempo, a consideração e estima, em que *Traiano* teve a memoria e escriptos de *C. Celso* a ponto de fazer levantar huma estatua em honra d'este sabio (68), não deixa duvidar de que nas Escolas da Peninsula, ou por

a seita dos *Pneumaticos*; todavia não desprezou absolutamente as noções, que havia sobre os principios elementares materiaes dos corpos, e d'este modo o seu *systema* era já huma reunião de diversos outros (*Sprengel*. Tom. II. pag. 69 e seg. — Diccion. histor. palavra *Athenée*) *Agathino* de *Esparta*, e *Aretêo* de *Cappadocia* seguirão com pequenas differenças a mesma doutrina; e alguns d'estes, senão todos, vierão a *Roma*, e por tanto pertencem á Historia da Medicina *Romana*.

(65) *Diccion. des scienc. med. Introd.* pag. XLII. O *eclecticismo* requer vastidão de idéas, e grande criterio; só deve pertencer a talentos sublimes, e nunca a espiritos acanhados, incapazes de evitar os dois precipicios, isto he, ou a facilidade de adoptar opiniões por excessivo *episynthetismo*, ou a incerteza em todas por demasiado *pyrrhonismo*.

(66) *Masdeu*, Tom. VIII. pag. 172 e seg.

(67) *Ibidem*.

(68) *Ibid.* pag. 173.

por adulação ao Soberano, ou por sua expressa ordem, se estudasse a Medicina de *Celso*: nem deixaria tambem de chegar á *Hespanha* a doutrina dos *Eclecticos*; a qual levantando a bandeira da paz no meio das dissensões das diversas Escolas, por isso mesmo facilmente se insinuava em qualquer paiz.

§. XXIX. Com a morte de *Adriano* cahirão em abatimento e desprezo as Artes e Sciencias no Imperio: a Medicina porêr, posto que involvida no infortunio geral das letras, ainda achou ao declinar do Seculo II. hum restaurador em *Galeno*, e hum protector em *Marco Aurelio*. Pelos annos 165 da Era *Christã* entrou em *Roma* o famoso *Galeno* natural de *Pergamo* (69). Este grande Medico, forte pela eloquencia e saber, e resolutos pela protecção do Imperador, sendo convidado por muitos dos Grandes e Sábios que apreciavão o seu merecimento, começa a ensinar em publico, e declara-se immediatamente contra os sequazes de qualquer das Seitas; só procura a verdade; e nenhum outro farol descobre para surgir a salvo por entre as trevas do seculo, do que as Obras do immortal *Hippocrates*, as quaes commenta, e explica servindo-se das idéas, que formão as bases dos systemas de *Platão* e *Aristoteles* (70). Foi com effeito *Galeno*, quem depois do Medico de *Cóo* escreveu hum systema completo e regular de Medicina. Porêr o amor da verdade e a observação da Natureza, que elle inculcára por di-

vi-

(69) Sobre a biografia de *Galeno* achão-se facilmente noticias em todas as Historias de Medicina; porque seus Escriptos e doutrina gosarão por muitos seculos estima, e celebridade. *Galeno* esteve em *Roma* no tempo de *Marco Aurelio*, de quem foi Medico, e protegido (Diccion. hist. palavra *Galien*).

(70) *Sprengel* Tom. II. pag. 96, e seg.

visa do seu *systhema*, não o pudérão livrar inteiramente dos defeitos do seculo; pois são manifestas nas Obras de *Galeno* a nimia prolixidade em distincções, subtilezas em theorias, arbitrariedade nas hypotheses, e *polyfarmacia* nas receitas: he todavia innegavel o grande talento de *Galeno*; e o merecimento de suas obras mostra a instrucção e luzes do Auctor, ao qual não pudérão supplantar o ciume e odio dos Medicos de *Roma* (71). Porém a voz de *Galeno* ainda que em breve chegou ás *Provincias Romanas*, de todo ia quasi a extinguir-se embaçada na ignorancia dos seculos immediatos, e só mais tarde achou nos *Arabes* hum echo; d'onde, já menos expressiva, ainda pôde reflectir para ser ouvida em toda a *Europa* (72). Já se vê por tanto que a Medicina, apesar dos trabalhos de *Galeno*, não progredio no tempo de que vamos falando; pois os Medicos, que lhe succederão em *Roma* no Seculo III, e em parte do IV, não passarão de mãos compiladores, e cegos empiricos: *Galeno* portanto foi o ultimo celebre Medico da antiguidade.

§. XXX. Sendo tão grande a decadencia da Medicina na Capital, não podia ella florescer nas *Provincias*; aonde erão igualmente transcendentos as calamidades publicas, que o Imperio experimentou depois da morte de *Marco Aurelio*. Porém todos estes males crescêrão de ponto na *Hespanha* pelas hor-
E ro-

(71) Ibidem pag. 100.

(72) Segundo referem todas as Historias de Medicina, *Galeno* gozou da mais alta reputação; a ponto de quasi o respeitarem como hum divindade: suas doutrinas espalhárão-se logo por todo o Imperio; porém mais pelo *Oriente*: e succedendo logo a decadencia das letras, os *Esriptos* de *Galeno* soffrêrão a sorte de todos os outros: revivêrão porém depois nas *Escolas Arabigas* posto que mal traduzidos, como se dirá no logar competente.

rorosas crueldades e feroz perseguição decretadas por *Deocleciano* contra o Christianismo, que ali se achava já mui propagado: e a *Lusitania*, coberta de horror e nadando em sangue, nem occasião tinha para chorar sua desgraça, e quasi de improviso cahio na mais profunda ignorancia (73).

§. XXXI. Ao passo que as Sciencias decahião no Imperio, a impostura levantava o seu throno firmado na ignorancia do seculo; e assim a Medicina scientifica foi progressivamente largando o campo á supersticiosa. A Theosofia, sciencia mui antiga dos *Orientaes*, e que comprehendia a Astrologia Judiciaria, a Magia, e outras destinadas a illudir os homens (74), tinha-se introduzido no Occidente desde o tempo dos primeiros successores de *Augusto* (75):

(73) *Masden* Tom. VIII. pag. 150, 184, e 213. — *Brito Monarq. Lus.* Liv. V.

(74) Já de antigos tempos entre os povos *Orientaes* a Filosofia Natural estava confundida com a sua Theologia. *Zoroastro* sobre estes fundamentos estabeleceu a Sciencia dos Magos da *Persia*, que explicavão os phenomenos naturaes pela influencia dos espiritos bons, e maos (*Spreng.* Tom. II. pag. 125, e seg.). Os *Judeos* depois do captiveiro de *Babylonia*, espalhados pelas Cidades do *Oriente*, apprenderão a Filosofia d'esses povos; applicarão-na á Escripura; e a sua Medicina participava das theorias mysticas (*Ibidem* pag. 130). Seculo e meio antes da Era *Christã* teve grande voga em *Alexandria* esta seita *Medico-theologica*, entre *Pagãos* e *Judeos* (*Ibid.* pag. 141); á qual pertencerão os *Essenios*, e *Cabalistas*, cujo systhema de vida, e opiniões refere em resumo o *Diccion. dos cultos religiosos*. Na Astrologia Judiciaria para formar os prognosticos, e explicar as causas das molestias, e na supposta virtude dos *amuletos talismans*, em que entravão palavras e figuras *Chaldaicas*, *Persicas*, *Fenicias*, *Hebraicas*, e *Egypticas*, era fundada a sua principal Medicina (*Ibid.* pag. 139 e 147. — *Le Brun, Hist. critique des pratiques superstitieuses* Tom. I. Liv. III. Cap. I. pag. 370, e seg.).

(75) *Sprengel*, Tom. II. pag. 125. — *Le Brun* Tom. I. pag. 385.

porém não tendo em si forças bastantes para ganhar a credulidade dos povos, esperou o momento da decadencia das letras, e valeo-se sacrilegamente do respeito e influencia do Christianismo, quando os povos o recebião com fervor e veneração. D'este modo forão ao mesmo tempo insultadas Religião, Medicina, e boa fé dos povos.

§. XXXII. Muito contribuiu para que os *Christãos* fossem contagiados pelos erros da Theosofia *Oriental* a fundação da Escola dos Filósofos *Ecléticos* ou *novos Platonicos* (76); os quaes projectando conciliar todas as religiões e seitas filosoficas, e recebendo as primeiras noções de *Ammonio Saccas*, seu fundador e educado no Christianismo, ligarão os principios d'esta Religião com as hypotheses e opiniões da Filosofia pagã, taes como as *emanações* de *Platão*; e esta doutrina sendo ouvida pelos *Christãos* foi seguida e tolerada por muitos (77). Desde então não foi difficil acreditar que os

E 2

de-

(76) Já *Simão Mago*, e *Apollonio de Tyana*, estando em Roma no Seculo I., á força de imposturas se tinham acreditado por inspirados; prégavão a doutrina da influencia dos espiritos bons e maos, propagada desde *Pythagoras*, e *Zoroastro*; e applicando as suas imposturas á Medicina fazião curas milagrosas (*Diccion. hist. — Sprengel* Tom. II. pag. 134). Veio depois *Ammonio Saccas* no Seculo III., fundou a seita dos *novos Platonicos*, na qual aquelles espiritos fazião hum papel importante influindo sobre todos os corpos, e phenomenos da natureza; e os dogmas da Religião *Christã* forão ligados e envolvidos com aquellas doutrinas (*Sprengel* Tom. II. pag. 136). *Plotin*, e *Porfyrio* forão discipulos d'esta escola; e *Jamblique* escreveu huma obra, em que o *Platonismo* he combinado com o *Christianismo* (*Diccion. hist.*)

(77) Esta associação dos dogmas Evangelicos com as opiniões filosoficas produziu as primeiras heresias, que a Igreja teve de combater. Logo no tempo de *Adriano* apparecerão *Saturnino*, *Basilido*, e *Carpocrato*, sectarios de *Simão Mago* (*Diccion. hist. — Sprengel*

demonios podião influir sobre as funcções do corpo humano; quasi todos os doentes erão reputados possesos, e os Exorcismos, e o uso supersticioso de amuletos, talismans, palavras barbaras, e certos versos forão julgados os remedios mais proprios e efficazes na cura das molestias (78).

§. XXXIII. Por outro lado o Clero esmerando-se em supplantar o paganismo, e fazer acreditar a Religião *Christã*, não contente com o poderoso soccoro que lhe offerecia a Moral Evangelica, indvidamente quiz servir-se de armas semelhantes ás que jogavão os sacerdotes pagãos (79); e porque estes exercião a Medicina, e inculcavão o poder dos seus deoses com milagrosas curas alcançadas por meio de palavras mysteriosas, e diversas superstições, alguns *Christãos* tiveram a indescripção de profanar o sãgrado Nome de Jesus Christo, e os dos Apostolos introduzindo-os em orações supersticiosas, e inscul-

Tom. II. pag. 146.). A Heresia dos *Maniqueos* participava tambem em grande parte das idéas de *Pythagoras*, e *Platão* (*Diccion. hist. des Cultes relig.* palavra *Manicheisme*). A doutrina de *Origenes*, ainda que se aproximou tanto á Orthodoxa, que houve renhida questão entre os Sanctos Padres, se devia ou não ser admittida, assim mesmo foi mui inficionada com os principios de *Ammonio*, de quem elle foi discipulo, como mais evidentemente se vê no seu livro intitulado *Principios* (*Eusebio*, Hist. Eccles. Liv. VI., Cap. XIII. Ediç. de París de 1581. *Diccion. hist.* palavras *Ammonias*, e *Origène*). (78) Os Exorcismos erão já mui usados entre os *Judeos*, alguns dos quaes fazião profissão de Exorcistas, e andavão de terra em terra (*Le Brum* Tom. I. pag. 386).

(79) *Gottfreid Eschhorn*, Professor de *Gottinga* (*Hist. Ger. da cult. e litter. da Europ. moderna* Tom. II. pag. 136) diz, que o Clero *Germano* substituiu os Sacerdotes pagãos, dando-se como estes ao exercicio da Medicina; e que o mesmo costume se propagára no resto do Occidente.

pindo-os em talismans, de que se servião para prometter curar os doentes (80).

§. XXXIV. N'este estado se achava a Medicina, quando subio ao throno *Constantino Magno*, e se declarou protector do Christianismo: he certo que respirou a humanidade então vendo cahidos em terra os cadafalsos, que a cada momento lhe sufocavão os sentimentos religiosos; porém muitas vezes gemeo victima da ignorancia e impostura da Medicina supersticiosa. Promoveo o Imperador a cultura das letras; porém de suas diligencias só poderão tirar partido as Sciencias *Ecclesiasticas*, porque as *Naturaes* cada vez decahião mais com a propagação da Filosofia mystica. Nada mais facil do que trocar o longo e arduo estudo da natureza pela singella theoria de attribuir as molestias á influencia do demonio, a sua cura ao poder divino, e a incurabilidade a castigo dos crimes dos doentes. A tal excesso chegou a ignorancia e fanatismo do seculo, que o estudo das Sciencias *Naturaes* era reprovado como damnoso á pureza do Christianismo, e como fonte de heresias; e por isso era criticado quem estudava

Eu-

(80) Os hereges de que falámos (Nota 77), e particularmente os Sectarios de *Bazilido* usavão de talismans, a que elles attribuião virtude attrahida dos astros, e espiritos, e em que estavam insculpidos os nomes de *Jesus Christo*, ou de *S. Pedro* e *S. Paulo*, ou de *S. Miguel* como pela auctoridade de *S. Agostinho* affirma *Le Brun* (Tom. I. pag. 388): com o sagrado de taes nomes facilmente erão estes talismans acreditados por muitos Catholicos (Ibid.). Que o mesmo Clero Catholico se dava ás practicas da Magia e Astrologia Judiciaria, se mostra pelas prohibições, e penas impostas pelo Concilio de *Laodicea* no Seculo IV. contra os Padres e Clerigos, que erão *Encantadores* ou *Astrologos* (Ibid. pag. 389).

Euclides, estimava *Aristoteles* e *Theofrasto* e respeitava *Galeno* (81). Assim se foi abandonando cada vez mais o estudo da natureza, privilegio particular, com que o Creador brindou o homem, e pelo qual o pôz ao alcance dos meios naturaes para curar as suas enfermidades: assim forão substituidos pelos exorcismos e amuletos os remedios, que o Ente-Supremo com mão larga nos prodigalisou em toda a natureza.

§. XXXV. Em desagravo não só da humanidade illudida, mas tambem da Religião ultrajada, acudirão a pôr termo a estes abusos alguns Concilios, Sanctos Padres, e Imperadores (82): mas nem a poder tão forte soccumbio de todo a superstição; porque o interesse dos impostores, e a credula ignorancia dos póvos a sustentarão ainda nos seculos seguintes (83).

§.

(81) *Eusebio*, *Hist. Ecclesiast.* Liv. V. Cap. XXVII. Edic. de *Paris* de 1581.

(82) De Concilios d'esta epoca só podemos citar o de *Laudicea* no seculo IV: porém depois o de *Roma* em 712, o de *Milão* em 1565, e o de *Tours* em 1583 repetirão prohibições semelhantes. Tanto persistirão estes abuzos! Entre os Sanctos Padres, que tomá-rão igual empreza se contão *S. Basilio*, *S. Gregorio de Nissa*, *S. Jeronymo*, *S. João Chrysostomo*, e *Sancto Agostinho*, os quaes posto que não duvidavão do poder de Deos para a cura das molestias, refutárão comtudo as practicas supersticiosas, com que o invocavão os impostores. O Imperador *Constantino* por huma lei permittia estas superstições, quando não prejudicavão á saude, e bons costumes; porém *Constancio* prohibio-as absolutamente; e foi tão litteralmente executada esta lei em tempo de *Valentiniano*, que soffrêrão pena de morte huma velha por curar sesões com palavras; e hum rapaz, porque para a cura de mal de estomago tocava em huma pedra, e pronunciava sete letras do alfabeto (*Le-Brun*. Tom. c. pag. 381 — 389).

(83) A figura que representa dois triangulos enlaçados, e a que

§. XXXVI. Este resumido quadro, em que temos apresentado a Medicina do Imperio *Romano* nos Seculos III. e IV., representa igualmente a Medicina *Lusitana* d'aquelle tempo, e mais ainda depois que principiou a governar *Constantino Magno*. Se o Clero na *Hespanha*, dispensado então do celibato, se dava ao commercio (84), porque as rendas ecclesiasticas não bastavão para a sustentação de suas familias, muito melhor se empregaria na practica de curar; a qual era mais tolerada pelos Canones, e tambem offerecia interesses. Que na *Hespanha* e *Lusitania* tiverão tambem voga as doutrinas dos *novos Platonicos*, o prova a heresia dos *Priscillianistas*, que participava do Maniqueismo (85), e que, como este, era filiação d'aquella escola: esta heresia se propagou de tal maneira na *Hespanha*, e deo tanto cuidado á Igreja, que para a extinguir se ajuntarão dois Concilios, o de *Saragoça* em 380, e o de *Bordeaux* em 384, além de recursos aos Imperadores *Graciano* e *Maximino* (86).

§.

chamão *Signo de Salomão*, ainda hoje a vemos inscripta nos braços dos Camponezes, persuadidos de que os livrará de certas molestias. Do mesmo modo que fazem esta figura (picando a pelle com a ponta de huma agulha) costumão escrever outras, representando v. g. hum Crucifixo, ou a imagem de Nossa Senhora d'esta ou d'aquella invocação: o que temos visto em alguns soldados *Portuguezes*, e em muitos estrangeiros, quando estiverão n'este Reino. Nas mesmas Cidades apparecem tambem semelhantes superstições: em Lisboa vimos huma pedra mui liza, engastada em metal, e preza por hum cordão de seda, a qual foi emprestada a huma doente nossa por certo Religioso asseverando-lhe, que aquella pedra pendurada ao pescoço a curaria da sua molestia.

(84) *Masdeu*, Tom. VIII. pag. 246.(85) *Diccion. des cultes religieux*. — Brito Monarq. Lus. Liv. V. Cap. XXVIII.(86) *Masdeu*, Tom. VIII. pag. 256 e seg. — Brito, L. C.

§. XXXVII. Temos visto qual fosse a Medicina *Lusitana*, e quaes as suas alternativas deduzidas do estado da Sciencia em *Roma*, das circunstancias politicas do Imperio, e da influencia ou protecção dos diversos Imperadores até á morte de *Theodosio o Grande*. Mas ainda podemos dar alguma luz ao nosso objecto confrontando-o com a policia, empregos e estabelecimentos relativos á Medicina, usados pelos *Romanos*, e introduzidos nas Provincias. Como porém não podemos fixar o anno da fundação dos sobreditos estabelecimentos, e sómente sabemos que pertencem ao tempo dos *Romanos*, e que estiverão em uso em quanto a *Lusitania* lhes foi sujeita; por isso reservámos esta materia para ser tractada agora simultaneamente: advertindo que ella he applicavel a toda a epoca comprehendida n'este Capitulo.

§. XXXVIII. A Legislação *Romana* offerece testemunhos authenticos da importancia, que no Imperio (87) se dava á Medicina: assim o provão não só

OS

(87) Dizemos *no Imperio*, porque em tempo da Republica pouco floreceo a Medicina em *Roma*; sendo praticada só pelos Sacerdotes, e alguns Charlatens, e tendo a politica do Censor *Catóo* indispuesto os *Romanos* contra os Medicos *Gregos*, unicos de quem elles então poderião apprender a Medicina. Em abono porém da Sciencia, e em resposta aos que para motejar da Medicina citão o procedimento de *Catóo* e dos *Romanos* convém dizer, que este Censor tanto não desprezava a Medicina, que a praticou, e escreveu sobre ella, posto que com muito pedantismo: aborrecia porém a *Grecia*, e queria ainda á custa mesmo da Medicina, e do interesse publico inspirar odio contra os *Gregos*, e muito mais porque *Scipião Africano* seu inimigo os protegia: igualmente o desprezo do povo *Romano* era mais contra os Charlatens, que então havia com o nome de Medicos, do que contra a Medicina: porque nos ultimos annos da Republica, quando apparecêrão Medicos instruidos, os *Romanos* os

es títulos, honras e privilegios concedidos aos Medicos, mas tambem as providencias para os instruir, approvar, admittir a exercicio, e distribuir pelo Imperio em proporção da necessidade das povoações. Os Medicos pagos pelo Estado tinham o titulo de *Arquiatros*; e erão de duas classes: os do Imperador (*Archiatri palatini*) contavão-se entre os primeiros Officiaes da Corte, forão honrados com as maiores dignidades, e erão isentos de impostos, e de alojamento de Tropas, além de outros privilegios: os destinados para serviço do Publico (*Archiatri populares*) estavam distribuidos pelas Cidades do Imperio, erão escolhidos pelos Cidadãos e Municipios, e gozavão de muitas isenções em direito. O Imperador *Antonino o Piedoso* fixou o numero dos *Arquiatros populares* determinando que houvesse dez nas grandes Cidades, sete nas de segunda ordem, e cinco nas pequenas. Estes Medicos formavão em cada Cidade hum Collegio, onde se ensinava Medicina, e perante o qual erão examinados os que aspiravão ao lugar de *Arquiatro popular* em caso de vacatura (88).

§. XXXIX. As Provincias *Romanas* erão divididas em Chancellarias (Conventos Juridicos); e a *Lusitania* tinha tres, cujas capitaes forão *Merida*, *Béja*, e *Santarem*; *Braga* era tambem capital da Provincia da *Galliza*, e de huma das suas Chancellarias. Na conformidade pois da Legislação dos Ro-

F

ma-

receberão com estima e ouvirão com attenção. (*Spreng.* Tom. I. pag. 191 — *Mahon* pag. 90 e seg.)

(88) Estas e outras noticias mais circumstanciadas a este respeito se podem ver em *Sprengel* (Tom. II. pag. 161, e seg.), que as extrahio pela maior parte dos Codigos de *Theodosio*, e *Justiniano*.

manos devia haver Medicos n'aquellas Cidades *Lusitanas*: e com effeito a travez da escuridade da Historia tem apparecido n'ellas (excepto em *Santarem*) vestigios da Medicina, que ali existio. Já apon-támos dois Medicos de *Merida*, e da *Estremadura*, e hum de *Béja* (§. XXIV.); e o uso, que se fazia das agoas mineraes em *Braga* (89), e em *Chaves* então Cidade notavel d'esta Chancellaria (90), não podia deixar de ser fundado na experiencia e approvação de Medicos territoriaes (*Arquiatros populares*), pois até obrigou a fazer-se a despeza de construir junto á nascente edificios proprios. Se os *Arquiatros populares* devião ensinar nos seus Collegios, d'ahi podemos deduzir que nas capitaes mencionadas haveria Escolas de Medicina.

§. XL. Hum dos Estabelecimentos publicos relativos á Medicina, e muito da paixão dos *Romanos* forão as *Thermas*, ou *Banhos*. Já entre os *Gregos*, era mui frequente o uso dos banhos; os *Romanos* o adoptarão assim como os exercicios da *Gymnastica*. No principio forão os banhos considerados como saudaveis prescripções da *Hygiene*, e efficazes remedios em muitas enfermidades: guardava-se por tanto n'estas casas a decencia e respeito, que merecia o objecto, e que era propria do character serio dos *Romanos*. Forão os banhos por muitos seculos a sua principal Medicina (91), e chegando a *Roma Asclepiades de Prusa*, o primeiro Medico scientifico, que ali se estabeleceo (§. XVII.), este lisongeou o costume *Romano* inculcando banhos quentes e frios pa-

(89) *Tavares*, Inst. sobre as Ag. Miner. Part. I. pag. 44.

(90) *Ibid.* pag. 57. — *Argote* pap. 106.

(91) *Diccion. des Scienc. med.* palavra *Bain*.

para várias molestias (92). Junto aos Gymnasios havia banhos, em que entravão depois dos exercicios (93), ou fosse para se lavarem da poeira, ou para diminuir o demasiado excitamento. Quando porém o luxo e voluptuosidade estragou os costumes *Romanos*, as casas de banhos convertêrão-se em theatros de licença e escandalo; os banhos erão repetidos muitas vezes no dia; as unccões, usadas antes e depois, erão aromaticas, e variadas com o mais effeminado capricho; e até no numero de serventes dos banhos havia o maior luxo e superfluidade (94).

§. XLI. A predilecção, que por qualquer dos ponderados motivos os *Romanos* tinham pelos banhos, os excitou a levantar sumptuosos edificios para este fim: e não só o Estado estabelecia banhos publicos, mas tambem os ricos os construíão para seu uso (95). A construcção das *Thermas Romanas*, segundo as descripções de *Vitruvio* e *Plinio*, e segundo o que se tem observado nas ruinas achadas modernamente; mostra que ellas erão destinadas não só para se fazer uso da agoa fria e quente; mas tambem em vapor (96). Erão alguns d'estes edificios construidos junto de nascentes de agoas mineraes; o que prova

F 2

te-

(92) *Sprengel* Tom. II. pag. 16, e 18.

(93) *Diccion. des scienc. med.* log. cit.

(94) *Mahon* pag. 105.

(95) Nota 93.

(96) No artigo citado do Dicc. das Sciencias Medicas se acha a descripção dos banhos *Romanos*, nos quaes havia grandes vasos de metal com agoa fria, morna, e quente, que por tubos era levada aos quartos dos banhos: na salla dos banhos de vapor estava huma grande caldeira sobre o fogo, e tapada; levantava-se a tampa, sahião os vapores, e se espalhavão pela salla, que tinha huns nichos, onde se mettião os doentes para assim exporem aos vapores só as partes do corpo, que o precisavão.

terem os *Romanos* conhecimento do particular prestimo d'estas agoas.

§. XLII. Communicarão os *Romanos* á *Lusitania* a paixão pelos banhos, como provão as ruínas, que de taes edificios se tem descoberto, e que nos restão d'esse tempo. Além dos que dissemos (§. XXXIX.) ter havido em *Braga* e *Chaves*, mencionaremos os seguintes, e a qualidade das suas agoas. No termo de *Guimarães*, Freguezia de *S. João das Caldas* havia huns banhos de agoas sulfureas; em *Monte Real* a duas leguas de *Leiria* se descobrirão outros de agoas salino-sulfureas; em *Lisboa* junto das *Pedras Negras* se achão outros de agoas tepidas (97); perto d'este edificio, ou fazendo continuação d'elle se descobrirão outros banhos de que ainda hoje ha restos em huma propriedade de casas n.º 17 da *Rua Bella da Rainha*, vulgarmente chamada da *Prata*. Das *Thermas Romanas* da *Hespanha* nomearemos só as do Valle de *Bonhal* a trinta milhas de *Leão*; da lapida que as accusa se collige ter sido ali tão grande a concorrência do povo, que hum particular se animou a fazer a despesa de 120425 escudos *Romanos* na construcção dos banhos; e as agoas erão tão medicinaes e proveitosas, que na inscripção a fonte he chamada *saginiffigena*, isto he, que tem a virtude de fazer engordar (98).

§. XLIII. Argumentando por tanto dos factos mencionados póde concluir-se, e quasi convincentemente, que a *Lusitania* assim como, imitando *Roma*, fazia largo uso dos banhos, assim tambem segui-

(97) *Tavares*, Obr. cit.

(98) *Masdeu*, Tom. V. pag. 10.

guiria o gosto da Capital a respeito de outros remédios; argumento que junto ás demais provas, que temos produzido, nos parece assás forte para mostrar o fundamento, com que pela Historia da Medicina de *Roma* procurámos indicar, qual seria a da *Lusitania*. Concluiremos tambem, que a varia sorte, porque a Medicina passou n'esta época he huma evidente prova do quanto ella depende das luzes do seculo, da politica dos Soberanos, e da prosperidade dos Estados: pois a vimos em *Roma* empirica nas mãos dos Sacerdotes pagãos, sofistica pelas desvairadas opiniões filosoficas, vacillante no meio das diversas seitas, aviltada pela ignorancia e baixeza, que corrompia os Medicos, e por fim substituida pelas imposturas, e superstições da Theosofia: vimola tambem mal olhada pela politica de *Catóo*, pouco necessaria a hum povo sobrio, guerreiro, e bem morigerado, admittida quando o Senado abundava em homens instruidos, florescente pela protecção de *Augusto*, *Traiano*, *Adriano*, e *Marco Aurelio*, e decahida pela impolitica e immorigeração de outros Imperadores; vimola finalmente nascer em *Roma* quando a Republica nos seus ultimos tempos chegou ao maior esplendor e opulencia, crescer na feliz e tranquilla época em que o Estado se elevou á dignidade Imperial, e correr depois sempre a par da prosperidade e infortunios publicos, até que no fim do Seculo IV. expirarão victimas dos mesmos golpes a Medicina, e o Imperio. Nem era possivel resistir a tantas e tão poderosas causas, que conspiravão para esta fatal catastrophe. A vaidade, ambição, e crueldade de muitos Imperadores; o luxo, e intrigas da Corte; a fraqueza, e apathia do Senado; o despotismo, e livre arbitrio do Exercito nas eleições Imperiaes; a desmembração do Imperio,

rio, e distancia da nova Capital; a immoralidade dos funcionarios publicos; a ignorancia do povo; a discordia entre familias e Auctoridades pelas dissensões religiosas; a proximidade dos Povos do Norte, que ameaçavão prompta invasão; tudo afraçava o espirito publico, abatia o brio *Romano*, vexava o povo, desanimava as sciencia, aniquilava as artes, e em huma palavra minava o grande colosso imperial; cuja destruição, ha muito annunciada já por tão evidentes presagios, começou a verificar-se depois da morte de *Theodosio o Grande*.

C A P I T U L O III.

Da Medicina Lusitana depois da invasão dos Póvos do Norte (99).

§. XLIV. **E**STAVA chegada a época, em que o Imperio *Romano* seguindo a sorte dos mais famosos, que o Mundo conhecêra, devia sacrificar á inconstancia da fortuna seu poder e gloria. Este vasto Imperio, d'antes firmado nas seguras bases de valerosa milicia, e sabia politica, já vacilla sustentado apenas pela reputação ganhada em melhores dias; e se com apparente magnificencia ainda inculca respeito, e suspende o mortal golpe, o testamento de *Theodosio I.*, e suas consequencias indirectamente o des-

(99) Esta época comprehende pouco mais de tres seculos, pois começa pela invasão dos Povos do Norte na *Hespanha* em 409 da Era *Christã*, e termina com a invasão dos *Arabes*, que aconteceu no anno 713 segundo *Brito* (*Monarq. Lusit. Liv. VII. Cap. II.*) ou segundo outros 711 ou 714 (*Argote, Mem. de Braga, Tom: III. pag. 222 — 271*).

descarregão franqueando entrada aos Povos do Norte, descobrindo-lhes o coração do Imperio, e mostrando-lhes ser panico o terror, e fantastico o poder, que os refreava. A impetuosa alluvião dos barbaros septentrionaes não só alaga a *Italia*, mas atravessando as *Gallias* inunda tambem a *Hespanha* (100). Erão estes Povos diversos em origem e nomes, porém quasi iguaes em civilisação e costumes (101).

§.

(100) Por morte de *Theodosio o Grande* o Imperio Romano foi dividido em Imperio do *Oriente* e do *Occidente* (ann. 395 da Era *Christã*), e ficou pertencendo aquelle a *Arcadio*, este a *Honorio*, ambos filhos de *Theodosio*. Estes dois irmãos erão menores, quando subirão ao throno; foi por tanto o governo do *Oriente* confiado a *Rufino*, e o do *Occidente* a *Stilicon*, tutores nomeados por *Theodosio*; os quaes ambiciosos das honras imperiaes atraçoarão os seus pupillos, e franquearão a entrada no Imperio aos *Godos*, que *Theodosio* constrangera a viver na *Thracia*, e aos *Vandalos*, *Suevos*, *Alanos*, *Burgundiones*, e *Scylingos*, que vivião nas ribeiras do *Tanais*, e da lagôa *Meotis*. Com as armas d'estes Povos fizeram *Rufino* e *Stilicon* a projectada rebellião; e bem que não tirassem partido do seu crime, pois ambos forão mortos, o Imperio ficou inundado de barbaros, que elegendo Reis progressivamente se forão senhoreando do *Occidente*; de maneira que *Alarico*, Capitão dos *Godos*, se fez acclamar Rei, e no anno 408 atacou *Roma* pela primeira vez, e repetio por mais duas esta scena, pelo que a Cidade soffreo grandes calamidades. Os *Vandalos*, *Suevos*, e *Alanos* tinham a esse tempo cahido sobre as *Gallias*, e no anno de 409 (segundo *Brito* 412) entrarão na *Hespanha*, a qual, na opinião de *Paulo Osorio*, padeceo então mais estragos em dois annos do que em duzentos, que durou a guerra com *Roma*. (*Brito*, *Monarq. Lusit.* Liv. VI. Cap. I. e III. — *Hist. Univ.* Tom. XIII. — *Diccion. hist.* palavras *Arcadius*, *Honorius*, *Alaric*.)

(101) *Brito* (*Monarq. Lusit.* Liv. VI.), e *Masdeu* (Tom. X. pag. 5 e 8) alem de outros Historiadores tem mostrado a origem d'estes Povos, não sei se com bastante fundamento: mas pela leitura d'estas Historias se conclue, que todos elles erão barbaros, incultos, sem industria, vivendo da caça, e pillagem, e manifestando ape-

§. XLV. No principio do Seculo V. se vio a *Lusitania* infestada d'estes novos conquistadores: foi porêr quasi efemera a existencia de alguns, e só os *Suevos* e *Godos* tiveram assento mais duravel. Occuparão os *Suevos* as terras septentrionaes da *Lusitania* até perto do *Téjo*; nas quaes estabelecêrão sua Monarquia independente, que foi regida por huma serie de Reis, e teve a Corte em *Braga*: engrossando porêr o poder dos *Godos* a Monarquia *Sueva* foi por estes destruida depois de ter persistido cento e setenta annos (102). Desde então as familias indigenas da *Hespanha*, e as que restavão de seus conquistadores *Romanos*, *Suevos*, *Vandalos*, etc. formárão todas com os *Godos* huma só nação debaixo do nome de *Godos*. (103).

§.

nas alguns rasgos de humanidade e justiça. (*Amaral*, Mem. de Litt. da Acad. R. das Scienc. de Lisb. Tom. VI. pag. 127 e seg.).

(102) *Brito*, *Monarq. Lusit.* Liv. VI. — *Argote*, *Antig. da Chancel. de Braga*, Liv. IV. Cap. I. III. e IV.

(103) No anno 416 da Era *Christã*, estando já na *Hespanha* os *Vandalos*, *Suevos*, e *Alanos*, entrou pela *Catalunha* *Ataulfo*, Rei dos *Godos*, e estabeleceu a sua Corte em *Barcelona*, onde morreo. Os Successores de *Ataulfo* forão ganhando forças, e auxiliados algumas vezes pelos mesmos *Romanos*, que ainda havia na *Hespanha*, vencêrão os outros Povos invasores, cujos restos ficárão sujeitos aos *Godos*. Entre tanto subio ao throno do Imperio do *Occidente* *Augustulo*, filho do tyranno *Orestes* (ann. 475 da Er. Chr.): porêr morto este, o filho largou as insignias imperiaes, e *Odoacer* Rei dos *Herulos* apoderou-se da *Italia* (ann. 476), terminando assim o Imperio do *Occidente* entregue aos Povos do Norte, e ficando na *Italia* os *Herulos* e *Lombardos*, nas *Gallias* os *Francos*, e na *Hespanha* os *Godos*: reunindo-se debaixo d'este nome os *Godos* propriamente ditos, os restos dos outros Povos do Norte que tinham invadido a *Hespanha*, os *Romanos* que aqui havia ainda, e os habitantes oriundos da Península. Estas familias tão diversas na sua origem e primitivo character forão-se ligando entre si, e communi-

§. XLVI. Isto posto, convem saber, qual seria a Medicina *Lusitana* no tempo dos *Suevos* e dos *Godos*. He de certo esta questão mais difficil de resolver do que a antecedente; porque, supposto haja Historiadores coevos, limitão-se ordinariamente a contar as acções militares, as revoluções politicas, a successão das Dynastias, a Historia Ecclesiastica, e a Jurisprudencia, de maneira que o resto de noções historicas dadas pelos modernos já sobre caracter e costumes, já sobre Commercio, Artes e Sciencias d'estes Povos, são mais conjecturas deduzidas de factos avulsos da Historia coeva, do que materia, que por esta fosse expressamente tractada, e claramente desenvolvida. He por isso que os Historiadores modernos pouco dizem de *Suevos*, e o que referem de *Godos* com mais individuação, he sobre natureza de leis, marcha do processo, e practicas forenses, copiando as idéas do Codigo *Wisigothico*, porque he o principal documento e mais extenso, que nos resta d'aquelle tempo. Eis tambem o motivo, porque os Historiadores Medicos falando d'estes Povos se limitão a transcrever a Legislação na parte tocante á Medicina (104); e como não tinha lugar em hum Codigo expôr o estado da Sciencia,

G

cia,

cando huns aos outros os seus costumes, de maneira, que em tempo do Rei *Leuvigildo* (ann. 585) formavão já hum todo homogeneo, e huma só Nação, a que chamamos *Gothica*. Devemos porém advertir, que estes *Godos* erão já muito mais civilizados, do que os primitivos, que invadirão o *Occidente*; pois o tempo, tracto com os *Romanos*, e religião que adoptarão, tudo concorreo para polir sua antiga grosseria. (Veão-se os AA. citados nas Notas 99, 100, 101, 102).

(104) Esta mesma Legislação não passa de oito Leis, que formão os oito Titulos do Liv. XI. do Codigo *Wisigothico*. (*Canciani, Leges Barbarorum*, Tom. IV. pag. 180).

cia, e os nomes e merecimento dos Medicos; por isso nas Historias de Medicina não se achão noticias positivas a este respeito. Reflectindo porêm sobre a litteratura geral d'estes Povos, sobre o estado em que achárão na *Hespanha* a Sciencia, sobre as determinações do Codigo, e sobre alguns outros factos, chegaremos a convencer-nos de que n'este tempo continuou a subsistir a Medicina Mystica, e a esquecer cada vez mais a Scientifica; de maneira que se ainda se applicavão alguns remedios naturaes, erão dictados mais pelo empirismo, do que pelos preceitos da Sciencia.

§. XLVII. Concordão os Historiadores, e ainda os que a todo o custo desejão fazer a apologia d'estes Povos (105), em que elles, inclusivamente os *Godos*, erão agrestes e incultos, quando invadirão

(105) *Masdeu* (Tom. XI.) empenha-se em louvar, quanto lhe he possível, o character e virtudes dos *Godos*, aos quaes, assim como aos outros Povos do Norte, a maior parte dos Historiadores tracção de ignorantes. Não duvido de que huma e outra opinião peque por excesso: devemos porêm não esquecer que *Masdeu* he escriptor *Hespanhol*, e que a actual Dynastia, e quasi toda a nobreza de *Hespanha* he descendente dos *Godos*. Em Sciencias e Litteratura, *Masdeu* mesmo (Tom. XI. pag. 308) confessa a pobreza dos *Godos*; mas ainda assim o amor nacional o obriga a sustentar, que os *Godos* da *Hespanha* forão mais sabios do que os do resto do Occidente: todavia de todos os Litteratos *Hespanhoes*, que *Masdeu* aponta, parece-nos que nenhum hombra o *Calabrez Cássiodoro*; o qual deo as maiores provas de seu talento e luzes, em quanto occupou as primeiras dignidades na Corte dos *Godos* da Italia, e nos Escriptos que nos deixou: e ainda se fez mais credor do reconhecimento, e elogios dos Litteratos modernos, por ter salvado no seu Mosteiro de *Viviers* alguns escriptos antigos, que aliás não chegarão a nossos dias ficando, como outros muitos, sepultados no abismo de trevas da Idade Media. (*Signorelli, Vicende della cultura nelle due Sicilie*, Tom. II. pag. 10. Napol. 1784).

rão o *Occidente*; e que supposto não procurassem, de proposito e fóra da effervescencia da guerra, destruir os edificios e estabelecimentos que achá-rão, com tudo não os melhoravão, pois lhes faltavão para isso sufficientes luzes. A sua ignorancia era tal, que mesmo sobre Agricultura, da qual tem conhecimentos as Nações mais incultas, nada sabião; pois a vierão apprender com os habitantes da *Hespanha* (106). Se na Sciencia de governar forão mais habéis promulgando leis, e formando hum Codigo; apesar do muito que as precisavão pelas não terem, e para se estabelecerem em hum paiz conquistado, e onde querião persistir, não as saberião formar, se não achassem modelo nos Codigos *Romanos*, que copiárão, e que pela continuacão do tempo accomodárão ás suas circumstancias. Conclue-se por tanto, que não trazendo os *Suevos* e *Godos* Medicina alguma dos seus primitivos paizes, havião de contentar-se com a que achassem na *Hespanha*; e seguindo n'esta parte a mesma politica, adoptada a respeito de outros objectos, muito fazião, se conservassem a que havia.

§. XLVIII. Lancemos pois os olhos sobre o Codigo *Wisigothico*, unico documento da Historia Medica d'aquelle tempo, e n'elle acharemos a Profissão abatida, e a Sciencia apoucada. — O Medico, diz o Codigo, não deve sangrar a mulher *ingenua* sem estar presente algum parente, visinho ou escravo de probidade, para que a honra da doente não seja n'esta occasião exposta a algum insulto do Medico (107): d'esta Lei se collige, que não se distin-

G 2

guião

(106) *Masdeu*, Tom. XI. pag. 52.

(107) *Cancian. Codex Wisigothorum*, Liv. XI. Tit. I.

guião Medicos de Cirurgiões, distincção, que sempre se fez nos tempos mais felizes da Sciencia de curar; porque conhecendo-se a extensão de qualquer dos seus ramos foi necessario formar d'elles diversas profissões, pois ninguem poderia ser perfeito em todos. — O Medico, quando visitasse prezos de importancia, devia ser acompanhado pelo carcereiro, para se evitar, que elle concorresse para a morte do prezo, se este a intentasse por medo do castigo (108): inutil providencia, ainda que a moral do Medico fosse capaz de tal perversidade! — O Medico, que ensinasse algum discipulo, teria de premio doze soldos (109): quando as duas Leis antecedentes não fossem já prova manifesta da pouca representação, e baixo conceito de que gozavão os Medicos d'aquelle tempo, bastava esta para se julgar em que diminuto preço era avaliada então a sua Sciencia. — O doente ajustava com o Medico o premio do seu trabalho, porém este não o podia exigir, se o doente morria (110): esta determinação, que á primeira vista parecerá justissima, bem analysada convence da barbaria e ignorancia do Legislador; pois mostra não conhecer, que a Medicina não póde sempre e absolutamente evitar a morte, tributo imposto a todo o vivente; e que o Medico dá mais decisivos testemunhos do seu talento e conhecimentos, quando prolonga a vida em certas molestias, do que quando cura outras: pelo que fica evidente a injustiça da Lei. — O Medico, que tirar

(108) *Cancian. Codex Wisigothorum*, Liv. XI. Tit. II.

(109) *Ibid.* Tit. VII.

(110) *Ibid.* Tit. IV.

a cataracta, terá de paga cinco soldos (111): não sabemos a perfeição e methodo d'esta operação entre os *Godos*, e he para admirar que ella sendo tão delicada se practicasse então. — Se em consequencia da sangria o doente *ingenuo* ficar debilitado, o Medico pagará de multa cem soldos; se morrer, o Medico será entregue á disposição dos parentes; se o doente for escravo, o Medico restituirá outro ao seu senhor (112): differença odiosa e repugnante á razão, que sendo bem formada não distingue jerarquia ou condição, quando tracta de salvar a vida de qualquer homem! Porém mais importante reflexão suscita esta Lei a respeito do estado da Sciencia; pois não só devemos suppôr que se abusava tanto das sangrias, que foi necessario aquella rigorosa providencia; mas tambem podemos concluir, que pelo temor da pena muitas vezes se deixaria de applicar ao doente a sangria, remedio tão indispensavel em frequentes casos. — Finalmente a ultima Lei Medica determina que nenhum Medico seja prezo sem ser primeiro ouvido, excepto em caso de homicidio (113): este he o unico privilegio e distincção, que no *Codigo Wisigothico* se acha a favor da Profissão Medica, porém assim mesmo parece-nos que o motivo da Lei seria mais evitar o prejuizo do serviço publico pela prisão do Medico, do que o desejo de honrar a Profissão.

§. XLIX. Taes são as poucas e unicas providencias, que o *Codigo Wisigothico* apresenta relativamente á Medicina, e que assás mostram, como já

(111) Ibid. Tit. V.

(112) Ibid. Tit. VI.

(113) Ibid. Tit. VIII.

ja dissemos, que a Profissão se achava abatida e a Sciencia apoucada. He verdade que a politica dos Legisladores parecia conhecer a importancia da Medicina, e o particular cuidado, que devia merecer-lhes; mas suas providencias accusão a ignorancia do tempo, e longe de a dissiparem, indirectamente a promovião: porêm assim mesmo apezar de insufficientes, o seu pequeno merecimento, em quanto mostravão as boas intenções do Legislador pelo bem dos Povos, pertence exclusivamente aos *Godos*, os quaes a todos os respeitos derão mais provas de cultura e civilisação do que os *Suevos*, de cuja Medicina não sabemos cousa alguma.

§. L. He bem de presumir que nos *Godos*, particularmente depois do seu estabelecimento pacifico, não houvesse absoluta indisposição e má vontade para a cultura das letras, pois consta que em seu tempo se criárão Collegios ou Seminarios nas Cathedraes e Conventos (114); cuidava-se de formar Bibliothecas (115); e apparecêrão alguns Litteratos

(114) *Masdeu*, Tom. XI. pag. 312. — O estabelecimento d'estes Collegios, unicas escolas para instrucção publica, fez cahir o imperio das letras exclusivamente nas mãos dos Ecclesiasticos; e bem que ali se ensinassem alguns ramos da Fysica e Mathematica; o principal estudo era sobre materias Ecclesiasticas. Estas Escolas forão as unicas, que houve entre os Christãos até ao tempo das Universidades; forão todavia depois mais aperfeiçoadas, estendião-se a mais objectos, e chegarão a receber tambem a Medicina, como se verá em tempo competente. Achando-se ultimamente decahidas e aniquiladas em algumas Cathedraes, o Concilio de *Trento* as mandou restaurar obrigando todos os Bispos a ter o seu Seminario para instrucção do Clero.

(115) *Masdeu*, Tom. XI. pag. 313. — Poucas Bibliothecas tiveram os *Godos*: as mais notaveis, de que a Historia faz menção, forão a do *Conde Lourenço*, a de *Santo Izidoro*, e a do Mosteiro *Sirvitano*.

tos (116): mas os fracos impulsos do Governo apenas podião sustentar o estado das Sciencias *Ecclesiasticas*, que pela queda do Imperio *Romano* não tinham soffrido tanto (§. XXXIV.); porém não eram sufficientes para reanimar as Sciencias Naturaes, que os *Godos* acháram já moribundas, e que não pudéram salvar das superstições do seculo; bem que promulgassem algumas Leis sobre estes abusos (117). Tal era a ascendencia da ignorancia sobre o animo dos Povos! Tal a indisposição para avaliar o merecimento da verdadeira Sciencia! E para maior convicção basta dizer, que tendo-se conservado até ao Seculo VII. accessa na Escola de *Alexandria* a luz da Medicina *Grega* (118), supposto que alguns
raios

(116) *Masden* (Tom. XI. pag. 388) apresenta hum numeroso catalogo de Litteratos d'esta época, e que cultiváram diversas materias; porém não aponta hum só Medico. Neste catalogo se observa, que quasi todos os Litteratos eram Bispos, ou em geral Ecclesiasticos.

(117) O Tit. II. do Liv. VI. do Cod. *Wisig.* traz as penas impostas contra os que se inculcavam por adivinhos, e fazião malefícios, e contra quem os consultava. Os Concilios, I. de *Braga*, e o IV. de *Toledo* condemnáram tambem os maléficos e bruxarias. Estas mesmas Leis Civis e Ecclesiasticas, se mostram desabuso nos que as promulgáram, provão a cega credulidade do Povo, e a multiplicidade dos impostores, que o illudião; porém os mesmos Ecclesiasticos Litteratos, como *Idacio*, não foram isentos da mania do seculo, e em suas obras se achão resabios da Magia e da Astrologia Judiciaria (*Masden*, Tom. XI. pag. 331).

(118) Depois do Seculo IV. até ao VII. só na Escola de *Alexandria* persistio o estudo da Medicina *Grega*; e talvez com mais vantagens para a Sciencia, do que em outros seculos, como provão as Obras de *Oribasio*, *Nemexio*, Bispo de *Meza*, *Aecio*, *Alexandre de Tralles*, e *Paulo de Egina*. Estes Medicos posto que copiassem huns aos outros, e todos as Obras de *Galeno*, souberão escolher d'estas o que era digno da Medicina, refutando o resto, e acrescentando idéas, e preceitos novos dictados pela experiencia, e li-

raios d'ella chegassem á *Hespanha* (119), aqui foram de tal modo absorvidos, que nem momentaneamente, como o relampago, allumiáram as trevas da *Medicina Gothica*.

§. LI. Ponderadas por tanto as circumstancias, em que os *Godos* acháram a *Medicina Lusitana*, a falta de luzes, que tinham para a melhorar; a preferencia, que davão ao estudo das Sciencias Positivas; e a especie de monopolio, que soffrião as Letras, sendo unica e exclusivamente cultivadas pelos Ecclesiasticos seculares e regulares (120): supposto, que a Historia nem descreva a *Medicina* d'esse tempo, nem ao menos aponte os nomes dos que a practicáram; podemos todavia concluir, que a *Medicina mystica* e supersticiosa, dictada pela Theosofia, era a que vogava em tempo dos *Godos*. Porque tendo permanecido o Priscillianismo até ao anno 561, particularmente na *Galliza*, e Norte da *Lusitania* (121), as practicas supersticiosas, que a doutrina d'esta Heresia insinuava para a cura das molestias, não só devião persistir até áquelle tempo, mas ainda depois seriam procuradas pela credulidade e ignorancia do Povo, sempre tardio em conhecer e desprezar abusões e costumes inveterados.

CA-

vres de subtilezas metafysicas; em huma palavra fizeram renascer e sustentaram o merecimento de *Hippocrates*. (*Mahon*, pag. 150 — 167 — *Spreng.* Tom. II. pag. 183, e seg. e pag. 200, e seg.)

(119) Consta, que *Alexandre de Tralles* viajara na *Hespanha* (*Sprengel*, Tom. II. pag. 208); porém nem as Historias da *Medicina*, nem as da *Hespanha Gothica* dão o mais pequeno indicio de que os *Hespanhoes* tirassem fructo da visita d'este célebre Medico.

(120) Vejam-se as Notas 116 e 117.

(121) *Masdeu*, Tom. XI. pag. 132, e 331.

CAPITULO IV.

Da Medicina Lusitana depois da invasão dos Arabes.

§. LII. **E**NTREMOS na quarta e ultima época (122): e acharemos a *Hespanha* theatro de huma nova revolução politica; victima segunda vez dos vicios, que aviltarão o throno, e a Corte; e assento de cruentas guerras, que talando os campos, e semeando mortes, atenuavão os Povos, e prendião cada vez mais na ignorancia o espirito publico. Porém a que prodigiosas alternativas estão sujeitos os acontecimentos humanos! Que inesperadas vantagens muitas vezes resultão de causas, que só promettião exasperação do mal! Assim aconteceu n'esta época á Medicina da *Hespanha* pela invasão dos *Arabes*.

§. LIII. Perdido o esforço e disciplina militar dos *Godos* com o ocio da Nação (123); desarmado o Reino pelas impoliticas determinações d'ElRei

H

Wi-

(122) Esta época comprehende quatro seculos; pois tantos decorrerão desde a entrada dos *Mouros* na *Hespanha* em 713 até ao principio do seculo XII, em que *Portugal* começou a ser independente da *Hespanha*. He ponto controverso entre os Historiadores, qual fosse o anno, em que o Conde *D. Henrique* começou a governar livre de sujeição á *Hespanha*: a opinião de *Fr. A. Brandão* he, que depois da morte de *Affonso VI. de Leão*, succedida no anno de 1109, *Portugal* ficou independente (Monarq. Lusit. Liv. VIII. Cap. IX.), e por tanto a fundação da Monarquia *Portuguesa* data do principio do seculo XII.

(123) Particularmente depois do Reinado de *Leuvigildo* (Nota 103) a *Hespanha* esteve em paz e grande quietação (Monarq. Lus. Liv. VI. Cap. XXIX.).

Witiza (124); afracada e pervertida a honra e modestia do Clero e Nobreza pela brutal lascivia fomentada por aquelle Rei, e pelo seu successor *D. Rodrigo* (125): este com hum excesso de voluptuosidade excitou o justo resentimento do Conde *Julião* (126), Senhor do maior respeito e influencia no Reino, e provocou huma vingança superior ao crime; pois o Conde em desaggravo da injuria recebida offereceu e franqueou entrada na *Hespanha* aos exercitos *Sarracenos*, sacrificando o bem publico por huma offensa particular. Este foi o remate da fatal desgraça da *Hespanha*, preparada pelos vicios d'aquelles dois Reis.

§. LIV. Entrão na *Hespanha* os *Arabes*; e sua impetuosa torrente leva diante de si os *Godos*, e os comprime nas montanhas das *Asturias*, onde escapa o resto da *Dynastia Gothica* (127). Os *Godos*
po-

(124) Ibid. Cap. XXX.

(125) Ibid. — Chronicon do *Silence* N.º 14 debaixo do titulo *Wittise flagitia et Roderici*.

(126) ElRei *D. Rodrigo* tinha promettido casar com huma filha do Conde *Julião*, chamada *Cava*, porém faltando á sua palavra casou com huma senhora *Moura*, o que scandalizou muito o Conde. Sendo este mandado como Embaixador a *Berberia*, ElRei que tinha paixão por *Cava* procurou seduzila, e por fim violentamente satisfez sua brutal paixão. Quando o Conde voltou, e soube este acontecimento prometteu vingar-se; e disfarçando as suas intenções pediu o governo das terras, que os *Godos* então possuíão na Costa de *Berberia*, para ajustar com os *Sarracenos* a invasão da *Hespanha*; o que conseguiu sendo elle hum dos que acompanhou o General *Muza* n'esta jornada, e lhe adquiriu partido na *Hespanha* (Monarq. Lus. Liv. VII. Cap. I. e II.).

(127) O exercito *Sarraceno*, achando os *Godos* desaperccebidos, desarmados, e desacostumados da guerra, pouca resistencia encontrou; e todas as *Historias* attestão, que nas montanhas das *Asturias* he que poderão escapar algumas familias *Gothicas*, que depois acclamárão Rei a *D. Pelayo*.

porém, recobrado o valor e brio, que outr'ora os distinguíra na guerra, descêrão ás planices, rebatêrão os *Mouros*, e segundo a diversa fortuna das armas ora estes ora aquelles dominárão maior parte da *Hespanha*. Foi tambem a *Lusitania* dividida entre as duas Nações, e o rio *Douro* quasi sempre a linha divisoria, que as separava (128). Não aconteceu por tanto n'esta época, como se observára na antecedente, formarem pelo correr dos annos os conquistadores e conquistados huma só Nação uniforme em character, opiniões e systhema: agora ao contrario *Godos* e *Arabes* huns e outros conservão a diversidade de Religião, Leis e costumes, e não só no terreno proprio, mas tambem no alheio debaixo da sujeição dos inimigos (129).

H 2

N'es-

(128) Os *Godos*, descendo das *Asturias*, para reconquistar os seus dominios, forão progressivamente ganhando terreno, até que em tempo de *Affonso I.* se estendêrão pelo lado de *Portugal* até ao *Douro*; e assim permanecêrão hum seculo, ora perdendo, ora ganhando. *D. Affonso II.* adiantou as conquistas, e pelos annos 798 chegou a tomar *Lisboa* (*Amaral, Mem. de Litt. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa, Tom. VII. pag. 109 not. 101*): não ficou esta Cidade muito tempo em poder dos *Christãos*; porém *Affonso III.* ainda que não a possuiu, recobrou muitas outras, chegou ás margens do *Téjo*, e passou este rio, deixando suas conquistas mais seguras: n'este estado pouco mais ou menos se conservou por outro seculo a extensão do dominio *gothico*. As victorias e fortuna do célebre *Almanzor* obrigárão os *Godos* a retroceder até ao *Douro*, onde ficárão limitados desde 988 até 1058, em que *D. Fernando* recobrou o perdido (*Masdeu, Tom. XIII. pag. 2 — Amaral, Obr. cit.*).

(129) *Amaral, Obr. cit. Tom. VIII. pag. 66.* — A diversidade de Religião oppunha-se ás allianças conjugaes; e por isso as familias das duas Nações vivião separadas, e não podião fazer, como na época antecedente, hum amalgama dos costumes de ambas. Todavia os *Godos* não deixarão de tomar alguns costumes e palavras *Arabigas* (veja-se a *Mem. cit.*).

N'estes termos se os habitantes da *Hespanha* poderão communicar luzes e instrucção aos invasores Septentrionaes (§. XLVII.), agora mal a poderão receber dos *Sarracenos*, de cuja intimidade fogem, censurando os que tractão com elles, ou se dão ao estudo da sua *Litteratura* (130). Por estes motivos devemos considerar n'esta época duas Medicinas diversas na *Lusitania*; porque tendo sido o progresso das Sciencias differente nos dois territorios *Gothico* e *Sarraceno*, a sua Medicina necessariamente devia ser diversa.

§. LV. Não erão os primeiros *Arabes*, que invadirão a *Hespanha*, capazes de a melhorar em *Litteratura*. Gentes de guerra, e sempre com as armas na mão; contínua distracção e cuidado vigiando o inimigo, e atalhando rebelliões; desassocego pelas discordias domesticas; systhema de usurpação e de pilhagem formando o espirito publico, governo nas mãos de Generaes distantes do Soberano; causas tão po-

(130) N'este logar e em alguns outros somos obrigados a usar da palavra *Litteratura* em hum sentido mais extenso comprehendendo *Humanidades* e *Sciencias*. As passagens da Obra de *Alvaro de Cordova* transcriptas nas notas 70 e 71 da Mem. cit. provão, que alguns *Christãos* frequentavão as Estudos *Arabigos*; porém mostram igualmente, que isto não era da approvação das pessoas mais acreditadas, e de maior respeito em materias de Religião: pelo que he facil de concluir, que por este motivo as Sciencias e Medicina *Arabiga* se não poderião propagar entre os *Godos* principalmente nas terras, onde elles governavão; e apenas alguns dos *Christãos*, que vivião em *Cordova*, e outras Cidades dos *Sarracenos* seriam os que se dessem a estes Estudos. Aqui poderíamos examinar a opinião de *Masdeu*, quando põe em questão; Se os *Arabes* receberão a primeira influencia *Litteraria* dos *Godos*, ou se estes a receberão d'aquelles: porém deixamos este objecto para outra occasião, em que mostraremos não adoptar o parecer de *Masdeu*, que fazendo capricho de elogiar os *Godos* segue a affirmativa da primeira proposição.

poderosas seriam capazes não só de retardar o progresso dos conhecimentos Medicos, onde os houvesse, porêr muito mais de empecer á sua introdução, onde os não havia.

§. LVI. Passados porêr os primeiros dois seculos d'esta época, que extraordinaria mudança, que nova face apresenta a Medicina entre os *Mouros* na *Hespanha* meridional! As perdas causadas em algumas batalhas derão por vezes descanso ás armas, e occasião a treguas mais ou menos prolongadas (131): estes intervallos de socêgo progressivamente firmarão a estabilidade e poder dos *Mouros* no meio dia da *Hespanha*; e n'estas circumstancias os seus Governadores, que ao principio erão sujeitos aos Califas do *Oriente*, desde *Abderrahman I.* largarão a sujeição, acclamárão-se Reis independentes, e assentárão a sua Corte em *Cordova* (132). Estes novos Reis, com o zelo de quem administra bens proprios, cuidárão na instrucção publica, e na cultura da Medicina; estabelecendo Escolas, que forão as mais célebres do mundo n'estes seculos.

§.

(131) Nos Reinados de *Aurelio*, *Silo*, *Mauregato*, e *Bermudo I.* houve paz entre *Christãos* e *Mouros*; e a ociosidade d'aquelles Reis deo lugar a que *Abderrahman I.* podesse rebater os muitos levantamentos e grande opposição do partido contrario, e firmar o seu throno a ponto de ser o primeiro, que se erigio em Califa independente.

As victorias dos dois *Affonsos II. e III.* posto que estendessem o Dominio *Gothico* não offendêrão *Cordova* centro do Governo *Sarraceno*; nem as campanhas do seculo seguinte apoquentarão demasiadamente os *Mouros*, chegando em alguns annos a haver paz, como foi reinando *Affonso IV.*

(132) *Ferreras, Hist. Gen. d'Espagn.* Tom. II. pag. 446, e 491. — *Amaral, Obr. cit.* pag. 228.

§. LVII. Talvez parecerá incrível tão extraordinaria mudança, attenta a barbaria dos invasores *Sarracenos*, e a ignorancia em que achárão a *Hespanha*: não forão porêm collidas aqui as primeiras sementes da sua Litteratura (133). Conservarão os

Ara-

(133) Já na nota 130 tocámos esta especie, dizendo que não seguíamos a opinião de *Masdeu*. Este Historiador *Hespanhol* fez todo o esforço para elogiar os *Godos* até em Litteratura, affirmando que de todos os *Septentrionaes*, que ficâão occupando a Europa pela quêda do Imperio Romano, os *Godos* da *Hespanha* erão os mais instruidos. Não impugnamos esta opinião; mas ponderamos, que a instrucção da *Hespanha* só podia fazer algum vulto comparada com a crassissima ignorancia, em que estavam a *França* e *Italia*; porêm não por que absolutamente falando os *Hespanhoes* cultivassem, e com vantagem, os diversos ramos scientificos, que outr'ora florecêrão na *Hespanha*. Já vimos (Not. 114), que a principal instrucção dos *Godos* era sobre Bellas Letras e Sciencias Positivas; que as Naturaes lhes erão quasi desconhecidas, e que do seu tempo não se aponta hum só Medico. Comvimos tambem com *Masdeu* em que os *Arabes*, que primeiro invadirão a *Hespanha*, e ainda pelo decurso de dois seculos, não erão instruidos. Porêm d'aqui não podemos concluir que, se elles tomárão depois gosto pelas Letras, e fizerão tantos progressos, fosse por influencia e exemplo dos Nacionaes; porque d'estes só poderião apprender Sciencias Ecclesiasticas e Direito *Wisigothico*; e he justamente isto, que os *Arabes* sempre desprezárão e ignorárão, fazendo o seu principal estudo as Sciencias Naturaes: e se examinamos, d'onde estas lhe poderião vir, concluiremos, que de lá receberião tambem as noções sobre Bellas Letras, pois foi simultaneo, e mutuamente dependente, o estudo d'estas e o das Sciencias. Além d'isto no seculo IX. em que começava a Litteratura *Arabiga*, essa tal ou qual instrucção dos *Godos* estava mui decahida, como lamentava o Abbade *Sansam*, e *Alvaro de Cordova*, Escriptores coevos (*Amaral*, Obr. cit. Notas 69, 70, e 71). He por tanto muito mais natural, e por muitos factos historicos se prova, que a communicacão estabelecida entre a *Hespanha Arabiga* e o *Oriente*, he quem franqueou aos *Arabes* os rudimentos das Sciencias, e os meios de as elevar ao gráo a que chegarão. Os *Godos* porêm cuja *Marinha* foi mui fraca, e apenas navegava até as costas de *França* e *Italia*, não podião ir buscar a instrucção ao *Oriente*: e das Nações

Arabes da *Hespanha* correspondencia seguida, e livre commercio com o *Oriente*, onde se haviam refugiado as Sciencias, quando decahirão no Imperio *Romano*; e de lá vierão as sementes, que encontrando na *Hespanha* clima proprio produzirão fructos não degenerados. Devemos por tanto recorrer áquella origem para melhor conhecer a natureza da *Medicina Arabico-Hispana*.

§. LVIII. Em primeiro lugar convem advertir que, segundo affirmão alguns Historiadores, *Mafoma* não só tinha conhecimentos Medicos (o que igualmente se collige de muitos preceitos do Alcorão), mas tambem transmittiu aos discipulos a sua *Medicina* (134), não em forma de *Sciencia Fysica*, mas como preceitos dieteticos recebidos por Inspiração. Os *Nestorianos* expulsos do seio da Igreja *Orthodoxa* por ordem de *Theodosio II.*, e espalhados pelo *Oriente*, estabelecerão varias Escolas, e entre estas a que depois do Seculo VII. floreceu em *Dschondisabour*, onde elles erão Professores, e ensinavão a *Medicina Hippocratica*: n'estas Escolas começárão os *Arabes* a tomar gosto pela *Filosofia* e *Medicina scientifica* (135). Invadida *Alexandria*
pe-

Européas, com quem tinham relações politicas, nada podião apprender.

(134) Veja-se a este respeito a Vida de *Mahomet* traduzida do Alcorão por *J. Gagnier* (Tom. III. Liv. VII. Cap. XXI.), onde se achará, que *Mafoma* conhecia a *Medicina Grega*, e d'ella tirou os fundamentos para as regras de *Hygiene*, que inseriu entre os preceitos religiosos para mais exactamente serem observadas.

(135) O Heresiarca *Nestorio*, Prelado de *Constantinopla* inventou e quiz sustentar algumas opiniões como dogmas, ás quaes se opposerão os Padres da Igreja: e depois de grandes contestações, em que se chegou a pegar em armas, *Theodosio II.* no anno 432: desterrou *Nestorio* para a *Thebaida*. Os seus sectarios não sendo to-

pelas tropas de *Omar*, supposto que sua Bibliotheca fosse entregue ás chamas, os *Arabes* respeitá-
rão os livros medicos, que escapárão ao incen-
dio (136); e os mandárão depois traduzir pelos *Nes-*
torianos e *Judeos* (137) para n'elles poderem es-
tudar a Medicina. Concorrêrão tambem para a in-
struc-

lerados no Imperio *Romano* passárão á *Persia*, e extremidades da *Asia*, onde continuárão a ensinar e propagar a sua Heresia (*Dicc. hist.* palavra *Nestorius*): e no mesmo tempo não só levárão ali a Medicina, que havia em *Constantinopla*, e a cuja practica os Ecclesiasticos se davão n'aquelle tempo, mas tambem adquirirão novos conhecimentos dando-se ao estudo dos Escriptores *Gregos*, cuja lingua lhes era conhecida. Das Escolas *Nestorianas*, e particularmente da de *Dschondisabour* começárão a derramar-se os conhecimentos Medicos pelos *Arabes* (*Spreng.* Tom. II. pag. 248).

(136) *Mahon*, pag. 170. — *Eloy*, *Dicc. de Med.* palavra *Arabes*. — A tomada de *Alexandria* pelos *Arabes* foi no anno 20 da Hegira (ann. 640 para 641 da Era *Christã*) (*Hist. Univ. par une Sociét.* Tom. V. pag. 385).

(137) *Spreng.* Tom. II. pag. 251, 253, 267, 271, e 272. — Os *Nestorianos* porque erão oriundos da Igreja *Grega*, e os *Judeos* porque tinham residido em *Alexandria*, sabião a *Lingua Grega*; e huns e outros por terem passado á *Asia* sabião a *Syriaca*, na qual se fizerão as primeiras traducções, que depois forão vertidas na *Arabiga*. Já se vê por tanto, que os *Arabes* não podião conhecer o verdadeiro espirito dos *Gregos*, pois os estudarão só nas traducções, e essas ás vezes não seriam mui exactas. As Obras de *Hippocrates*, *Galeno*, e de outros Medicos *Gregos*, e tambem as de *Platão*, *Aristoteles*, *Ptolomeo*, e *Plinio* chegarão ao conhecimento dos *Arabes* por estas versões. Os Traductores mais célebres forão *Maserschawaih-Ebn-Dschaldschal*, *Judeo* de *Bassora*, que traduzio os trinta e dois Livros, chamados *Pandectas*, de *Ahrun* Escriptor o mais antigo da Escola *Arabiga*; ha quem diga, que esta traducção fora feita por hum *Gosio* de *Alexandria*: os outros Traductores forão *Hhonain*, seus dois filhos *Izhac* e *David*, e o neto *Hhobaisch*, todos *Nestorianos*; e o primeiro mui acreditado pelo exacto conhecimento, que tinha das Linguas *Grega* e *Arabiga*, e pela sua instrucção medica, pelo que teve o titulo de *Rabban* (Mestre) na Escola de *Bagdad* (*Sprengel*, Tom. II. pag. cit.).

strucção dos *Arabes* os *Judeos* estabelecidos em *Alexandria* e na *Asia* (138): estes porêem, tendo sido os maiores fautores da Theosofia ou Medicina Mystica, communicarão estas idéas tambem aos *Arabes* (139), que pelos seus principios religiosos erão já mui dispostos á superstição. Eis as fontes dos primeiros conhecimentos scientificos dos *Arabes*, e em particular da sua Medicina.

§. LIX. Porêem debalde estes meios de instrucção se apresentarião a hum Povo rude e supersticioso; se o Governo não animasse as letras, e convidasse ao estudo, como por ventura aconteeo. Os Califas da familia dos *Abbassidas*, particularmente Haroun-al-Raschild, e Al-Manon (140) declarão-se decididos protectores das Sciencias; convocão

I

Sa-

(138) Os *Judeos*, sendo bem acolhidos pelos Califas *Abbassidas*, estabelecêrão Escolas proprias em *Pumdebita* e *Sora* na *Persia*, e em *Saphne* e *Tiberiade* na *Syria*; onde além da sua Religião ensinavão a Medicina, e outras Sciencias Naturaes (*Astruc*, *Mem. para a hist. da Faculd. de Med. de Montpel.* pag. 7 nota: o qual cita *Bartalocci*, *Bibl. magn. Rabbin. Part. III. de Acad. Babyl.*). D'aquellas Escolas se transmittirão as Sciencias aos *Judeos* do *Occidente* pela correspondencia, que as Conquistas *Sarracenas* facilitavão entre huns e outros (*Basnage*, *Hist. des Juifs*, Liv. V. Cap. V., e Liv. VII. Cap. II.). Estes factos acabão de comprovar a opinião, que seguimos na Nota 133 a respeito da origem da Litteratura da *Hespanha Arabiga*.

(139) A Seita Medico-Theologica, trazida a *Alexandria* pelos *Judeos* (Nota 74) chamados *Essennios* e *Cabalistas*, tinha-se ali estabelecido; e d'ella passou aos *Christãos*, e mesmo aos Filosophos pagãos, a theoria das Emanações, a Astrologia Judiciaria, a Alquymia, o uso dos talismans e amuletos, etc.: o que tudo os *Arabes* adoptarão, sendo d'entre elles hum dos Filosophos mais famosos, que escrevêrão sobre esta materia, o célebre *Al-Farabi*, que viveu no seculo X. (*Spreng.* Tom. II. pag. 129, 133, e 259).

(140) *Ibid.* pag. 253. — *Dicc. hist.*

Sabios; formão Bibliothecas; e estabelecem Hospitales e Escolas, d'entre as quaes a de *Bagdad* foi a mais célebre (141). Por meio das conquistas *Sarracenas* se foi estendendo o Imperio e Litteratura *Arabiga*; e assim chegou a *Tunes*, *Fez* e *Marrocos*, onde os Sabios forão bem acolhidos por alguns Soberanos (142).

§. LX. Mas em nenhum dos Estados *Mahometanos* adquirirão as letras maior esplendor e fama, do que na *Hespanha*. Estabelecida aqui a Monarquia *Sarracena* quarenta e dois annos depois da invasão, as circumstancias não favorecerão logo a cultura das letras; e só no principio do Seculo X. nos Reinados de *Abderrabman III.*, e mais ainda no de *Albaken II.*, começarão a florescer e ganhar fama as Academias *Arabigo-Hispanas* (143). Na Corte de *Cordova* se criou huma Escola, que por muitos annos foi a mais célebre e frequentada: ali se ensinavão Humanidades e Sciencias, e houve huma Bibliotheca de 250000 volumes (144), dos quaes

(141) *Spreng.* Tom. II. pag. 252.

(142) *Ibid.* pag. 254: — Veja-se o fim da nota 138. — O nosso Consocio o Sr. Fr. José de Santo Antonio Moura possui hum Manuscripto em *Arabe* intitulado *Cartaz*, que tracta da Historia dos Soberanos da *Mauritania*, escripta por *Abu-Mohamed Saleh, ben Abdelhalim*: n'esta Historia, que se acha traduzida pelo nosso digno Consocio, se lê, que *Jahiah*, Soberano da *Mauritania*, da Familia dos *Edrisses* (porém não o ultimo como diz *Spreng.* loc. cit.) fôra doutor, sabio, eloquente, e governára com muita prudencia e justiça: mas foi despojado do Throno no anno 305 da Egira (917 da Er. Chr.). Sendo pois este Rei tão dado ás Letras, não admira que de tal modo as protegesse, que a sua Corte se convertesse em huma verdadeira Academia, como diz *Spreng.* loc. cit.

(143) *Spreng.* Tom. II. pag. 255. — *Masdeu*, Tom. XIII. pag. 171, e 200. — *Amaral*, Obr. cit. pag. 102.

(144) *Dicc. des Scienc. Med.* Intr. pag. XLIX. Sobre as mate-

quaes só os escriptos por Auctores *Arabigo-Hispanos* chegarão a 1851, e muitos d'estes sobre Medicina (145). Criárão-se tambem Escolas em *Sevilha*, *Murcia*, e *Toledo*; e o credito e nomeada de todas ellas lhes attrahia discipulos de toda a parte (146); e tambem *Christãos* (147), apezar da inimizade, que sempre tiverão aos *Mouros*. Assim foi progressivamente crescendo o merecimento e esplendor das Letras na *Hespanha*, de maneira que no Seculo XII. contavão-se já setenta Bibliothecas publicas (148).

§. LXI. Temos pois indicado em geral a Historia chronologica da Litteratura *Arabiga* desde sua origem no *Oriente* até chegar á *Hespanha*, e ali se elevar ao maior auge. Vimos que a Medicina seguira a mesma derrota das outras Sciencias, porque humas e outras mutuamente se attrahem. He porê m tempo de falar particularmente da Historia Scientifica, e de mostrar qual era a natureza da Medicina *Arabiga*, e quaes os Medicos que a ensinárão e practicárão na *Hespanha* mais distinctamente: o que a este respeito dissermos he applicavel á *Lusitania* Meridional, que n'esta época estava sujeita aos *Arabes*, e participava do estado politico e litterario das *Andaluzias*.

§. LXII. Não foi o merecimento da Medicina *Arabiga* proporcional ao majestoso apparatus de tantas Escolas, Academias, Bibliothecas e Escrip-

I 2

to-

rias, que se ensinavão, veja-se *Amaral*, Obr. cit. Not. 86, e mais amplamente *Casiri*, Catalogo dos Monumentos *Arabico-Hispanos* da Bibliotheca do *Escorial*.

(145) *Ibidem*.

(146) *Diccion. des Scienc. Med. loc.-cit.*

(147) *Amaral*, Obr. cit. Notas 70, 71, e 73.

(148) *Spreng. loc. cit.*

tores. Já mostrámos (§. LVIII.) por factos historicos de que fontes emanarão os principios d'esta Medicina; e lançando agora os olhos sobre os seus Escriptos, confirmaremos *a posteriori* o que *a priori* havíamos deduzido d'aquelles factos. Com effeito a Filosofia de *Aristoteles* e *Platão*; a Medicina de *Hippocrates*, *Galeno*, e da Escola de *Alexandria* (149); a Historia Natural de *Dioscorides* e *Plinio*; e a Theosofia dos *Judeos* com os desvarios e imposturas da Astrologia Judiciaria e da Magia, tanto cooperarão para formar a Medicina dos *Arabes*, e lhe imprimirão o cunho de suas opiniões, que os Escriptos *Arabigos* não passam ou de hum amalgama de todas ellas, ou de huma inexacta e pouco sincera compilação, em que muitas vezes são desfigurados os Escriptos *Gregos* por defeito das versões, e em outras se chega a occultar o nome do Auctor compilado. Esta ultima circumstancia obrigou *Cabanis* a dizer (150), que os *Arabes* Litteratos, tão pilhantes como os guerreiros, se apropriavam as idéas das Obras menos conhecidas, e ás vezes Obras inteiras, não fazendo mais do que substituir o seu nome ao do verdadeiro Auctor. Tinhaõ por tanto os *Arabes* nos Escriptos de *Hippocrates* saudaveis preceitos de Clinica para se dirigirem no seguro caminho da austera observação: tinhaõ na Metaphisica dos Filósofos antigos, e nas argucias e minuciosas distincções da Medicina *Galenica*, abundan-

(149) Veja-se a Nota 118, onde apontámos os principiaes Escriptores Medicos d'esta Escola, chamada a Escola moderna de *Alexandria*. O maior merecimento de alguns *Arabes* consistiu em copiarem e seguirem as doutrinas d'esta Escola.

(150) *Cabanis*, *Revol. de la Med.* pag. 119.

dante pasto para sua imaginação escandecida : tinham finalmente nos prodígios da Medicina Mystica , e no maravilhoso da Astrologia Judiciaria , variados e extraordinarios incentivos para huma sensibilidade viva , e sempre inimiga da monotonia : em taes circumstancias o character e temperamento da Nação devia decidir da escolha.

§. LXIII. A nimia sensibilidade cerebral propria de hum Povo , que em seu primitivo paiz , e nos que decorreu até á *Hespanha* , estava sempre exposto aos calores meridionaes , devia imprimir nos *Arabes* hum temperamento mui sensivel , excessivo nas paixões , propenso para o maravilhoso , exagerado e hyperbolico em seus pensamentos , porém ao mesmo tempo com pouca força muscular , e por isso incapaz de perseverança , sujeito á laxidão e pusillaniedade , disposto para a credulidade e escravidão , e inclinado ao fanatismo e superstições. Todas estas circumstancias não escaparão de certo a *Mafo-ma* , quando prescreveu aos *Arabes* huma Religião sensual e hum Governo despotico ; o que pelo correr do tempo lhes arraigou ainda mais o seu temperamento e character. A' vista d'isto não he para admirar , que os *Arabes* pela maior parte se dessem pouco á profunda e sêca meditação da Medicina *Hippocratica* ; que antes se lisongeassem com as subtilezas filosoficas , e com as hypotheses da Dialectica , defendendo-a a despeito da propria Religião (151) : que acreditassem facilmente os prodígios

(151) A cultura da Filosofia era absolutamente opposta ás maximas do *Islam* ou *Mahometismo* ; e por algum tempo foi condemnada. A protecção , que os Califas *Abbassidas* mostráram pelas Sciencias , animou os *Arabes* a procurar destruir este obstaculo ás Sciencias

gios da Theosofia e os vaticínios da Astrologia Judiciaria e da Magia ; e finalmente que prestando servil sujeição á primeira Medicina que adoptarão, não ousassem afastar-se d'ella, e sem a melhorar nem corrigir a entregassem aos *Europeos*, que os substituirão no imperio das Letras.

§. LXIV. Quanto se tem dito forma o quadro da Medicina *Arabiga* em geral, e deve intender-se da maior parte dos seus Medicos, porêm não de todos ; pois alguns houve, principalmente dos que florescerão na *Hespanha*, que posto não fossem absolutamente izentos dos defeitos acima notados, observarão melhor os preceitos *Hippocraticos*, e ganharão gloria de originaes pelas regras practicas e novas acquisições, com que enriquecerão a Sciencia : o que passamos a ver examinando o estado de cada hum dos ramos da Medicina *Arabiga*, e o merecimento dos seus principaes Escriptores.

§. LXV. O que acima dissemos (§. LXII.), he bastante para se conhecer a natureza da Filosofia *Arabiga*, e a influencia que d'esta receberia a Medicina. A Metafysica transcendente, a Dialectica e o systema de Emanações fazião a base da Filosofia nacional, e da sua opinião sobre o systema fysico do Universo. Entre os Filósofos mais celebres são enumerados *Al-Farabi*, *Al-Aschari*, e o *Anduluz Ebn-Thophail* ; cuja reputação ainda mais dispôz os *Arabes* para acreditar a Astrologia Judiciaria e a Alquymia (152).

§.

cias ; combinando por meio de subtilezas e sofismas os principios da Filosofia com os da Religião, com o que desfigurarão huma e outra, e derão origem a Scismas.

(152) *Spreng*. Tom. II. pag. 259, e seg.

§. LXVI. Passando pois aos diversos ramos da Medicina; a Anatomia hum dos mais fundamentaes, foi o menos cultivado pelos *Arabes*: era estudada só pelos livros *Gregos* não sendo demonstrada practicamente senão a Osteologia; porque as disseccções nos cadaveres humanos erão prohibidas pela Lei, e contrarias aos dogmas da crença *Mahometana* (153): este abuso parece ter sido vencido só pelos dois célebres *Hespanhoes Avenzoar e Albucasis*, como depois veremos.

§. LXVII. Pelo contrario a Quymica e Farmacia mui cedo (154) tomárão entre os *Arabes* hum face nova; ou seguindo a opinião do célebre *Fourcroy*, foi criada por elles; sendo então a primeira vez, que começou a tirar-se verdadeiro interesse do seu estudo (155). O gosto de fazer preparações pharmaceuticas mui complicadas, que os *Arabes* apprenderão de *Galeno* (§. XXIX.), os obrigou a tentar mui variadas composições, e a preparar e combinar os simples por diversos modos, tractando-os pela agoa e pelo fogo: d'estes processos resultou o descobrimento de principios novos, e de novas preparações, para as quaes foi indispensavel criar termos

no-

(153) Ibid. pag. 261.

(154) Já no seculo VIII. *Abu-Moussah-Dschafar-Al-Soli*, conhecido vulgarmente pelo nome de *Geber*, na sua Obra sobre a Alquymia faz menção de algumas preparações quymicas, como o Sublimado corrosivo. o Precipitado rubro, os Acidos nitrico e nitro-muriatico, o Nitrato de prata, e outras (*Spreng.* Tom. II. 263). Os trabalhos dos *Arabes* sobre a Alquymia, e a influencia d'esta na Medicina podem ver-se em resumo no Diccionario de Medicina de *Eloy*, e no das Sciencias Medicas, palavra *Alchimie*.

(155) *Fourcroy*, *Système de connaissances chimiques*: Edic. em 4.^o Tom. I. pag. VI.

novos: de que ainda hoje nos servimos, e que sendo de origem *Arabiga* mostram a época da sua introdução na Medicina (156).

§. LXVIII. A *Materia Medica* entre os *Arabes* pouco excedeu a dos *Gregos* e *Romanos* em riqueza de medicamentos. Supposto que alguns se dessem ao estudo da *Botanica* (157), descobrirão mui poucas plantas, e não entendendo as escuras e imperfeitas descrições dadas por *Dioscorides* e *Plinio*, ainda as deixarão mais confusas nas suas traducções (158); trocando os nomes, e confundindo humas plantas com outras (159). A maior vantagem, que a Medicina tirou dos *Arabes* n'este ramo, foi o conhecimento dos purgantes *eccoproticos*, como a *Cassia*, *Tamarindos*, *Senne* e outros, os quaes

(156) *Spreng.* Tom. II. pag. 263. — Entre os nomes Farmaceuticos inventados pelos *Arabes*, e que ainda hoje estão em uso, podem enumerar-se os seguintes: *alcohol*, *julepo*, *xarope*, *looch*, *naphtha*, *alcanfor*, *bezoar*, etc.

(157) Os mais notaveis Escriptores dos *Arabes* sobre *Materia Medica* forão *Serapião* e *Mesué* os moços; e mais do que todos *Abdallah*, de quem falaremos ainda. O primeiro recopilou completamente o que tinham dito os *Gregos* e *Arabes*, e accrescentou idéas novas, e noticias mais exactas: o segundo pouco se afastou de *Galeno*, mas entre o que tem de seu nota-se a opinião sobre especificos de órgãos, e muitas regras para corrigir o effeito dos medicamentos: o terceiro porém pelas viagens que fez, e pela reputação que gozava, talvez se adiantasse mais; mas a sua *Obra* não tem sido impressa, e por isso ignoramos os muitos descobrimentos que dizem ter feito.

(158) Veja-se o que a este respeito diz o Sr. *Felix de Avellar Brotero* no seu *Compendio de Botanica*, Tom. I. pag. xxvii.

(159) Os mesmos *Arabes* se não conformavão; pois *Avicena* e *Serapião o moço* servirão-se algumas vezes dos mesmos nomes, porém applicando-os cada hum d'aquelles Medicos a diversas plantas (*Spreng.* Tom. II. pag. 318.).

quaes forão substituidos aos *drásticos* usados pelos *Gregos*, e que em paizes quentes produzião muitas vezes funestas consequencias (160). Em quanto porêm á parte theorica da *Materia Medica*, já sobre propriedades dos medicamentos, já sobre o modo como obrão, as suas opiniões erão tão *hypotheticas* e extravagantes (161), como as outras theorias.

§. LXIX. Os principios theoricos, de que se servião na *Fysiologia*, *Pathologia*, e *Therapeutica*, erão com pouca differença os de *Galeno* e dos *Gregos* modernos de *Alexandria* (§. LXII.); e no que tinham de seu mostravão sempre o gosto da *Philosophia peripatetica* fazendo mil distincções e diviões, ordinariamente arbitrarías (162). Em quanto porêm á practica da *Medicina*, posto que pela maior parte copiassem e prescrevessem o que estava dito pelos *Gregos*, alguns preceitos estabelecêrão; aperfeiçoárão as descripções de algumas doenças (163);

K

e

(160) *Spreng.* Tom. II. pag. 272. — Tambem começou em tempo dos *Arabes* o uso de algumas substancias mineraes, como forão; huma especie de *Calomelanos* usados externamente em molestias de pelle; diversas minas de *Arsenico* dadas em *clysteres* na *Dysenteria chronica*; os *Sulfatos* de cobre, e de ferro; o *Salitre*, e o *Tincal*: dos quaes todos se servio *Rhasis* na sua practica (*Ibid.* pag. 300).

(161) Pode-se ver em *Spreng.* Tom. cit. pag. 284, 319, 325; e d'estes defeitos não escapárão ainda os que reputámos (Not. 157) melhores *Escreptores* sobre esta materia.

(162) *Ibid.* pag. 274.

(163) Particularmente das Doenças cutaneas. As molestias de pelle forão pouco observadas pelos Antigos *Gregos* e *Romanos*, o que se pode considerar como premio da vida sobria e exercitada, fructo da limpeza e asseio, e beneficio do clima saudavel: por isso mui pouco e mui confusamente falão d'estas molestias *Homero*, *Hesiodo*, *Herodoto*, *Hippocrates* e outros, que escreverão anteriormente ao *Imperio Romano*. Pervertidos depois os bons

e descreverão outras de novo, como forão as *bexigas*, o *sarampo*, e a *spina ventosa* (164). Porém falando em geral faltavão aos *Arabes* a circumspecção, espirito observador, e amor pela verdade; circumstancias, que essencialmente exigem estas partes da Medicina: transmittião por tanto huns aos outros as observações e preceitos de seus antepassados sem as verificar, nem submeter á critica; e pelo gosto do maravilhoso não duvidavão impôr ao vulgo, e propendião para a charlatenaria, já servindo-se de remedios empiricos, já attribuindo á inspecção das urinas e ao exame do pulso muito mais do que se pode ajuizar por estes simples dados (165), nos quaes fundavão grande parte dos seus prognosticos. Devemos com tudo advertir, que a mania de prognosticar, inspirada pela Astrologia Judiciaria e pela Magia, de tal modo lhes chamou a attenção á Semeiôtica, que muito n'ella se distinguirão (166).

§.

costumes, e communicando os *Romanos* com o *Egypto* e *Syria*, forão-lhes mais familiares estas enfermidades, das quaes *Celso*, *Arquigenes*, e *Galeno* tractão já mais extensamente, porém com pouca exactidão e clareza; e a respeito da Elefantíase só *Arquigenes* mostra têla observado. Os *Gregos* Modernos da Escola de *Alexandria* descreverão melhor as molestias de pelle; o que era de esperar, pois estes e *Arquigenes* viverão em paizes, onde ellas erão mais frequentes. Porém os *Arabes* excedêrão a todos aquelles, e com particularidade nas descripções da Lepra e Elefantíase, fixando a differença d'estas enfermidades. (*Lorry*, *Tractatus de morbis cutaneis*: præf. e pag. 360 e seg. — *Mahon*, pag. 186).

(164) A primeira descripção medica das bexigas foi dada por *Ahrun*, como adiante diremos, porém *Rhasis* foi quem primeiro descreveu a *spina ventosa*, e deu mais luz á Symptomatologia e Therapeutica de todas estas molestias novas (*Spreng.* Tom. II. pag. 295, 296 e 317. — *Mahon*, pag. 175).

(165) *Spreng.* Tom. cit. pag. 265.

(166) *Ibid.* pag. 291.

§. LXX. Resta-nos apontar quaes forão os Medicos mais célebres dos *Arabes*; e bem que restringindo-nos ao nosso objecto deveríamos falar só dos que florecêrão na *Hespanha*, todavia a Medicina d'estes he em parte huma compilação do que tinham escripto os das Escolas da *Asia*; e por isso tambem faremos menção d'estes seguindo a ordem chronologica, e procurando os de melhor nota.

§. LXXI. *Abrun*, Padre *Nestoriano*, foi o Escriptor Medico mais antigo d'esta época, pois era contemporaneo de *Paulo de Egina*: compôz huma obra intitulada *Pandectas*, da qual hoje apenas se conservão fragmentos nas Obras de *Rhasis*: foi o primeiro, que descreveu as *bexigas*; e se as idéas, que propôz sobre a Pathologia d'esta nova molestia, não erão correctas, muitos dos seus preceitos de Therapeutica são os que ainda hoje se adoptão (167). No seculo VIII. floreceu huma familia de *Nestorianos* chamada *Baktischwab* (Servos de Christo), cuja fama e credito na Corte dos Califas, e na Escola de *Bagdad* eclipsou todos os Medicos do seu tempo (168). Seguiu-se no seculo IX. *Mesué* o antigo, de quem fala *Rhasis*: porêr mais distincto merecimento teve o seu discipulo *Hbonain* pelas boas traducções, que fez das Obras de *Hippocrates*, *Galeno*, e outros (169).

§. LXXII. Omittindo alguns Medicos d'este seculo, cujos nomes e escriptos são hoje menos conhecidos; a Historia nos offerece, e refere com respeito o nome de *Rhasis*, natural de *Ray* na *Per-*

K 2

sia,

(167) Ibid. pag. 267.

(168) Ibid. pag. 270.

(169) Veja-se a Nota 137.

sia, e que viveu até ao principio do seculo X. A grande reputação d'este Professor de *Bagdad* lhe grangeou o emprego de Director do Hospital d'aquella Cidade, que tambem depois exerceu no da sua patria; onde mostrou que possuia na Clinica conhecimentos nada inferiores ao talento, que brilhava em seus escriptos (170). Por effeito da fama, que adquiriu, foi chamado á Corte de *Cordova*, onde compôz a sua Obra intitulada *Hhawi* (totum continens). N'esta Obra, que forma hum Tractado geral de Medicina, observão-se não só os melhores preceitos colhidos dos Auctores antigos mais acreditados, mas tambem cousas novas e interessantes devidas ao genio observador de *Rhasis* (171).

§. LXXIII. Appareceu depois d'este Medico o célebre *Ali*, chamado o *Magico*, e que escreveu a Obra

(170) *Spreng.* pag. 285.— Com tudo a Filosofia de *Rhasis* participa das doutrinas dos novos *Platonicos*, e resente-se do *Pyrrhonismo*. Sobre o anno da sua morte varião as opiniões dos Historiadores: *Sprengel* diz que em 923, o *Diccionn. Hist.* em 935, *Masdeu* em 1010: esta differença talvez dependa de não concordarem tambem quando falão do Rei ou Regente *Almansor*, que protegeu *Rhasis*, e a quem este dedicou huma de suas Obras. *Masdeu*, facil em acreditar tudo o que podesse elogiar a *Hespanha*, julgando que este *Almansor* fora o Regente na minoridade de *Huxan II.* Rei de *Cordova*, e que morreu em 1002 (*Amaral*, *Obr. cit.* pag. 233), por isso talvez suppõe *Rhasis* mais moderno: porém *Sprengel* (pag. 286 nota 3) mostra por huma passagem do mesmo *Rhasis*, que o seu protector fôra *Almansor* Rei de *Khorasan*.

(171) Segundo *Sprengel* a Obra de *Rhasis* chamada *Hhawi* foi adulterada por outros, como prova com fortes argumentos: escolhendo porém aquelle Historiador Medico o que he de *Rhasis* apresenta (de pag. 288 até 301) muitas doutrinas e preceito, que fazem honra ao Medico de *Bagdad*; e alguns, que mostrão ter-se avantajado aos *Gregos* em *Nevrologia*. Além d'isto veja-se o que fica exposto nas Notas 160 e 164.

Obra intitulada *Almeleky-y* (o Real); a qual escripta em rigorosa ordem scientifica mereceu o maior credito pela erudição, que offerencia. Seu Auctor não foi mero compilador, apresentou theorias proprias, e observações colhidas por elle nos Hospitaes (172). Finalmente *Rhasis* e *Ali* forão d'entre os *Arabes orientaes* os dois Medicos, cujos escriptos merecerião ser adoptados pelas Escolas d'aquelle tempo; e cujo espirito observador e exacto em descrever as molestias, se fosse imitado nos seculos immediatos, illustraria a Medicina Clinica. Mas nem sempre a opinião publica he regular e constante em fazer justiça ao merecimento, e muitas vezes se illude sobre seus proprios interesses. Tal aconteceu a respeito d'aquelles dois Medicos; os quaes, tendo gozado em sua vida celebridade e estima, tiveram de ceder a primazia na opinião publica, apenas appareceu *Avicenna* inferior em conhecimentos e merito (173).

§. LXXIV. Nasceu *Avicenna* em *Bokhara* quasi no fim do seculo X.: foi dotado de vivacidade e talento teve desde tenra idade educação litteraria: e aos dezoito annos já tinha concluido os estudos, e erão celebradas suas curas. Escreveu hum grande Tractado de Medicina, intitulado *Canon*; e bem que esta Obra não tenha outro merecimento mais do que tractar todos os ramos da Sciencia, e conservar methodo na exposição das idéas, as quaes todas são colhidas dos Escriptores *Gregos* e *Arabigos* que lhe precedêrão; todavia hum acaso ou fatalidade inexplicavel a enthronizou em todas as Escolas, onde
por

(172) *Spreng.* Tom. cit. pag. 301, e seg.

(173) *Ibid.* pag. 309. — *Mahon*, pag. 183.

por mais de quinhentos annos foi dictada como oraculo da Medicina: finalmente depois de *Aristoteles* e *Galeno*, diz *Sprengel*, será difficil achar hum homem, que tão longo tempo, e mais despoticamente tenha reinado no imperio das Sciencias (174). Não adiantou pois *Avicenna* a Medicina; que pouco lhe deveu, a não ser o uso dos purgantes *eccoproticos* (175), de que já falámos (§. LXVIII.): ao contrario mostrando em seus escriptos ser mui superficial em Anatomia e Historia Natural, perpetuou na Fysiologia e Pathologia subtilezas escolasticas inuteis na practica, e prejudiciaes aos progressos da boa Clinica, sobre a qual pouco se afastou do que tinham dito *Galeno*, *Rhasis*, e outros. Assim mesmo erão as idéas de *Avicenna* as que prevalecião nas Escolas *Arabigas*; e ainda depois continuárão a vogar nas da *Europa*, e fizerão na Universidade de Coimbra objecto de huma Cadeira, que existiu até á ultima Reforma (176).

§. LXXV, Estes forão os Medicos mais notaveis, que ou em pessoa ou pelos seus escriptos vierão illustrar a Medicina da *Hespanha* e *Lusitania* meridionaes antes da fundação da nossa Monarquia: resta falar dos que erão *Hespanhoes* de nação, e apren-

(174) Obr. cit. — O methodo e clareza na exposição das materias he o maior merecimento das Obras de *Avicenna*; e foi de certo o que lhes deu a preferencia nas Escolas e Universidades, pois as de *Rhasis* e *Ali* são muito mais confusas.

(175) Assim diz *Casiri* Tom. I. pag. 272: porém já *Mesué o Velho* e *Rhasis* mostravão aversão aos purgantes drasticos (*Spreng.* Tom. II. pag. 272): he pois de crer, que *Avicenna* descobrisse alguns *eccoproticos*, e generalisasse mais o uso de todos.

(176) *Compendio Historico da Universidade*, Part. II. Cap. III. §. 78.

prenderão nas Escolas da *Andaluzia*, alguns dos quaes lhes derão a maior fama e gloria. E supposto que nos adiantemos hum pouco da época, onde devia terminar esta Memoria, não duvidamos fazelo, para não se cortar o fio da Historia da Medicina *Arabiga*; e porque parte do nosso Reino principalmente o *Algarve*, que só mais tarde foi reconquistado (177), ainda gozaria da influencia d'estes Medicos.

§. LXXVI. Os primeiros que se nos apresentam são *Abu-Zacharia-Jahia-ben-Mohamad*, vulgarmente chamado *Almudeo*, e *Garibay-ben-Said*, ambos de *Cordova*, e que vivêrão no seculo X.: aquelle fez-se célebre por huma Obra em que refuta *Hippocrates*, *Galeno*, *Rhasis*, *Avicenna* e outros, e propõe contra elles cincoenta Theoremas Medicos (178): este que compôz hum Tractado sobre a geração e sobre o regimen das puerperas e infantes; obra digna de ler-se (179). *Moslema-ben-Ahmad-Abulcassem* natural de *Madrid*, viveu em *Cordova*, foi insigne Mathematico, e escreveu sobre *Quymica* (180). *Ezabragui*, que *Casiri* diz ser o mesmo a que chamarão *Ali-ben-Soliman* vulgarmente *Alzarabi*, estudou a Mathematica, practicou a Medicina em *Cordova* (181), e foi Medico de *Almansor* (182). Estes dois ultimos Medicos entrarão já pelos primeiros annos do seculo XI.

§.

(177) Esta conquista foi feita por ElRei D. *Affonso III.* no ann. 1264 (*A. Brandão*, Mon. Lus. Part. IV. Liv. XV. Cap. XXX.).

(178) *Casiri*, Tom. I. pag. 313.

(179) *Ibid.* pag. 273.

(180) *Ibid.* pag. 378.

(181) *Ibid.* pag. 173, e Tom. II. pag. 138.

(182) *Masdeu*, Tom. XIII. pag. 201.

§. LXXVII. N'este seculo florecêrão tambem *Abdelrahman-ben-Jabia-Allchamita*, e *Omar-ben-Abdelrahman-ben-Ahmad-ben-Ali* conhecido por *Kermanense*. O primeiro exercitou a Medicina muitos annos na Corte; preferindo na practica os alimentos aos remedios, e entre estes os simples aos compostos; escreveu varios volumes sobre materias Filosoficas e Mathematicas, e deu melhor ordem aos Livros de *Dioscorides* e *Galeno* (183): o segundo natural de *Cordova* foi instruir-se nas Escolas do *Oriente*, e voltando á *Hespanha* viveu em *Saragoça*; onde foi mais feliz na practica da Medicina do que na da Cirurgia (184). Pertence tambem ao seculo XI. *Ebn-Alaitam*, *Cordovez*, e que escreveu sobre alimentos, venenos e sobre virtudes de plantas (185).

§. LXXVIII. Porém muito maior estima ganhãrão na opinião dos sabios os dois bem conhecidos Medicos *Albucasis* e *Avenzoar*; aquelle natural dos suburbios de *Cordova*, e este de *Sevilha*, e ambos do seculo XII (186). O espirito corajoso, juizo claro, e genio observador d'estes dois Medicos, rompendo as prisões com que a educação *Mahometana*, suas maximas religiosas, e governo despotico maneatavão as Sciencias, lhes grangeárão a gloria de originaes em alguns objectos, e a reputação

(183) Ibid. pag. 202.

(184) *Casiri*, Tom. I. pag. 435.

(185) Ibid. Tom. II. pag. 139.

(186) Não concordão os Historiadores sobre a época, em que viveu *Albucasis*, se foi anterior a *Avenzoar*, ou posterior: as differenças porém são pouco sensiveis, de maneira que não custa a crer, que fossem coevos em alguns annos; pois ambos morrerão no seculo XII. (*Spreng*. Tom II. pag. 327, e 332 Nota 1. — *Diccionn. Hist.*).

ção de mais severos criticos do que os seus antepassados. *Albucasis* dedicou-se mais ao estudo da Cirurgia, e pode chamar-se o restaurador d'este importante ramo da arte de curar, o qual estava em abandono nos seculos precedentes. Prejuizos nacionaes tinham condemnado ao desprezo o estudo practico da Anatomia (§. LXVI.): *Albucasis* venceu estes prejuizos: e instruido pelos conhecimentos anatomicos, e exercicio cirurgico, fez hum Tractado de operações de Cirurgia, o qual em relação ao tempo he digno de elogios, e com justiça adquiriu para o seu Auctor o conceito de unico Cirurgião dos *Arabes* (187). *Avenzoar* estudou tambem a Anatomia, e cultivou a Cirurgia; porém o seu nome he mais célebre pela practica da Medicina: porque, desprezando as subtilezas sofisticas, que de longo tempo empecião ao progresso da Sciencia, abraçou os dictames de *Hippocrates*; e só na observação e experiencia julgou bem fundados os verdadeiros principios da Clinica. Seguindo pois o rumo do Medico practico, foi original em muitos preceitos e regras para o tractamento de algumas enfermidades (188).

§. LXXIX. Foi contemporaneo d'estes Medicos o célebre *Averrhoes*, de familia nobre, e natural de *Cordova*. Dizem que fôra discipulo de *Avenzoar*: mas se o foi, muito se afastou do systema de seu Mestre entregando-se com excesso ás theorias

L

da

(187) *Spreng.* Tom. cit. pag. 328 e seg. — *Mahon*, pag. 185.

(188) *Obr. cit.* — Entre as cousas novas, que se achão nas Obras de *Avenzoar*, notão-se observações sobre molestias dos ossos, applicação do trepano para curar os abcessos do mediastino; observações sobre molestias do pericardio; e o uso do leite de burra nas doencas de peito.

da Metaphysica. A Filosofia *Aristotelica* fez a parte mais essencial do seu estudo; e por isso do seu merecimento deve antes decidir a Historia da Filosofia do que a da Medicina, á qual não fez serviços dignos de particular louvor. (189).

§. LXXX. Não terminaremos esta materia sem falar de *Abdalla-ben-Ahmad-Dbiaeddin*, vulgarmente *Ebn-Al-Baithar*, natural de *Malaga*, Philosopho, e Medico, mui instruido na Botanica em consequencia de viagens, que sobre este objecto fez á *Grecia e Oriente*; e sobre que deixou huma Obra, que *Casiri* muito elogia, e reputa digna da impressão (190). *Al-Baithar* fez tambem a critica das obras de *Jahiah-ben-Deschela* (191), e huns Elementos de Veterinaria (192). Foi tal o conceito e estima, que no *Oriente* se fez d'este Medico, que por voto das Academias se lhe quiz dar o titulo de Arquiatro, o que elle recusou; e achando-se em *Damasco*, o Rei *Malekum-Alkamel* lhe conferiu a dignidade de Visir. Morreo em 1248 estando n'aquella Cidade (193).

§. LXXXI. Tal foi a serie dos mais notaveis Medicos, que houve entre os *Arabes*: aos quaes se não

(189) *Spreng.* Tom. II. pag. 337.

(190) *Casiri*, Tom. I. pag. 276.

(191) *Jahiah* foi Medico *Christão* de *Bagdad* no seculo XI, abraçou o Mahometismo, e escreveu huma especie de Encyclopedia Medica (*Spreng.* Tom. II. pag. 327).

(192) Esta obra foi certamente a unica mais azada, que houve na *Hespanha* para o estudo da Veterinaria; ao menos parece que esta teve a preferencia: pois até se adoptou o nome do Auctor para designar a pessoa, que practica a Veterinaria; e assim do Arabe *Al-Baithar* derivarão os *Hespanhoes* as palavras *albeytar*, *albeyteria*, e os *Portuguezes* *alveitar*, *alveitaria*.

(193) *Casiri*, loc. cit.

não temos de agradecer vantajosos progressos na Faculdade, sendo mui poucas as idéas originaes e os descobrimentos uteis do seu tempo; ao menos cumpre não lhes negar o reconhecimento de nos terem conservado e transmittido a *Medicina Grega*.

§. LXXXII. Qual seria porém n'estes quatro seculos a Medicina nas Provincias septentrionaes da *Lusitania* occupada pelos *Godos*? Que meios se lhe offerecião, para ella melhorar do seu antigo estado? Que analogia ou comparação poderia ter com a *Medicina Arabiga*? A todas estas questões responde a Historia ainda mais convincentemente quando nem palavra diz sobre a Medicina e Medicos dos *Godos Hespanhoes*, do que quando refere alguns factos estranhos ao nosso objecto, mas de que o Historiador pode tirar algumas inferencias. Os meios, porque os *Arabes* da *Hespanha* sahirão da sua primitiva barbaridade, e chegarão a instruir-se, vierão-lhes do *Oriente* (§. LVII. e seg.): porém os *Godos* nem podião esperálos d'aquelles paizes, porque não se estendião tão longe as suas relações politicas e mercantís; nem buscálos na *Europa*, onde apenas se começavão a fazer alguns esforços para dissipar as trevas da ignorancia (194).

§. LXXXIII. Era n'aquelle tempo a Medicina practicada no resto da *Europa* ou pelos *Ecclesias-*

L 2

ti-

(194) *Carlos Magno* foi dos Soberanos *Christãos* o primeiro, que mais decisivamente e com mais energia pertendeu animar as Letras: o seu Palacio foi a primeira Academia na *França*, e ali concorrião os Sabios mais acreditados, que o Imperador convocou; entre os quaes foi mais célebre o Inglez *Alcuin*: este de concerto com *Theodulfo*, Bispo de *Orleans* estabelecerão as Escolas nas *Cathedraes* e *Conventos*; sendo as mais nomeadas as de *Leão*, *Metz*, *Fulde*, *Hirschau*, *Reichenau*, e *Osnabruck*. As materias,

ticos, que no recinto dos Templos e Mosteiros guardavam alguns restos das antigas Sciencias; ou pelos *Judeos*, que tinham a facilidade de frequentar as Escolas *Arabigas*, e as proprias e nacionaes (195), d'onde passavam a estabelecer-se nos paizes *Christaos*: porêm huns e outros talvez por se accommodarem ás idéas do seculo, ou pela imperfeição e escasez de seus conhecimentos, involvião a Clinica em mil superstições e charlatenerias, que offuscavão o merecimento da Profissão, e lhe embargavão os passos. Assim mesmo os Medicos *Judeos* devião o maior conceito ao *Christãos*, e erão exclusivamente convocados para as Camaras dos Reis (196). Porêm he certo que nem dos *Ecclesiasticos* nem dos *Judeos* d'esta época se acha hum só Medico, que possa hombrar os medianos de entre os *Arabes*.

§.

que ali se ensinavão, erão a Grammatica, Arithmetica, Musica, Rhetorica, Dialectica, Geometria, e Astronomia; porêm o Imperador em 80; mandou tambem encorporar a Medicina ás outras Sciencias (*Spreng.* Tom. II. pag. 347 e seg.). Era porêm a Medicina d'estas Escolas mui imperfeita, empirica, e supersticiosa; praticada pelos Ecclesiasticos, unicos que se davão ás Letras; e faltavão livros, d'onde se recebessem as luzes da Medicina *Grega*. Maior credito e melhor Medicina tiverão as Escolas de *Salerno* e *Napoles*, d'onde com mais fundamento se deve deduzir a origem da restauração das Letras e particularmente da Medicina, como a seu tempo diremos.

(195) Os *Judeos* posto que algumas vezes forão perseguidos pelos *Mouros*, de ordinario viverão com estes, e frequentarão as Escolas de *Andaluzia*. Sobre as Escolas proprias e nacionaes veja-se a Nota 138.

(196) Diz-se que *Carlos Magno* tivera dois Medicos *Judeos* (*Mahon*, pag. 200): *Sedecias*, igualmente *Judeo*, foi Medico de *Luiz le Debonnaire*, e de *Carlos le Chauve* (*Eloy*, Diction. de Med.). Ainda posteriormente se conservou o costume de procurar Medicos *Judeos*; e alguns houve na Camara dos nossos Reis.

§. LXXXIV. Na seguinte Memoria mais algumas noticias daremos sobre a Medicina d'estas duas classes de Medicos, por ser a que tambem vogou nos primeiros seculos da nossa Monarquia: por agora bastará dizer que esta Sciencia, bem como todas as outras Naturaes, longe de melhorar n'estes quatro seculos entre os *Godos*, cada vez decahiu mais: e não he muito que assim acontecesse, quando até no conhecimento das linguas, sem o qual se não dá passo nas Sciencias, os *Godos*, antes os mais instruidos da *Europa* (§. XLVII. not.), chegarão n'este tempo á maior ignorancia, como attestão os diplomas e escripturas *latinas* feitas mesmo por *Ecclesiasticos*, nas quaes se observa hum continuado barbarismo (197). Em huma palavra o enthusiasmo de reconquistar a *Hespanha*, apenas dava logar aos Estudos Sagrados pelo empenho, que igualmente havia de sustentar a pureza do Christianismo, e defendelo do contagio *Mahometano* (198): e tal era a falta de Medicos entre os *Godos*, que ElRei D. *Sancho* teve de ir a *Cordova* para consultar os Medicos d'aquella Corte (199).

§. LXXXV. Nem a proximidade das Escolas *Arabigas* da *Andaluzia* pôde influir para a instrucção dos *Godos* (200): o que naturalmente procedia da indisposição, que sempre houve entre elles e os *Mouros*; de modo que ainda mesmo em tempo de paz fugião de communicar e ter intimidade com elles (Nota 130). A pezar d'isto alguns *Christãos*, que vivião em terras de *Sarracenos*, não deixarão de

(197) *Amaral*, Obr. cit. pag. 212.

(198) *Masdeu*, Tom XIII. pag. 196 e 199.

(199) *Ibid.* pag. 200.

(200) *Amaral*, loc. cit.

de frequentar as Escolas d'estes: porêr sô temos noticia de hum chamado *Romão*, natural de *Cordova*, que se applicasse á Medicina e a practicasse, mas n'esta Cidade (201). N'aquellas Escolas se formáão tambem dois Medicos *Judeos*, *Jonas-ben-Ganac*, e *Emram-ben-Isaac*; o ultimo dos quaes esteve ao serviço de *D. Affonso VI.*, e foi seu Secretario de lingua *Arabiga* (202).

§. LXXXVI. Começavão já n'esta época os *Godos* a fundar Hospitaes, unicos estabelecimentos Medicos que tiverão. Esta lembrança porêr foi-lhes provavelmente suscitada, por lhes constar que os havia entre os *Arabes*: e julgamos tambem que os *Godos* fundavão estas casas mais por espirito de caridade, do que para aperfeiçoar a Medicina, e que por tanto os seus Hospitaes forão antes abrigo de pobres, do que alivio de enfermos. Consta pois, que houve estes Hospitaes em *Oviedo*, *Compostella*, *Barcelona*, *Aconada*, e *Leão*; os primeiros mandados estabelecer por *D. Affonso II.* e *III.*, e *D. Ramiro I.*, e os outros por differentes Bispos e Condes (203). Cresceu porêr o gosto de fazer Hospitaes ou albergarias depois das guerras das Cruzadas, em que os *Christãos* observárão melhor os costumes *Orientaes*. Mas larguemos a penna, que, seguindo o fio da Historia, insensivelmente ia entrando na época da Memoria II.

FIM DA MEMORIA I.

IN-

(201) *Masdeu*, Tom. XIII. pag. 199 citando *Pablo Alvaro* (Lib. Epist. Carta IX. pag. 151).

(202) *Masdeu*, Tom. cit. pag. 200.

(203) *Ibid.* pag. 153.

I N D I C E
D O S
C A P I T U L O S
D A
M E M O R I A I.

P	REFACIO. - - - - -	Pag. 1
CAP. I.	<i>Da Medicina Lusitana antes da invasão dos Romanos.</i> - - - - -	I
CAP. II.	<i>Da Medicina Lusitana depois da invasão dos Romanos.</i> - - - - -	10
CAP. III.	<i>Da Medicina Lusitana depois da invasão dos Povos do Norte.</i> - - - - -	46
CAP. IV.	<i>Da Medicina Lusitana depois da invasão dos Arabes.</i> - - - - -	57

INDICE

D O S

CAPITULOS

D A

M E M O R I A I

PREFACIO	1
CAP. I. Da Medicina Lusitana antes da	
invenção dos Romanos	1
CAP. II. Da Medicina Lusitana depois da	
invenção dos Romanos	10
CAP. III. Da Medicina Lusitana depois da	
invenção do Poder da Natureza	46
CAP. IV. Da Medicina Lusitana depois da	
invenção dos Arabes	57

C A T A L O G O

Das Obras já impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

- | | | |
|-------|---|------|
| I. | B Reves Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes, para formar hum Museu Nacional, folheto em 8.º - - - - - | 120 |
| II. | Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal, remetidas á Academia por João Antonio Dalla Bella, Socio da mesma, 1 vol. em 4.º - - - | 480 |
| III. | Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, pelo mesmo. <i>Segunda Edição accrescentada pelo Socio da Academia</i> Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, 1 vol. em 4.º - - | 480 |
| IV. | Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. em 8.º - - - - - | 480 |
| V. | Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. em 4.º - - - - - | 640 |
| VI. | Ejusdem Institutiones Juris Civilis et Criminalis Lusitani, 5 vol. em 4.º - - - - | 2400 |
| VII. | Osmia, Tragedia coroada pela Academia, folheto em 4.º - - - - - | 240 |
| VIII. | Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, folheto em 4.º - - - - - | 160 |
| IX. | Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem arabe, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.º - - - - | 480 |

- X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum, 1 vol. em 8.^o - - - - - 200
- XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para os annos de 1789 até 1798 inclusivamente, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia: para cada anno 1 vol. em 4.^o - - - 360
O mesmo para o anno de 1821. - - - - - 360
- XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. em 4.^o 4000
- XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, desde o Reinado do Senhor Rei D. Diniz, até o do Senhor Rei D. João II., 4 vol. em *folio* - - - - - 7200
- XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folheto* em 8.^o - - - - - gr.
- XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, 1 vol. em 4.^o - - - - - 360
- XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, de ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.^o - 480
- XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio effectivo da mesma, 1 tom. em 8.^o - - - 480
- XVIII. Flora Cochinchinensis, sistens Plantas in Regno Cochinchinae nascentes. Quibus accedunt aliae observatae in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiaeque locis variis; labore

- re ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiae Ulyssiponensis Socii: Jussu Academiae in lucem edita, 2 vol. em 4.º *mai.* 2400
- XIX. Synopsis Chronologica de Subsídios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia R. das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Numero da mesma Academia, 2. vol. em 4.º - - - - - 1800
- XX. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, 1 vol. em 4.º - - - - - 360
- XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. em 8.º - - - - - 600
- XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folheto* em 4.º - 120
- XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. em 4.º - - - - - 6400
- XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, 1 vol. em 4.º 400
- XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, 1 vol. em *folio mai.* - - - - - 4800
- XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introduçção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia, em 8.º - - - - - 240
- XXVII. Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Serenissimo Principe da Beira o Senhor D. Pedro, e publicado de ordem da Academia Real das Sciencias, pelo seu Socio D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. *Segunda Edição corrigida, e accrescentada pelo mesmo Auctor*, 1 vol. em 4.º - - - - - 480

- XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevão Cabral, Socio da Academia, em 8.º - 240
- XXIX. Analyse Chymica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez, *folheto* em 4.º - 240
- XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1 vol. em 8.º - 480
- XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 5 vol. e 1.ª parte do 6.º vol. em *folio* - 11000
- XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. em 4.º - 480
- XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomática Portugueza por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. em 4.º - 480
- XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum, 1 vol. em 4.º - 960
- XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. em 4.º - 800
- XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle, &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves: para distribuir-se ao Exercito Portuguez, *folheto* em 12.º - gr.
- XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569*, *folheto* em 12.º - 120
- XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. em 4.º - 480
- XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P., 1 vol. em 8.º - 480
- XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Co-

Código Filippino, por João Pedro Ribeiro, 5 vol. em 4.º - - - - -	4500
XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stoc- kler, Secretario da Academia Real das Scien- cias, 1.º vol. em 8.º - - - - -	800
XLII. Collecção dos principaes Auctores da His- toria Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia R. das Sciencias, 8 Tom. em 8.º - - - - -	4800
XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. em 4.º - - - - -	2400
O Tomo IV. Parte I. - - - - -	400
XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tom. I.º Numeros 1.º, 2.º, 3.º, e 4.º - - - - -	600
O Tomo II. - - - - -	800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phe- dra, Tragedia de Racine: traduzidas em ver- so, pelo Socio da Academia Sebastião Fran- cisco de Mendo Trigozo, <i>com os textos.</i> - - - - -	600
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Numeros I. até XIII. - - - - -	300
XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia. <i>Segun- da edição corrigida, e augmentada pelo mesmo Auctor</i> , 1 vol. em 4.º - - - - -	600
XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utili- dades do Plantio de novos bosques em Portu- gal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1 vol. em 4.º - - - - -	400
XLIX. Taboadas Perpetuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza, 1 vol. em 4.º - - - - -	600
L. Elementos de Geometria, por Francisco Vil- lela Barbosa, Socio da Academia Real das Sciencias. <i>Segunda edição</i> , 1 vol. em 8.º - - - - -	960
LI. Memoria para servir de Indice dos Foraes das Terras do Reino de Portugal, e seus do- minios: por Francisco Nunes Franklin, 1 vol. em 4.º - - - - -	480

LII. Tratado de Policia Medica, no qual se comprehendem todas as materias, que podem servir para organizar hum Regimento de Policia de Saude para o interior do Reino de Portugal, por José Pinheiro de Freitas Soares, 1 vol. em 4.º - - - - -	800
LIII. Tratado de Hygiene Militar e Naval, pelo Socio Joaquim Xavier da Silva, 1 vol. em 4.º - - - - -	400
LIV. Principios de Musica, ou Exposição Methodica das doutrinas da sua composição e execução, pelo Socio Rodrigo Ferreira da Costa: 1.º vol. em 4.º - - - - -	1200
LV. Tratado de Trigonometria Rectilinea e Spherica, por Mattheus Valente do Couto, 1 vol. em 4.º - - - - -	300
LVI. Ensaio Dermosographico, ou Succinta e Systematica Descripção das Doenças Cutaneas, &c. por Bernardino Antonio Gomes. - - -	1200
LVII. Memorias para a Historia da Medicina Lusitana, por José Maria Soares. - - -	360

Estão no prelo as seguintes.

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia, João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, e outros.

Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.

Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações ultramarinas.

Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.

Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.

Obras escolhidas do Padre Vieira.

Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou principios da Grammatica Geral applicados á nossa Linguagem, por Jeronymo Soares Barboza.

Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação doCodigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, Part. VI.

Col-

Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza ,
5.º vol. em *folio*.

Memorias da Academia Tom. VII. e Tom. VIII. Part I.

Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portugueza , por Fr. Francisco de S. Luiz Monge de S. Bento.

Principios de Musica , ou Exposição Methodica das doutrinas da sua composição e execução , pelo Socio Rodrigo Ferreira da Costa : II.º vol.

Vendem-se em Lisboa nas lojas dos Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina ; e em Coimbra , e no Porto tambem pelos mesmos preços.

Collecção de livros raros de historia Portugueza,
de vol. 1.º
Memorias do Arcebispo Tom. VII e Tom. VIII. Part. I.
Relação de alguns lugares da Ilha de Portugal
na parte da fronteira do S. João do Rio de S. João.
Tractado de Musica, ou do modo de se fazer as
canções de sua compozição e execução, pelo Sr.
othe Rodrigo Pereira da Costa: II.º vol.

Tractado de canção nas liras das Mestresas de S.
João na Ilha de Portugal de Santa Catharina: e em
Columba, e no Porto de Lisboa pelas mesmas partes.

